

ELAINE CRISTINA DE OLIVEIRA

**UM ESTUDO COMPARATIVO DO FUNCIONAMENTO DAS
PAUSAS NA ATIVIDADE VERBAL DE SUJEITOS
PARKINSONIANOS**

São José do Rio Preto
2003

ELAINE CRISTINA DE OLIVEIRA

UM ESTUDO COMPARATIVO DO FUNCIONAMENTO DAS
PAUSAS NA ATIVIDADE VERBAL DE SUJEITOS
PARKINSONIANOS

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Lingüística)

Orientador: *Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho*

São José do Rio Preto
2003

Oliveira, Elaine Cristina de

Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos / Elaine Cristina de Oliveira – São José do Rio Preto : [s.n.], 2003
178 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista.
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Fonética. 2. Linguagem. 3. Linguagem - Pausa. 4. Linguagem - Doença de Parkinson. I. Jurado Filho, Lourenço Chacon. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'342

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho – Orientador
Prof^ª. Dr^ª. Maria Irma Hadler Coudry – 2º Examinador
Prof. Dr^ª. Erotilde Goreti Pezatti – 3º Examinador

Suplentes

Prof^ª. Dr^ª. Eleonora Cavalcante Albano
Prof^ª. Dr^ª. Adelaide Hercilia Pescatori Silva

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	04
LISTA DE QUADROS.....	09
LISTA DE GRÁFICOS.....	10
LISTA DE FIGURAS.....	11
RESUMO.....	12
ABSTRACT.....	13
 0.APRESENTAÇÃO.....	 14
 1.	
INTRODUÇÃO.....	17
1.1 A doença de Parkinson.....	17
1.2 As pausas.....	33
1.2.1 Sobre lugares de ocorrência das pausas no fluxo discursivo.....	33
1.2.2 Sobre o vínculo entre pausas e organização textual.....	36
1.3 Justificativas e objetivos.....	40
 2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	 42
2.1 Sujeitos	42
2.2 Procedimentos de registro.....	42
2.3 Transcrição.....	44
2.4 Seleção e digitalização das pausas.....	44
2.5 Forma de análise dos resultados.....	50
 3. EXPOSIÇÃO DOS RESULTADOS.....	 55
3.1 Relações entre turnos discursivos e pausas iniciais.....	55
3.2 Turnos desenvolvidos e turnos não desenvolvidos.....	58
3.2.1 Turnos desenvolvidos com e sem pausa inicial.....	60
3.2.2 Turnos não desenvolvidos com e sem pausa inicial.....	62
3.3 Relações entre desenvolvimento de turnos e duração das pausas iniciais.....	64
3.3.1 Dados relativos à duração das pausas.....	64
3.3.2 Correlações entre turnos desenvolvidos e duração das pausas iniciais....	67

3.3.3 Correlações entre turnos não desenvolvidos e duração das pausas iniciais.....	70
3.4 Relações entre desenvolvimento de turnos e preenchimento das pausas iniciais...	73
3.4.1 Dados relativos ao preenchimento ou não das pausas.....	73
3.4.2 Correlações entre turnos desenvolvidos e possibilidade de preenchimento das pausas iniciais.....	76
3.4.3 Correlações entre turnos desenvolvidos e possibilidade de preenchimento das pausas iniciais.....	79
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	82
4.1 Funcionamentos das pausas mais comuns entre os dois sujeitos.....	83
4.1.1 Correlação entre frequência de pausas e turnos conversacionais.....	83
4.1.1.1 Correlação entre duração das pausas e desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos.....	85
4.1.1.2 Correlação entre preenchimento (ou não) de pausas e desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos.....	88
4.1.2 Correlação entre características gerais das pausas e atividade enunciativa dos sujeitos.....	100
4.2 Funcionamento das pausas mais específicos a cada um dos sujeitos.....	103
4.3 A título de conclusão.....	105
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117
ANEXOS.....	126

AGRADECIMENTOS

Ao Sr. Célio Nabuco e Jurandir Pavarini;

Ao meu marido Murilo Bereta Duarte pelo apoio e paciência nas longas horas de ausência;

Dalma, Benedito, Eliane, Waldir, Eliana e Cidinha;

Cristiane, Julyana, Vanda e Carol pelo pouso das madrugadas;

Lilian Fátima Zaniboni pela ajuda nas horas de dúvidas;

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa por ter despertado em mim a paixão pela escrita;

E a tanto outros que o limite de páginas não me permitem declarar o quanto foram preciosos na minha caminhada, ou retirando as pedras ou mostrando o caminho;

Maria Irma Hadler Coudry,

Erotilde Gorete Pezatti,

Eleonora Cavalcanti Albano,

Larissa Cristina Berti,

Claudia Regina Mosca Giroto.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao Lore,

Por ter sempre acreditado em mim nos momentos que eu mais precisei.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Duração da atividade discursiva e total de turnos discursivos.....	55
Quadro 02 – Distribuição dos turnos discursivos iniciados com e sem pausa.....	57
Quadro 03 – Turnos discursivos desenvolvidos e não desenvolvidos.....	58
Quadro 04 – Distribuição dos turnos desenvolvidos com e sem pausa.....	60
Quadro 05 – Distribuição dos turnos não desenvolvidos com e sem pausa.....	62
Quadro 06 – Distribuição das pausas por faixa de duração.....	64
Quadro 07 – Distribuição das pausas em relação aos turnos desenvolvidos.....	67
Quadro 08 – Distribuição das pausas em relação aos turnos desenvolvidos.....	70
Quadro 09 – Distribuição das pausas quanto ao preenchimento.....	73
Quadro 10 – Distribuição das pausas quanto a sua possibilidade de preenchimento em relação aos turnos desenvolvidos.....	76
Quadro 11 – Distribuição das pausas quanto a sua possibilidade de preenchimento em relação aos turnos não desenvolvidos.....	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Distribuição dos turnos discursivos.....	56
Gráfico 02 – Turnos iniciados com pausa.....	57
Gráfico 03 – Turnos iniciados sem pausa.....	57
Gráfico 04 – Turnos desenvolvidos.....	59
Gráfico 05 – Turnos não desenvolvidos.....	59
Gráfico 06 – Turnos desenvolvidos com pausa.....	61
Gráfico 07 – Turnos desenvolvidos sem pausa.....	61
Gráfico 08 – Turnos não desenvolvidos com pausa.....	63
Gráfico 09 – Turnos não desenvolvidos sem pausa.....	63
Gráfico 10 – Turnos iniciados por pausas breves.....	65
Gráfico 11 – Turnos iniciados por pausas médias.....	65
Gráfico 12 – Turnos iniciados por pausas longas.....	66
Gráfico 13 – Turnos desenvolvidos com pausas breves.....	68
Gráfico 14 – Turnos desenvolvidos com pausas médias.....	68
Gráfico 15 – Turnos desenvolvidos com pausas longas.....	68
Gráfico 16 – Turnos não desenvolvidos com pausas breves.....	71
Gráfico 17 – Turnos não desenvolvidos com pausas médias.....	71
Gráfico 18 – Turnos não desenvolvidos com pausas longas.....	71
Gráfico 19 – Turnos iniciados com pausas silenciosas.....	74
Gráfico 20 – Turnos iniciados com pausas preenchidas.....	74
Gráfico 21 – Turnos iniciados por pausa mista.....	74
Gráfico 22 – Turnos desenvolvidos com pausas silenciosas.....	77
Gráfico 23 – Turnos desenvolvidos com pausas preenchidas.....	77
Gráfico 24 – Turnos desenvolvidos com pausas mistas.....	77
Gráfico 25 – Turnos não desenvolvidos com pausas silenciosas.....	80
Gráfico 26 – Turnos não desenvolvidos com pausas preenchidas.....	80
Gráfico 27 – Turnos não desenvolvidos com pausas mistas.....	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Digitalização de uma pausa inicial breve de 0.64 ms.....	45
Figura 02 – Digitalização de uma pausa inicial média de 1.33 ms.....	45
Figura 03 – Digitalização de uma pausa inicial longa de 1.78 ms.....	45
Figura 04 – Digitalização de uma pausa inicial não-preenchida ou silenciosa.....	46
Figura 05 – Digitalização de uma pausa inicial preenchida.....	46
Figura 06 – Digitalização de uma pausa inicial mista.....	46
Figura 07 – Digitalização da pausa inicial mista de C, destacada no exemplo 09.....	90
Figura 08 – Digitalização da pausa inicial mista de J, destacada no exemplo 10.....	91
Figura 09 – Digitalização da pausa inicial mista do sujeito C, destacada no exemplo 11.....	92
Figura 10 – Digitalização da pausa inicial mista de J, destacada no exemplo 12.....	92
Figura 11 – Digitalização da pausa inicial silenciosa de C, destacada no exemplo 13.....	93
Figura 12 – Digitalização da pausa inicial silenciosa de J, destacada no exemplo 14.....	94
Figura 13 – Digitalização da pausa inicial silenciosa de C, destacada no exemplo 15.....	94
Figura 14 – Digitalização da pausa inicial silenciosa de J, destacada no exemplo 16.....	95
Figura 15 – Digitalização da pausa inicial mista C, destacada no exemplo 17.....	97
Figura 16 – Digitalização da pausa inicial mista J, destacada no exemplo 18.....	97
Figura 17 – Digitalização da pausa inicial mista de C, destacada no exemplo 19.....	98
Figura 18 – Digitalização da pausa inicial mista de J, destacada no exemplo 20.....	99
Figura 19 – Digitalização da pausa inicial mista de C destacada no exemplo 21.....	102
Figura 20 – Digitalização da pausa inicial mista de J destacada no exemplo 22.....	102
Figura 21 – Digitalização da 1ª pausa inicial de C destacada no exemplo 23.....	108
Figura 22 – Digitalização da 2ª pausa inicial de C destacada no exemplo 23.....	108
Figura 23 – Digitalização da pausa inicial de J, destacada no exemplo 24.....	109

OLIVEIRA, E. C. *Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos*. São José do Rio Preto, 2003. 178p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

RESUMO

Este estudo teve como objetivos: (1) analisar se o modo como as pausas de início de turno são utilizadas na conversa espontânea de parkinsonianos se modifica após um intervalo significativo de tempo; em caso afirmativo (2) identificar quais aspectos da linguagem poderiam estar envolvidos nessas modificações; (3) identificar se essa modificação no uso das pausas iniciais estaria ligada a uma possível progressão da doença; (4) finalmente, propor uma mudança na metodologia utilizada pela maioria dos estudos sobre a doença de Parkinson, buscando, por meio de registros de conversa espontânea, um enfoque interacionista e discursivo para os problemas verbais destes sujeitos. Foram realizadas duas gravações de conversa espontânea de dois sujeitos parkinsonianos, com intervalo de um ano e oito meses entre elas e duração máxima de 39 minutos cada uma. Após as gravações, os dados foram transcritos e, posteriormente, digitalizados no programa computacional Multi Speech. Selecionamos e recortamos somente as pausas em início de turno e comparamos sua ocorrência na primeira e na segunda gravação. Nesta comparação, observamos: (1) frequência de pausas e turnos conversacionais; (2) presença de pausa em turnos desenvolvidos e não desenvolvidos; (3) tipo de pausa em termos de duração que antecederam turnos desenvolvidos e não desenvolvidos; e (4) características de preenchimento acústico de pausas que antecederam turnos desenvolvidos e não desenvolvidos. Feita essa comparação, verificamos que o intervalo de tempo de um ano e oito meses foi significativo para que pudéssemos observar mudanças na ocorrência das pausas, e em suas características de duração e preenchimento. Quanto à ocorrência, observamos uma tendência à diminuição; no que se refere à duração, vimos que os sujeitos passaram a utilizar menos pausas breves e mais pausas médias e longas em sua atividade verbal; e, quanto ao seu aspecto de preenchimento, os sujeitos diminuíram o uso de pausas silenciosas e aumentaram o uso de pausas preenchidas e mistas. A análise de nossos dados indicou também que aspectos da linguagem de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa parecem estar envolvidos na mudança de funcionamento das pausas em início de turnos de nossos sujeitos parkinsonianos. Durante a análise e discussão dos dados, levantamos a hipótese de que a mudança nas características das pausas não só podia estar relacionada ao aumento de dificuldades motoras e cognitivas que nossos sujeitos vivenciaram com o decorrer do tempo, como também podia indicar que essa progressão da doença de Parkinson vinha se dando de modo particular a cada um de nossos sujeitos. Por fim, pudemos observar que a mudança metodológica realizada em nosso estudo nos possibilitou observar a linguagem em seu funcionamento e compreender um pouco mais sobre o papel das pausas no processo de construção e reconstrução da linguagem desses sujeitos.

Palavras-chave: doença de Parkinson; pausa; discurso.

OLIVEIRA, E. C. *A comparative study of functioning of pauses in verbal activity in the subject parkinsonians*. São José do Rio Preto, 2003. 178p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ABSTRACT

This study had as objectives: (1) to analyze the way how the pauses of beginning of shifts are used in spontaneous talking of parkinsonians if modify after a significant interval of time; in case of affirmative (2) to identify what aspects of language could be involved in these modifications; (3) to identify if this modification in the use of the initial pauses would be linked to a possible progression of disease; (4) finally, to propose a change in the methodology used by the most of study about a Parkinson's disease, searching, by the mean of registers of spontaneous, talking, a focus interactionist and discursive for the verbal problems of these subjects. Two recordings of spontaneous talking of two subject parkinsonians were accomplished, with interval of one year and eight months between them and maximum duration of thirty-nine minutes each one. After the recordings, the datas were transcribed and, later on, digitalized in the Multi Speech computer program. We have selected and recorded only the pauses in the beginning of shift and compared its occurrence in the first and second recording. In this comparison, we observed: (1) frequency of pauses and conversational shifts; (2) presence of pause in developed shifts and not developed shifts; (3) the kind pause in terms of duration that preceded developed shifts and not developed shifts; and (4) characteristics of acoustic fulfillment of pauses that preceded developed shifts and not developed. After making this comparison, we verified that the interval of time of one year and eight months it was significant so that we could observe changes in the occurrence of pauses, and in its characteristics of duration and fulfillment. With relationship to the occurrence, we observed a tendency to the decrease; and concerning duration, we saw that the subjects started to use less brief pauses and more pauses averages and long in its verbal activity; and, with relationship to its aspect of fulfillment, the subjects decreased the use of silent pauses and they increased the use of filled pauses and mixed. The analysis of our data also indicated that aspects of the language of order motive, cognitive, conversational and enunciative seem to be involved in change of functioning of the pauses in beginning of shifts from our subject parkinsonians. During the analysis and discussion of data, we lifted the hypothesis that the change in the characteristics of the pauses not only could be related to the increase of motive and cognitive difficulties that our subject have lived with elapsing of the time, as well as it could indicate that this progression of the Parkinson's disease came if giving to each one of our subjects in a private way. Finally, we could observe that the methodological change accomplished in our study gave us possibility to observe the language in its functioning and to understand a little more on the role of the pauses in the construction process and reconstruction of the language of those subjects.

Key-words: Parkinson's disease; pause; discourse.

0 – APRESENTAÇÃO

Considerando o fato de que grande parte dos estudos sobre a pausa na doença de Parkinson restringe-se a descrições de suas características acústicas de duração e de preenchimento, sem se preocupar com o papel da pausa na organização da atividade discursiva de sujeitos com essa doença, este estudo tem como proposta compreender como as pausas de início de turno são utilizadas na conversa espontânea de sujeitos parkinsonianos, observar se o uso das pausas iniciais modifica-se ao longo da progressão da doença, e ainda, no caso de haver modificação, analisar quais fatores, além daqueles de ordem motora (tematizado pela literatura especializada sobre o parkinsonismo), contribuem para a mudança na utilização dessas pausas.

Acreditamos que uma das contribuições que este estudo pode trazer para a literatura especializada em doença de Parkinson diz respeito ao aspecto teórico-metodológico. Como procuraremos mostrar em nossa revisão bibliográfica, a maioria dos estudos utiliza estratégias de repetição ou leitura de palavras e de sentenças para analisar a pausa em sujeitos parkinsonianos. No entanto, entendemos que só é possível compreender o papel da pausa na atividade discursiva quando analisamos dados de uma situação real de comunicação. Dessa forma, nosso estudo se fundamenta em teorias lingüísticas que compreendem a fala como um modo de enunciação da linguagem, e a pausa como constitutiva do exercício da linguagem e possível de ser analisada em correlação com fatores conversacionais nas e pelas instâncias discursivas.

É importante destacar que a maioria dos estudos que se propõem a estudar a pausa na literatura sobre a doença de Parkinson vincula sua ocorrência diretamente a dificuldades motoras características da doença, deixando fora de consideração aspectos lingüísticos que envolvem o emprego de pausas na fala. Conseqüentemente, nesses estudos, a pausa é vista num contexto de dissociações e não de relações – fato que faz com que, nessa perspectiva, qualquer mudança nas características das pausas só possa ser vista como um sintoma de uma patologia. Contrapondo-se a essa perspectiva, enfocaremos a pausa no funcionamento da linguagem, ou seja, no contexto das relações, por estarmos cientes de que estudar o funcionamento das pausas em sujeitos com doença de Parkinson exige mudanças tanto na concepção de linguagem subjacente à maioria dos estudos sobre parkinsonismo quanto na abordagem metodológica.

Para tanto, este estudo será organizado em cinco capítulos. O primeiro capítulo, **(1) Introdução**, será desdobrado em três seções. Na seção (1.1), trataremos de questões relativas a essa doença, principalmente no que se refere à fala, momento no qual discutiremos a abordagem encontrada na literatura especializada acerca do que se concebe como alterações prosódicas e, mais especificamente, como alterações nas pausas. Durante toda essa seção, procuraremos também destacar as principais dissociações realizadas pelos estudos sobre o parkinsonismo. Na seção (1.2), por meio de uma revisão de literatura lingüística (especialmente estudos desenvolvidos numa perspectiva textual-interativa), tematizaremos o funcionamento das pausas durante a atividade verbal. Destacaremos, a esse respeito, como são vistos os lugares de ocorrência das pausas no fluxo discursivo e como são postulados vínculos entre pausas e fatos ligados à organização do texto conversacional. Encerraremos o primeiro capítulo com a seção (1.3), na qual apresentamos as justificativas e os objetivos de nosso estudo.

No segundo capítulo, **(2) Aspectos teórico-metodológicos**, descreveremos o *corpus* deste estudo (seção 2.1), os procedimentos de registro (seção 2.2), as transcrições do material gravado (seção 2.3), os critérios para seleção e a digitalização das pausas (seção 2.4), e por fim, a forma de análise dos resultados (seção 2.5). Nesta última sessão abordaremos as propostas teóricas que fornecerão os principais subsídios para nossa análise de um local privilegiado de ocorrência de pausas, a saber, o início de turnos discursivos.

Quanto ao terceiro capítulo, **(3) Exposição dos resultados**, apresentaremos inicialmente as relações encontradas entre turnos discursivos e pausas iniciais (seção 3.1) na atividade verbal de nossos sujeitos. Logo após, apresentaremos dados relativos a seus turnos desenvolvidos e não desenvolvidos (seção 3.2), relações entre desenvolvimento ou não de turnos e duração das pausas iniciais (seção 3.3) e, por fim, relações entre desenvolvimento ou não de turnos e preenchimento das pausas iniciais (seção 3.4).

Já no quarto capítulo, **(4) Discussão dos resultados**, os dados serão organizados em função de dois eixos principais: no primeiro (seção 4.1), trataremos de funcionamentos das pausas mais comuns entre os dois sujeitos e, no segundo (seção 4.2), discutiremos funcionamentos das pausas mais específicos a cada um dos dois sujeitos. Em cada uma dessas seções, retomaremos, de forma sucinta, os dados obtidos nos resultados de cada sujeito, comparando suas duas sessões de registro. Finalmente, na sessão (4.3), apontaremos algumas conclusões a que chegamos em nossa discussão, e ainda, retomaremos cada um dos objetivos com o propósito de responder se cumprimos ou não cada um deles.

Finalmente, no quinto capítulo, **(5) Considerações Finais**, retomaremos algumas dissociações tradicionalmente feitas na literatura especializada sobre a doença de Parkinson, na medida em que elas envolvem fatos relativos aos problemas de linguagem decorrentes do parkinsonismos. Propomos, então, uma visão integrada de fatos vistos como dissociados. Para encerrar, apontamos possíveis desdobramentos deste nosso estudo, bem como destacamos o que acreditamos serem suas principais contribuições.

1– INTRODUÇÃO

Antes de introduzirmos as explanações sobre os principais aspectos atinentes a este trabalho, a saber, a presença e o funcionamento das pausas na atividade discursiva de sujeitos com a doença de Parkinson, cabe uma explicação sobre como disporemos as informações relativas a essa introdução.

Elas serão distribuídas em três seções:

- (1) seção 1.1, na qual trataremos de questões relativas à doença de Parkinson, tais como: principais sinais clínicos da doença e, ainda, manifestações freqüentes, como alterações da deglutição, cognição, depressão, escrita, e fala. No que se refere à fala, foco mais específico deste trabalho, discutiremos a abordagem encontrada na literatura parkinsoniana acerca do que, nessa literatura, se concebem como alterações prosódicas e, mais especificamente, como alterações nas pausas;
- (2) seção 1.2, na qual, por meio de uma revisão de literatura lingüística (especialmente estudos desenvolvidos numa perspectiva textual-interativa), discutiremos o funcionamento das pausas na atividade verbal. Inicialmente, veremos como são destacados os lugares de ocorrência de pausas no fluxo discursivo; num segundo momento, verificaremos, nesse fluxo, os vínculos entre pausas e fatos ligados à organização do texto conversacional;
- (3) seção 1.3, na qual exporemos as justificativas e os objetivos deste trabalho.

1.1 A doença de Parkinson

O Parkinsonismo é uma doença degenerativa, caracterizada por um distúrbio do sistema dopaminérgico no gânglio basal, o qual tem o efeito de prejudicar a iniciação e o controle de movimentos (PITCAIRN et al, 1990). Para Schulz e Grant (2000), o parkinsoniano apresenta dificuldade para executar programas motores simultâneos ou em seqüência, ou seja, apresentam um prejuízo no planejamento motor. Ainda no que se refere a essa dificuldade motora, autores como Miller (1986) e Barbosa (1989) observam que os principais sinais da doença de Parkinson são a acinesia, a rigidez, o tremor e a instabilidade postural.

A **acinesia** é um distúrbio caracterizado por pobreza de movimentos e lentidão na iniciação e execução de atos motores voluntários e automáticos. Essa pobreza e lentidão de

movimentos está ainda relacionada a dificuldades na mudança de padrões motores na ausência de paralisia. Um distúrbio motor associado à acinesia é a hipocinesia, que se caracteriza por dificuldades na iniciação dos movimentos envolvendo: (a) redução da expressão facial (hipomímia); e (b) diminuição da expressão gestual corporal, incluindo a diminuição ou ausência dos movimentos associados dos membros superiores durante a marcha e redução automática da saliva – o que leva ao seu acúmulo e a sua perda pela comissura labial (sialorréia). Outro distúrbio motor relacionado à acinesia é a festinação, que se caracteriza por uma aceleração involuntária da marcha. Verifica-se, ainda, perda dos movimentos associados dos membros superiores, a marcha se torna a pequenos passos, às vezes com os pés se arrastando, hesitações no início do movimento, interrupções e acelerações involuntárias (BARBOSA, 1989).

A **rigidez** é outro fato comum na síndrome parkinsoniana. De acordo com Barbosa (1989) e Miller (1986), trata-se de uma forma de hipertonía denominada plástica, em que a resistência à movimentação passiva é uniforme ao longo de toda a excursão do segmento mobilizado, sem o “intervalo livre” inicial e o caráter crescente da intensidade da resistência ao movimento passivo observados na hipertonía elástica.

O **tremor** parkinsoniano é descrito como sendo de repouso e rítmico, exacerbando-se durante a marcha, no esforço mental e em situações de tensão emocional. Envolve mais freqüente e severamente as extremidades distais do que as proximais (MILLER, 1986). Em geral, é um dos primeiros sintomas a ser notado pelo paciente, acometendo primeiramente um dos lados do corpo. Após certo tempo, o outro lado também passa a apresentar o sintoma, que tende a desaparecer durante o sono ou quando o paciente está relaxado (LIMONGI, 2001).

Já a **instabilidade postural** é decorrente da perda de reflexos de readaptação postural, podendo manifestar-se apenas durante as mudanças bruscas de direção que ocorrem no curso da marcha. Posteriormente, com a evolução da doença, pode se agravar e determinar quedas freqüentes (BARBOSA, 1989).

A literatura descreve outras manifestações clínicas comuns na doença de Parkinson, tais como: alterações da deglutição; cognição; depressão; escrita; e fala.

Quanto à **deglutição**, Nilsson et al (1996), Leopold & Kagel (1997), Robbins, Logemann & Kirshner (1986) e Hartelius & Svensson (1994) destacam nos parkinsonianos alterações em todas as suas fases: oral, faríngea e esofágica. De acordo com esses autores, essas alterações se caracterizam por atraso no abaixamento da língua para facilitar a passagem do bolo alimentar; dificuldade no controle e propulsão do bolo com a língua; redução do trânsito oral; epiglote mal posicionada e com pouca mobilidade; retenção de alimentos

líquidos e sólidos nas valéculas e seios piriformes; redução na elevação da laringe; e redução da mobilidade faríngea e do peristaltismo. Os estudos desses autores observam que os parkinsonianos são aspiradores silenciosos, o que faz com que a pneumonia por aspiração seja a maior causa da morte desses sujeitos. Os autores sugerem também que existe uma correlação entre alteração de fala e alterações de deglutição, pois as estruturas e grupos musculares alterados nessa patologia são os mesmos responsáveis pelas duas funções.

Além dos problemas de deglutição, há referências a alterações nos **aspectos cognitivos** na doença de Parkinson. Barbosa et al (1987), num estudo que trata de disfunções neuropsicológicas em 64 pacientes com doença de Parkinson idiopática, destacaram, como funções mais afetadas, memória imediata, abstração, gnosis visual, cálculo, função motora dinâmica das mãos, praxia construtiva e memória recente. A organização acústico-motora, a memória remota, a gnosis tátil, a linguagem e a praxia ideatória se mostravam preservadas na maioria dos casos. Para esses autores, pode-se afirmar que há dados sugestivos de uma “demência de tipo subcortical”, com relativa preservação da linguagem, em contraste com o envolvimento de funções superiores.

Num estudo realizado por Karel et al (1996), os autores encontraram uma relação importante entre mudanças cognitivas e severidade dos sintomas motores na doença de Parkinson, especialmente a rigidez. Os autores destacaram também que essa relação se mostrou de modo mais acentuado no que definem como modalidades cognitivas heterogêneas, tais como as de natureza verbal, espacial e conceitual, “[...] globalmente associadas com regiões corticais separadas, indicando que a doença de Parkinson afeta processos cognitivos superiores, mas num nível baixo do que o nível assumido para funções executivas” (p.624)¹.

Ainda no que se refere a questões cognitivas, Limongi (2001) destaca que a maioria dos pacientes com doença de Parkinson não apresenta um declínio intelectual (capacidade de raciocínio, percepção e julgamento) mas dificuldades com a memória, com cálculos e em atividades que necessitam de orientação espacial. Para o autor, a dificuldade de memória pode ocorrer em qualquer fase da doença, mas tende a piorar em fases mais adiantadas e em pacientes mais idosos. Limongi observa, ainda, que a própria medicação antiparkinsoniana pode contribuir para os distúrbios de memória e cita como exemplo os medicamentos anticolinérgicos, o levodopa e os agonistas da dopamina e a amantadina. Quando o medicamento é suspenso ou as doses são reduzidas, os sintomas tenderiam a melhorar.

¹ “[...] globally associated with separate cortical regions, indicating that PD affects superordinate cognitive processes, but at a lower level than the assumed level of executive functions” (KAREL et al, 1996, p.624).

É importante destacar aqui que, na visão desses autores, a atividade cognitiva dos sujeitos parkinsonianos está relacionada a uma questão orgânica, desvinculada da atividade da linguagem. No entanto, para Morato (1996), não há cognição desvinculada da linguagem, mas sim uma relação de constitutividade entre linguagem e cognição².

Além disso, as dificuldades de memória apresentadas por sujeitos parkinsonianos não são vinculadas a fatos de sua atividade enunciativa. Entretanto:

Estudos sobre memória têm nos mostrado que o discurso constitui lembranças e esquecimentos, que ele organiza e mesmo institui recordações, que ele se torna um *locus* da recordação partilhada - ao mesmo tempo para si e para o outro - *locus* portanto, das esferas pública e privada. Sob os mais diversos pontos de vista, a linguagem é vista como o processo mais fundamental na socialização da memória. A possibilidade de falar das experiências, de trabalhar as lembranças de uma forma discursiva, é também a possibilidade de dar às imagens e recordações embaçadas, confusas, dinâmicas, fluidas, fragmentadas, certa organização e estabilidade. Assim, a linguagem não é apenas instrumental na (re)construção das lembranças; ela é constitutiva da memória, em suas possibilidades e seus limites, em seus múltiplos sentidos, e é fundamental na construção da história (SMOLKA, 2000).

Ainda no que diz respeito às questões de cognição e linguagem na doença de Parkinson, observamos, na literatura, que essas alterações cognitivas e de linguagem devem-se a uma relação estabelecida pela dopamina entre os diversos sistemas neuronais. Watters e Patel (2002) observam que a dopamina, neurotransmissor precursor da adrenalina e noradrenalina, opera em quatro vias neuronais principais: no sistema mesolímbico frontal do cérebro e neocórtex, o qual está associado com a linguagem e a cognição; na via nigro-estriatal e gânglio basal, onde o movimento é controlado; na retina; e no eixo hipotálamo-pituitária-adrenal, que regula as emoções e as reações ao estresse. Os autores, nesse artigo, procuram compreender o impacto da alteração no sistema dopaminérgico sobre o processamento da linguagem, particularmente sobre os erros de julgamento semântico que caracterizam a esquizofrenia e a doença de Parkinson. Concluem que a alteração do sistema dopaminérgico resulta num erro de processamento semântico, que seria muito parecido ao apresentado pelos esquizofrênicos.

O que observamos, neste e na maioria dos estudos sobre a doença de Parkinson, é uma visão localizacionista do cérebro, ou seja, os esforços visam principalmente mapear cada parte do cérebro e quais são os prejuízos funcionais provocados pelas alterações dopaminérgicas. O

² É relevante destacar que, em nosso estudo, também entenderemos o aspecto cognitivo numa relação de constitutividade com a linguagem, relação na qual entram em jogo diversos processos de significação. É importante observar também que entendemos por processos de significação a “[...] evidência de que as interpretações produzidas por leitores/ouvintes são resultado de um ‘cálculo’ complexo de fatores lingüísticos e fatores pragmáticos e discursivos” (POSSENTI, 1995, p.22).

primeiro fato que devemos questionar é o que esses estudos entendem por *função* de determinada área cerebral ou de determinado neurotransmissor como a dopamina. Função, para Luria (1991), tem um sentido bem mais amplo que nestes estudos e designa ‘*atividade de adaptação de todo um organismo* (p.89)’. Para esse autor, “a função se constitui numa *complexa atividade exercida pelo trabalho conjunto de todo um sistema de órgãos*, cada um dos quais integra esse ‘sistema funcional’ em seus próprios papéis, assegurando esse ou aquele aspecto desse sistema funcional” (p.89, grifos do autor). Pode-se dizer que este conceito de função de Luria tem uma relação muito estreita com a noção de neuroplasticidade muito discutida atualmente. Apenas um conceito como o desenvolvido por Luria permite conclusões como a de Deacon (2000), de que existem muitas evidências atuais de que cérebros de adultos são capazes de uma adaptação plástica para prejuízos que incluem algum grau de reorganização estrutural, diferente do que é dito pelas teorias clássicas. Grafman (2000) também destaca que, para executar uma função humana, um conjunto de módulos são cooperativamente ativados no cérebro. Para o autor, esses módulos funcionais atuam em conjunto e combinados para desempenhar diversas tarefas.

Retomando nossa caracterização da doença de Parkinson, outra manifestação clínica importante e freqüente é a **depressão**. Para Melaragno Filho (1987), a depressão constitui-se como parte integrante do contexto do quadro clínico e não uma manifestação reativa às limitações que o paciente sofre – embora a incapacidade física, a dependência do auxílio de terceiros e o isolamento social possam agravar as alterações de personalidade do parkinsoniano. Um estudo realizado por Shulman et al (2002) destacou que a doença de Parkinson é acompanhada por uma alta prevalência de depressão, fadiga, ansiedade e distúrbio do sono e que a presença desses sinais não estaria correlacionada apenas com a perda da qualidade de vida desses sujeitos, mas também lhes traria prejuízos cognitivos.

No que diz respeito à **escrita**, encontramos poucos dados na literatura, e a maior parte deles trata apenas de dificuldades dos parkinsonianos com a atividade motora da escrita. Nesses estudos, destacou-se que a escrita desses sujeitos geralmente tende à micrografia, tornando-se menos legível (cf., por exemplo, BARBOSA, 1989; DE ANGELIS, 1995). Lima et al (1997) observaram, em seus estudos sobre a escrita de sujeitos parkinsonianos, que todos apresentavam sinais de tremor e/ou micrografia, acentuados nos pacientes depressivos. Os autores destacaram, também, que a atividade da linguagem escrita estava mais preservada naqueles sujeitos não depressivos que apresentavam melhor nível de escolaridade. Desse modo, inferem que a linguagem escrita poderia conter a evolução do processo neurodegenerativo.

Ainda no que se refere à escrita, mas numa abordagem bastante diferente da maior parte dos trabalhos encontrados até o momento, destacamos o estudo de Zaniboni e Corrêa (2001) sobre escrita e oralidade na produção escrita de sujeitos parkinsonianos. Os autores ressaltam a necessidade de propor uma abordagem para o estudo desta doença com a atenção voltada não apenas para questões motoras, mas para a conjunção bio-psico-social do parkinsoniano. E, ainda, propõem o estudo da relação oralidade e escrita nestes sujeitos concebendo escrita e oralidade como modos de enunciação, enfatizando suas semelhanças e procurando quebrar a dicotomia estabelecida nesta relação em alguns estudos. Os autores admitem que “fala e escrita se constituem num intercâmbio constante, que se compõem mutuamente e fundamentam seus valores na heterogeneidade e não na dicotomia” (p.361).

Quanto à **fala** dos pacientes parkinsonianos, de acordo com Barbosa (1989) e De Angelis (1995), há comprometimento da fonação, da articulação e da prosódia, cuja severidade está relacionada à severidade da alteração física. Ainda segundo esses autores, o comprometimento da fonação e da articulação configuram um tipo de disartria denominada hipocinética³, cujas conseqüências nos aspectos prosódico e articulatório da linguagem são descritas como: monotonia de frequência e intensidade; redução da intensidade vocal; qualidade vocal rouca, áspera ou soprosa; perda da capacidade de inflexão da voz; imprecisão articulatória; alteração da velocidade; pausas inadequadas; e hipernasalização.

Os problemas de prosódia na fala de parkinsonianos são freqüentemente relatados na literatura. Mas, como destacam Chacon e Schulz (2000), o enfoque dado à prosódia na atividade verbal de parkinsonianos faz com que as explicações sobre seu funcionamento se restrinjam mais aos aspectos orgânicos da atividade verbal. Os aspectos de ordem comunicativa são quase sempre deixados de lado.

No entanto, Morato & Freitas (1993), num estudo sobre a prosódia no contexto neurolingüístico, trazem uma contribuição importante para modificar essa visão apenas orgânica da prosódia. Nesse trabalho, destaca-se que a correlação da prosódia com o sistema lingüístico e com outras funções cognitivas (tais como a temporalidade, a praxia, a espacialidade etc.) poderia suscitar vias explicativas para as alterações prosódicas e para a obtenção de melhores contornos teórico-metodológicos quanto à interação entre ritmo de fala e noção temporal, entre entoação e coesão dos enunciados, entre forma fônica e estrutura sintática.

³ Para Rodrigues (1992), a disartria hipocinética estaria relacionada ao quadro de acinesia. A alteração da atividade dos núcleos da base provocaria um efeito inibidor sobre a atividade motora cortical que resultaria na acinesia, ou seja, numa redução da motricidade espontânea e perda da iniciativa do movimento.

Exemplos da restrição ao aspecto orgânico da atividade verbal em estudos sobre parkinsonismo podem ser vistos em Darkins, Fromkin & Benson (1988). Esses autores observam que as alterações no que eles definem, dicotomicamente, como fala e linguagem ocorrem por lesões que envolvem certas estruturas subcorticais no hemisfério dominante da linguagem. Estes achados, associados ao que definem como alteração de fala na doença de Parkinson, sugerem, para os autores, que o gânglio basal pode servir para integrar a linguagem, a prosódia e a produção motora da fala. Os autores observam, ainda, que a desordem prosódica é intrínseca à doença de Parkinson idiopática e não pode ser atribuída a desordens associadas (como afasia, demência e depressão) nem, ainda, a idade, sexo ou efeito de medicação.

Critchley (1981) também relaciona a prosódia a alterações motoras. A esse respeito, destaca que existe uma evidência de que a integração da produção da fala é organizada assimetricamente no nível talâmico, e que lesões nessa região podem influenciar a iniciação, o controle respiratório, a velocidade e a prosódia da fala. No que se refere à prosódia, o autor observa perda de contraste no que denomina como inflexão e volume de voz reduzido. Conseqüentemente, “a partir de uma voz monótona, suave sem variação de frequência, há uma progressão gradual da disartria até a dicção do paciente se tornar pouco audível ou ininteligível” (p.751)⁴.

Darkins, Fromkin & Benson (1998), bem como Critchley (1981), são autores bastante representativos de mais duas dissociações típicas da literatura sobre a doença de Parkinson (além daquela, já antecipada, entre linguagem e cognição). Trata-se, desta vez, (1) da dissociação entre fala e linguagem e, nesta última, (2) entre seus aspectos motores e simbólicos.

A primeira dessas dissociações (entre linguagem e fala) é construída, nessa literatura, com base numa redução da complexidade da linguagem a um código verbal, desvinculado dos processos envolvidos em sua execução. Decorre, daí, a segunda dicotomia, aquela construída entre os aspectos simbólicos e os motores da linguagem. De acordo com esta última dicotomia, os aspectos simbólicos equivaleriam a esse código verbal (entendido como a própria linguagem) ao passo que os aspectos motores, desvinculados dos simbólicos, equivaleriam ao que se denomina como fala.

⁴ “From a monotonous, soft voice without variation in pitch, there is gradual progression of dysarthria until the patient’s diction may become neither audible nor intelligible” (CRITCHLEY, 1981, p.751).

Como se vê, trata-se de duas dicotomias imbricadas, na medida em que a dicotomia entre o que se denomina como linguagem e como fala indicia outra maior, aquela entre os aspectos simbólicos e os aspectos motores desse complexo fenômeno que é a linguagem.

Vale ressaltar, ainda, que as dissociações entre linguagem/cognição, linguagem/fala e aspectos motores/aspectos simbólicos da linguagem criadas nos estudos sobre parkinsonismo resultam de um conceito de língua e linguagem algumas vezes emprestados da lingüística, mas utilizados de forma diluída. Como destaca Coudry (1996),

“Mesmo em manuais recentes de práticas clínicas que envolvem as neurociências, o tratamento conferido aos problemas de linguagem não incorpora certos fatos relativos ao funcionamento da linguagem [...]. Além disso, há um falso pressuposto sobre o qual se baseia a construção do dado-evidência: supõe-se que a língua é um sistema homogêneo e que esse sistema já está descrito e, ainda, que o teste é o porta-voz dessa descrição” (p.180).

Voltando aos estudos sobre prosódia na doença de Parkinson, alguns deles enfocam predominantemente seu aspecto mais fonético ou acústico, sem uma preocupação com sua correlação com outros aspectos da linguagem.

Como exemplo desse enfoque mais fonético, temos o estudo de Canter (1963), que busca investigar o comportamento de elementos como intensidade vocal, frequência e duração (das pausas, do intervalo entre as pausas que estariam determinando uma frase e da sílaba) na fala de sujeitos parkinsonianos e de sujeitos de um grupo controle. O autor destaca que é importante descrever e mensurar objetivamente esses aspectos prosódicos, uma vez que podem ser o primeiro indício de alteração da fala dos parkinsonianos.

Darley, Aronson & Brown (1969) também mencionam a alteração prosódica na fala parkinsoniana e priorizam seu aspecto mais acústico. Caracterizam essa alteração como diminuição da velocidade de fala, silêncios inapropriados (pausas), frequência diminuída e imprecisão consonantal.

Pitcairn et al (1990) já definem essa alteração prosódica como dificuldade de variar o tom e o volume, imprecisão articulatória e pausas inapropriadas. Nessa pesquisa, por meio da gravação de uma entrevista, os autores fazem uma mensuração objetiva dos traços de frequência fundamental e de intensidade da voz, das pausas (preenchidas ou não-preenchidas), do tempo e da velocidade de fala.

Esses estudos mencionados acima buscam principalmente a descrição de características acústicas dos elementos prosódicos, tentando estabelecer uma correlação entre essas alterações e alterações no aspecto motor da fala, que também se encontra alterado.

Observamos ainda, uma “despreocupação” ou uma falta de consenso no que se refere ao conceito de prosódia usado nesses estudos⁵. Alguns autores como Darley, Aronson e Brown (1969) e Caekebeke et al (1991) não definem o que entendem por prosódia, outros como Hird and Kirsner (1993) destacam que prosódia é um termo usado para referir-se a características suprasegmentais e que esses processos envolvem tanto a recepção como a produção.

Já Darkins, Fromkin and Benson (1988) salientam em seus estudos que o termo prosódia “[...] é caracterizado como o uso de frequência, volume e duração para revelar informações lingüísticas e afetivas durante a fala” (p.316)⁶. Para os autores, essas características prosódicas são variáveis independentes e, por isso, são passíveis de quantificação e permitem uma avaliação objetiva das diferenças prosódicas entre indivíduos.

Numa visão mais fonológica da prosódia, Blonder, Gur & Gur (1989) destacam que “[...] o fenômeno fonológico que constitui a prosódia da fala inclui o tom vocal ou *pitch* (frequência fundamental), acento (uma combinação de frequência fundamental, amplitude e duração relativa), e tempo (duração da sílaba e pausa)” (p.193-194)⁷.

Outra característica importante que podemos notar nos estudos sobre a alteração prosódica na doença de Parkinson, pelo menos nos estudos mais recentes, diz respeito ao fato de a prosódia carregar informações sobre a atitude do falante. Observamos, nestes estudos, um salto de qualidade, na medida em que a análise prosódica deixa de ser meramente descritiva e passa a levar em conta os modos como os elementos prosódicos se relacionam com fatos de ordem subjetiva e com outros aspectos da linguagem.

Blonder, Gur & Gur (1989), por exemplo, destacam que a prosódia carrega informações sobre a atitude do falante ou seu estado emocional. Além disso, destacam que as características prosódicas vinculam-se a outros fatos lingüísticos, já que a pausa e a

⁵ É importante destacar o trabalho de Monrad-Krohn (1957) sobre a prosódia na neuro-psiquiatria clínica. O autor define prosódia como a variação normal na fala de “pitch, stress and rhythm”, sem esquecer dos intervalos de silêncios – as pausas. Segundo Monrad-Krohn, além do termo “dysprosody”, muito utilizado na neurologia para indicar alterações prosódicas, o autor propõe a utilização das seguintes categorias para os distúrbios prosódicos: hyperprosody, hypoprosody e aprosody. De acordo com o autor, hyperprosody se caracterizaria por um exagero na variação prosódica; dysprosody (ou falsa prosódia) se caracterizaria pela presença alterada de elementos prosódicos como acento, frequência e ritmo; e hypoprosody e aprosody se caracterizariam por uma diminuição ou completa ausência da variação prosódica normal. Além disso, deve-se destacar que, durante nossa revisão bibliográfica, notamos vários estudos sobre prosódia na doença de Parkinson que utilizam essas categorias elaboradas por Monrad-Krohn.

⁶ “[...] is characterized as the use of pitch, loudness, and duration to reveal linguistic and affective information during speech” (DARKINS, FROMKIN AND BENSON, 1988, p.316).

⁷ “[...] the phonological phenomena which constitute speech prosody include vocal tone or pitch (fundamental frequency), stress (a combination of fundamental frequency, amplitude, and relative duration), and timing (syllable duration and pause)” (BLONDER, GUR & GUR, 1989, p.193-194).

entonação, por exemplo, podem delinear limites da oração ou sentenças (interrogativa, declarativa), interagindo com a gramática.

Já Scott, Caird & Williams (1984) observam que a anormalidade prosódica domina a desordem de fala do parkinsoniano e, freqüentemente, dá uma falsa impressão de disartria. Os autores definem prosódia como um padrão de distribuição de acento, entonação e outras características da fala. Destacam que as variações destas características prosódicas podem afetar o aspecto semântico da fala, e ainda podem introduzir um tom de afetividade ou emoção à voz e sutis conotações à fala.

Também Pell (1996), ao definir prosódia como a variação na freqüência fundamental, duração e amplitude da voz, destaca sua função lingüística e relaciona essa variação com atitudes do falante. O autor observa que, recentemente, a prosódia nos trabalhos de doença de Parkinson tem sido mais associada com um distúrbio receptivo de características lingüísticas e afetivas da prosódia na fala (ou seja, o prejuízo na doença de Parkinson estaria tanto relacionado à produção como à compreensão da prosódia na fala), especulando, ainda, que uma dificuldade para reagir a um padrão entoacional pode constituir um sinal precoce do processo da doença.

Como vimos, as pesquisas sobre o parkinsonismo envolvem concepções diferentes de prosódia, variando de uma perspectiva de descrição puramente fonética e acústica a uma abordagem que integra a prosódia com outros fatores (verbais e não-verbais) na produção de significados e na indicação de atitudes do falante.

Ainda no que se refere à prosódia nos trabalhos sobre parkinsonismo, se, por um lado, eles apresentam variação no que se refere à concepção de prosódia, por outro lado, no que diz respeito ao modo como operam com esse fenômeno, esses trabalhos se parecem muito.

Além de restringirem a prosódia a seu aspecto orgânico, os autores, em sua grande maioria, costumam avaliar a linguagem de sujeitos parkinsonianos por meio de testes verbais nos quais se privilegia a repetição ou a leitura de listas de palavras e de textos previamente selecionados pelo pesquisador⁸.

A aplicação dos testes varia em função do objetivo da pesquisa; mas, de forma geral, caracteriza-se pela leitura de sentenças (declarativas, interrogativas e outras) com o objetivo de avaliar a produção ou a compreensão de elementos prosódicos da fala.

⁸ No que se refere a estudos que utilizam testes de leitura, conferir, por exemplo: Canter and Van Lancker (1985); Metter and Hanson (1986); Ludlow, Connor, and Bassich (1987); Darkins, Fromkin and Benson (1988); Blonder, Gur and Gur (1989); Hird and Kirsner (1993); Hammen and Yorkston (1996); Le Dorze et al (1998); Howard et al (2000); Kempler and Van Lancker (2002).

Canter (1963) justifica sua opção metodológica dizendo que a aplicação de leitura de texto é um procedimento mais viável para obter amostras uniformes relacionadas à fala. Além disso, para esse autor, essas amostras podem ser usadas para fazer comparações entre um grupo que apresenta a doença e um grupo controle.

Kent (1999) destaca que o uso de conversa espontânea⁹ para avaliar a disartria pode ser melhor que o uso de leitura; no entanto, ressalta que a desvantagem da conversação é a falta de controle sobre propriedades da pronúncia, incluindo duração, estrutura sintática e composição fonética.

Outro estudo que lança mão da leitura de sentenças para analisar as características da fala e da pausa na disartria hipocinética é o de Hammen e Yorkston (1996). Nesse estudo, é interessante que os próprios autores destacam que os resultados encontrados com o uso da leitura não podem ser generalizados para a fala espontânea, e sugerem que outros métodos, considerados por eles como menos estruturados, tais como instruir o sujeito a reduzir a velocidade usando, dentre outros recursos, *feedback* auditivo, podem ter efeitos diferentes sobre as características das pausas.

No entanto, dentre os estudos pesquisados na literatura sobre doença de Parkinson, no que se refere à metodologia, encontramos apenas dois que questionam a diferença no desempenho dos sujeitos parkinsonianos em função do uso de tarefas de leitura ou produção de fala durante a conversação ou descrição de figuras. Para Schulz and Grant (2000):

Algumas das discrepâncias observadas nestes estudos podem ser atribuídas às amostras de fala particulares usadas. Vários estudos têm notado diferenças no desempenho de pessoas com doença de Parkinson dependentes do tipo de tarefa usada, avaliar essas alterações [...]. Pode haver uma diferença na velocidade de fala de pessoas com doença de Parkinson baseada em se elas estão lendo ou se têm que gerar a fala como numa conversação ou descrição de quadro [...] (p.61).¹⁰

Kempler e Van Lacker (2002) também dão um passo à frente em seus estudos quando propõem a necessidade de se investigar a inteligibilidade da fala de sujeitos parkinsonianos por meio de fala espontânea e também de tarefas tais como leitura, repetição e canto. Os

⁹ Observamos que, na literatura sobre doença de Parkinson, conversa espontânea para alguns autores pode significar produção verbal mediante estímulos, como, por exemplo, a descrição de figuras por uma pessoa. Em nosso estudo, entendemos por conversa espontânea a produção verbal interativa, ou seja, uma atividade interacional em que o texto falado é construído no diálogo entre falantes.

¹⁰ “Some of the discrepancies observed in these studies can be attributed to the particular speech samples used. Several studies have noted differences in the performance of persons with PD dependent upon the type of task used to assess impairments [...]. There may be a difference in speaking rate for persons with PD based on whether they are reading or whether they have to generate speech as in conversation or picture description [...]” (p.61).

autores realizaram um estudo sobre a inteligibilidade da fala de parkinsonianos utilizando o que eles denominaram como cinco tarefas de produção de fala: fala espontânea, repetição, leitura, leitura cantada e fala cantada. Kempler e Van Lancker observaram que a fala dos sujeitos com doença de Parkinson era significativamente menos inteligível na atividade espontânea do que nas outras tarefas. Para os autores, esses achados sugerem que a alteração no gânglio basal não oferece um modelo adequado geralmente internalizado de como o sujeito deve iniciar e seqüencializar o movimento gestual.

Cagliari (1992b) faz uma crítica à aplicação desse tipo de teste, dizendo que não se pode fazer lingüística e compreender a função dos elementos prosódicos no discurso estudando palavras isoladas, como listas de morfemas e coisas semelhantes. O autor destaca que estudar palavras e frases isoladas não serve para se entender como funciona a prosódia na linguagem oral. Para este autor, a função básica dos elementos prosódicos na linguagem oral é a de realçar ou reduzir certas partes do discurso para mostrar ao interlocutor como dar ou não valor e importância a certos elementos.

Coudry (1988) também faz uma crítica à aplicação de testes-padrão como método de avaliação de fatos da linguagem de modo geral. Para essa autora, os testes são tarefas descontextualizadas, calcadas, em sua maioria, em unidades lingüísticas menores que as frases. Além disso, essas tarefas simulam situações artificiais para uma suposta atividade lingüística. Nesses testes predominam as tarefas metalingüísticas, nas quais o sujeito é privado da atividade epilingüística indispensável à construção e reconstrução da linguagem. Priva-se, ainda, o avaliador de conhecer de que forma o sujeito elabora as hipóteses sobre a estruturação e uso da linguagem. Coudry (1988) ressalta, também, que as tarefas propostas (nomear, definir, listar, repetir etc.) correspondem a exercícios fundados na língua escrita, com um forte compromisso escolar, sendo que muitas vezes as tarefas são reduzidas a técnicas de abordagem necessárias para descrição acadêmica da patologia.

Na mesma direção de Cagliari e de Coudry, desenvolvemos um estudo cujo objetivo foi caracterizar os aspectos prosódicos da fala de parkinsonianos e relacioná-los com as funções lingüísticas que esses elementos desempenhavam na atividade verbal. Nesse estudo (OLIVEIRA E CHACON, 1999), observamos que características prosódicas como entonação, pausas, volume, tessitura, qualidade vocal, velocidade, duração e ritmo, atuavam de modo combinado na fala de sujeitos parkinsonianos para desempenhar diferentes funções comunicativas. Dentre as funções que essas combinações poderiam assumir, apontamos: (a) realização de atos de fala; (b) demarcação de aspectos conversacionais; e (c) demarcação de diferentes vozes no discurso.

A caracterização dos elementos prosódicos permitiu concluir que os sujeitos da amostra de fato apresentaram alterações prosódicas como as descritas na literatura: redução do volume de fala; dificuldade para variar a frequência e o volume; e alteração na velocidade de fala. Permitiu concluir, ainda, que essas alterações interferiam na compreensão de aspectos como os sintáticos e semânticos da fala desses sujeitos, acarretando momentos de incompreensão de palavras e mesmo de longos trechos de enunciados.

Contudo, correlacionando os elementos prosódicos com as funções comunicativas por eles desempenhadas na atividade verbal, observamos que, apesar das dificuldades impostas aos sujeitos pela patologia (tais como: imprecisão articulatória; diminuição da intensidade vocal; incoordenação pneumofonoarticulatória; rouquidão etc.), eles se utilizaram dos recursos prosódicos, em muitos momentos da conversação, para melhorar ou facilitar a sua comunicação.

Ao longo desse estudo, dentre os elementos prosódicos estudados, o funcionamento de um deles particularmente levantou-nos algumas dúvidas: as pausas. Aspectos tais como a duração das pausas (principalmente em início de turno) e seu preenchimento (ou não) estariam correlacionados com alterações do processo de memória e, desse modo, interfeririam na elaboração de estratégias conversacionais?

Chacon e Schulz (2000) observaram que, dentre os elementos prosódicos, as pausas e seu funcionamento na atividade verbal de parkinsonianos são muito pouco explorados. Os autores destacam, ainda, que fatores como o vínculo entre, de um lado, momentos de silêncio e de hesitação e, de outro lado, silêncio ruído, organização cognitiva, memória, estados motivacionais e emocionais, efeitos de medicamentos, atividade psicomotora na área articulatória, principalmente quando correlacionados à organização fonológica, aos aspectos semânticos da enunciação e às estratégias conversacionais, certamente poderiam servir como pontos de partida para uma melhor compreensão do papel das pausas na atividade verbal de parkinsonianos.

Um desdobramento desse estudo de Chacon e Schulz pode ser verificado em Zaniboni (2001). Nesse trabalho, a autora observa que, em relação a sujeitos sem lesões neurológicas, as pausas ocorrem em maior número na fala de sujeitos parkinsonianos, têm maior duração na atividade discursiva desses sujeitos e aparecem de forma preenchida, mista e silenciosa em sua atividade discursiva. Por sua vez, nos sujeitos sem lesão, são sempre silenciosas. Além disso, Zaniboni observa que as pausas aparecem, tanto nos parkinsonianos quanto nos não-parkinsonianos, com um forte vínculo com a estrutura discursiva da atividade verbal, como, por exemplo, com os tipos de pares dialógicos que organizam a conversação. A diferença

encontrada pela autora entre a atividade discursiva de parkinsonianos e de sujeitos sem problemas neurológicos foi o maior número de ocorrência de pausas iniciais e as características acústicas dessas pausas. É importante destacar que Zaniboni não vê essa diferença como consequência de dificuldades motoras da fala de parkinsonianos, mas sim como um processo alternativo de enunciação ao qual os parkinsonianos recorrem para manter a efetividade da atividade dialógica.

Durante nosso estudo bibliográfico, observamos que não são muitos os trabalhos realizados sobre pausa na literatura parkinsoniana. Vimos que a maioria desses trabalhos, assim como aqueles sobre prosódia, relacionam as pausas a déficits motores característicos dessa patologia.

Dentre esses trabalhos, destacaremos Illes et al (1988) sobre a produção da linguagem na doença de Parkinson, que define a pausa como sendo a interrupção do fluxo temporogramatical da fala. Os autores observam que, com a evolução ou piora do quadro clínico da disartria na doença de Parkinson, ocorre um aumento do número de pausas silenciosas por minuto, o que definem como uma anormalidade nas pausas longas e silenciosas.

Metter and Hanson (1986) também destacam que é muito comum observar na disartria hipocinética a presença “anormal” de pausas ligadas ao discurso. Os autores salientam que “esta anormalidade varia de uma completa falta de pausas, como se vê na forma fundida e rápida da disartria, a pausas extensas notadas em alguns falantes com velocidade de fala muito lenta” (p.356)¹¹. Metter and Hanson observam também que é aparentemente variável o local e a extensão das pausas em cada frase.

Outros autores, como Darkins, Fromkin and Benson (1988), também relacionam a pausa ao aspecto motor da doença de Parkinson. Os autores evidenciaram em seus estudos espectrográficos que a duração da pausa e do contorno da frequência apresentava-se marcadamente reduzida na fala de sujeitos parkinsonianos quando comparada com a de um grupo controle. Para os autores, essas alterações independem de aspectos como idade, sexo, duração da doença, tipo ou dosagem de medicação, ou depressão. Ressaltam, ainda, que uma avaliação cuidadosa das características da produção verbal, tais como frequência (pitch) e duração da pausa, podem revelar alterações importantes da fala de parkinsonianos, alterações que, segundo eles, conforme já antecipamos, não podem ser atribuídas a afasia, depressão,

¹¹ “This abnormality ranges from a complete lack of pauses, as seen in the rapid, fused form of the dysarthria, to the extended pauses noted in some speakers with very slow speaking rate” (METTER AND HANSON, 1986, p.356).

demência, idade, sexo, ou efeito de medicação. Os autores observam ainda que essa anormalidade envolve apenas os aspectos relativos à execução do movimento.

Darley, Aronson e Brown (1969) observam que a fala de sujeitos parkinsonianos tem uma prosódia insuficiente e caracterizam essa alteração prosódica como marcada por trechos curtos e rápidos de fala, velocidade variável e imprecisão consonantal. Para os autores, essas alterações podem correlacionar-se com a redução da excursão dos movimentos, comum nesta patologia. Já alterações como aquelas caracterizadas como silêncios inapropriados estariam correlacionadas com a dificuldade que esses sujeitos apresentam de iniciar os movimentos.

Partilhando da mesma concepção que os autores citados, a de que a pausa estaria estritamente relacionada a uma desordem motora, temos o estudo de Hammen e Yorkston (1996), que analisam as características das pausas de sujeitos parkinsonianos com disartria hipocinética por meio de leitura de sentenças e observam que as pausas desses sujeitos parkinsonianos são consistentemente mais longas do que a de sujeitos controles. Para os autores, esses dados podem estar correlacionados com dificuldades de iniciar a fala encontradas em alguns sujeitos, devido à bradicinesia (diminuição de movimentos), característica comum do quadro clínico da doença de Parkinson. Quanto ao lugar de ocorrência da pausa, os autores também observam uma diferença entre sujeitos controles e parkinsonianos. De acordo com sua pesquisa, o grupo controle realizaria a maioria de suas pausas no limite de sentenças, enquanto que os parkinsonianos apresentariam a maioria de suas pausas dentro de orações/frases.

Outro fato importante a ser destacado no que se refere aos estudos sobre pausa na doença de Parkinson é que, assim como nos estudos sobre prosódia, os estudos sobre pausa também usam como metodologia principalmente a leitura de palavras, frases ou sentenças, ou ainda, a produção de sentenças a partir de uma figura ou de uma situação mais controlada. Dentre os estudos pesquisados, apenas os de Chacon e Schulz (2000) e Zaniboni (2001) utilizaram, em sua metodologia, conversas espontâneas. Illes et al (1988) basearam-se tanto em conversas espontâneas, nas quais os sujeitos eram questionados sobre onde nasceram e cresceram, sua ocupação e viagens, quanto em amostras extraídas de leitura oral da “Grandfather Passage”.

Outro fato que merece destaque nos estudos sobre pausa na doença de Parkinson é o de que a maioria deles não menciona a importância da pausa na organização da atividade verbal desses sujeitos. A maior parte dos estudos enfatiza apenas a diferença de aspectos acústicos das pausas (como sua duração e características de preenchimento) em

parkinsonianos em relação a sujeitos sem a doença¹². Mas fica excluído desses estudos o fato de que, como bem salienta Cagliari (1992a), as pausas (assim como os demais elementos prosódicos) não podem ser vistas de modo dissociado de aspectos lingüísticos como os sintáticos, semânticos e pragmáticos. Conseqüentemente, as pausas estão diretamente relacionadas com elementos que possibilitam tanto a produção quanto a compreensão da fala.

Por fim, outro fato a ser destacado na literatura acerca da doença de Parkinson, enfocando ou não a pausa, diz respeito ao que, com base em Coudry (2002), poderíamos classificar como um caráter fortemente dissociador. Como vimos, esses estudos dissociam fenômenos como linguagem/cognição, linguagem/fala, aspectos motores/aspectos simbólicos da linguagem e, ainda, as diversas áreas da atividade cerebral.

Mais particularmente no que se refere às dissociações entre áreas da atividade cerebral, mas numa outra perspectiva, aquela que, também com base em Coudry (2002), poderíamos classificar como o das relações, poderíamos dizer que as lesões neuronais afetam todo um “sistema funcional” (LURIA, 1991), que não se localiza em nenhum lugar mais específico do sistema nervoso central. De acordo com Coudry (2002), as lesões que afetam as áreas primárias têm efeitos no funcionamento do sistema verbal diferentes daqueles provocados por lesões nas áreas secundárias e terciárias. No entanto, “embora os neurônios das áreas associativas secundárias sejam especializados (modais), seu trabalho não se reduz a uma dada localização cortical mas se relaciona com outras partes do cérebro envolvidas no funcionamento dinâmico dos sistemas verbal e não verbal.”.

É na perspectiva das relações, e não das dissociações, que nosso estudo se encontra. Assim sendo, compreendemos o funcionamento cerebral do ponto de vista das relações sistêmicas e dinâmicas, e o funcionamento da linguagem como um processo social de construção de sentidos, no qual fala/cognição/aspectos motores e simbólicos se acham integrados.

Na próxima seção desta Introdução, passaremos a discutir o funcionamento da pausa de um ponto de vista lingüístico.

¹² Dentre esses estudos, conferir por exemplo: Critchley (1981); Metter and Hanson (1986); Darkins, Fromkin & Benson (1988), Illes et al (1988); Kempler and Van Lancker (2002).

1.2 – As pausas

Observamos, na literatura sobre doença de Parkinson, que os estudos sobre prosódia (e particularmente sobre as pausas) estão, na maioria das vezes, restritos a descrições de seus aspectos puramente acústicos. Observamos, ainda, que, de maneira geral, o que, nesse tipo de literatura se define como alteração prosódica dos sujeitos parkinsonianos é visto como decorrente de seus problemas motores, e dissociado do uso que esses sujeitos fazem dos elementos prosódicos durante a atividade verbal, ou seja, dissociado dos aspectos mais simbólicos da linguagem.

Dessa forma, tornam-se relevantes estudos que abordem o funcionamento da pausa em parkinsonianos sob uma perspectiva lingüística, considerando seu papel fundamental na organização do discurso. Assim, por meio de uma revisão de literatura lingüística (especialmente estudos desenvolvidos numa perspectiva textual-interativa), temos como proposta, nesta etapa de nosso trabalho, discutir o funcionamento das pausas durante a atividade verbal.

Inicialmente veremos como são destacados os lugares de ocorrência das pausas no fluxo discursivo; num segundo momento, verificaremos, nesse fluxo, os vínculos entre pausas e fatos ligados à organização do texto conversacional.

1.2.1 - *Sobre lugares de ocorrência das pausas no fluxo discursivo*

Segundo Brito (1994), o texto conversacional estrutura-se com o auxílio de unidades construcionais dependentes de uma circunstancialidade pragmática. Dentre outras estratégias conversacionais, a pausa, na visão da autora, é um elemento que ocorre com muita frequência e que constitui um tipo de marcador conversacional fundamental para a organização do diálogo. Quanto à sua ocorrência, as **pausas** “seguem uma unidade discursiva ou se realizam no interior desta; pospõem-se a uma entonação descendente ou ascendente; e podem ou não coincidir com o final da unidade temática” (p.537).

Considerando as **pausas** como fator decisivo na organização do texto conversacional, Fávero, Andrade e Aquino (2000) observam que elas são frequentes em final de unidade discursiva e, geralmente, concorrem com outros marcadores. Para as autoras, as pausas “também podem ocorrer no início de unidades, sobretudo como hesitações (ou pausas preenchidas)” (p.45).

Na visão de Abercrombie (1967), as pausas, quer sejam hesitações quer sejam paradas deliberadas para a tomada da respiração, são altamente idiossincráticas e variam de falante para falante¹³. Para o autor, essas pausas, na maioria das vezes, não são percebidas nem pelo falante nem pelo ouvinte e também não são previsíveis. E, ao contrário da crença popular, possuem apenas uma pequena relação com a sintaxe.

Cagliari (1992a) também destaca a função aerodinâmica da **pausa**, na medida em que sua presença na fala pode coincidir com momentos respiratórios. Esse tipo de pausa ocorreria sempre entre os grupos tonais e, de preferência, no final de conjuntos de orações. Para o autor, a pausa teria ainda uma função de “segmentação” da fala; por isso, pode ocorrer depois de frases, sintagmas, palavras e até sílabas quando se silaba uma palavra.

Já Cruttenden (1986) destaca que as **pausas** parecem ocorrer tipicamente em três lugares no enunciado. Primeiramente, em fronteiras de constituintes maiores, principalmente entre orações e entre sujeito e predicado. Existiria, nessa posição, uma correlação entre o tipo de fronteira de constituinte e a duração da pausa, ou seja, quanto maior a fronteira maior a duração da pausa. Entretanto, para o autor, as pausas tenderiam a ser mais longas onde fronteiras de constituintes envolvem um novo tópico. O segundo lugar de ocorrência da pausa no enunciado seria antes de palavras de alto conteúdo lexical, ou em pontos de baixa probabilidade transicional. Nesse sentido, palavras precedidas por uma pausa freqüentemente indicariam uma dificuldade do sujeito de encontrar uma palavra para desenvolver o fluxo da fala. Este tipo de pausa ocorreria tipicamente antes de fronteiras de constituintes menores, por exemplo, entre um determinante e o núcleo do sintagma. Já o terceiro lugar de ocorrência seria após a primeira palavra num grupo entonacional. Esta seria uma posição típica de “erros de performance”, como, por exemplo, correções de falsos começos e repetições.

Num estudo sobre a evidência da pausa na fala, Butterworth (1980) observa que as **pausas** podem servir não apenas para criar um tempo disponível para o processo cognitivo do falante, mas também para ajudar o ouvinte na sua tarefa de compreender o falante. Para o autor, freqüentemente as pausas ocorrem em limites de sentenças. Nessa posição, propiciariam um tempo ao falante de formular a sentença seguinte e poderiam “[...] também ajudar o ouvinte a segmentar sintaticamente o *input*” (p.157)¹⁴. Além disso, segundo Butterworth, existem evidências de que os ouvintes fazem a maior parte do seu trabalho cognitivo no final de sentenças, marcando os limites de sentenças com pausas “duplas”, úteis para eles.

¹³ Destaca-se aqui um vínculo entre o aspecto motor e o aspecto simbólico da linguagem.

¹⁴ “[...] also help the listener to syntactically segment the input” (BUTTERWORTH, 1980, p.157).

Ainda no que se refere a essa função cognitiva da pausa, Goldman-Eisler (1958) destaca que as pausas na fala parecem ser “uma manifestação do bloqueio mais geral da atividade que ocorre quando os organismos são confrontados com situações de incerteza, ou seja, quando a seleção do passo seguinte requer um ato de escolha” (p. 96)¹⁵. Dessa forma, para essa mesma autora, a ocorrência da pausa estaria correlacionada com a menor previsibilidade de ocorrência de uma palavra num determinado contexto, ou seja, quanto maior a liberdade de escolha do falante, num determinado contexto, maior a possibilidade de ocorrência da pausa, e ainda, maior seria a duração dessa pausa.

Num estudo comparativo sobre pausas preenchidas e não preenchidas, Goldman-Eisler (1961) destaca que, pausas preenchidas e não preenchidas, enquanto fenômenos hesitativos, parecem refletir processos internos de diferentes naturezas, nos quais a atividade cognitiva pode vir acompanhada por “[...] uma suspensão da atividade externa (fato ou ação vocal não-lingüística) por períodos proporcionais à dificuldade cognitiva [...]” (p.25)¹⁶.

No mesmo estudo citado acima, Goldman-Eisler destaca o trabalho de Maclay and Osgood, que trata da ocorrência de pausas preenchidas e não preenchidas na sentença, e sua relação com a função gramatical das palavras. Os autores chegaram aos seguintes resultados em seu estudo: (1) pausas preenchidas e não preenchidas são encontradas com mais freqüência antes de palavras lexicais do que antes de palavras funcionais, no entanto, pausas não preenchidas aparecem comumente antes de palavras lexicais; (2) pausas preenchidas ocorrem com mais freqüência no limite de frases do que dentro de frases; (3) pausas preenchidas e não preenchidas parecem ser uma questão de diferenças individuais, ou seja, uma relativa “preferência” pelo fenômeno da hesitação parece ser um aspecto do estilo individual do falante.

Rochester (1973) estabelece em seus estudos uma relação entre a duração e a localização da pausa. Para o autor, pausas breves (menores que 100 ms) que ocorrem entre limites de constituintes seriam pausas de juntura e serviriam como auxílio para o ouvinte. Já pausas mais longas (maiores que 3 segundos), pausas hesitativas, ocorreriam em pontos de menor probabilidade de transição e marcariam, portanto, a presença de associações muito fracas entre eventos lingüísticos além de marcarem o começo, ou o fim, de unidades da fala. O autor destaca também uma diferença entre a ocorrência de pausas preenchidas e silenciosas.

¹⁵ “[...] seemed therefore to be one manifestation of the more general blocking of activity which occurs when organisms are confronted with situations of uncertainty, i.e. when the selection of the next step requires an act of choice” (GOLDMAN-EISLER, 1958, p. 96).

¹⁶ “[...] arrest of external activity (speech or non-linguistic vocal action) for periods proportionate to the difficulty of the cognitive task, while emotional attitudes would be reflected in vocal activity of instantaneous or explosive nature” (GOLDMAN-EISLER, 1961, p.25).

Para Rochester, pausas preenchidas ocorreriam relativamente com mais freqüência antes de palavras funcionais e em limites de frases, enquanto que as pausas silenciosas ocorreriam mais provavelmente antes de palavras de conteúdo e no interior de frases.

Até o momento, no que se refere aos lugares de ocorrência da pausa, notamos que os autores os vinculam a fatos lingüísticos de várias naturezas. Assim, observamos vínculos entre lugares de ocorrência de pausas e fatos de natureza gramatical (palavras, orações, frases etc.), de natureza textual e discursiva (organização do diálogo, organização do texto, tópico, enunciado) e de natureza fonética fisiológica (segmentação da fala, pontos de respiração). No que se refere a esse último aspecto, é digno de nota o fato de que, por meio das considerações de Abercrombie (1967) e de Cagliari (1992a), é possível ressaltar, na ocorrência de pausas no fluxo discursivo, vínculos entre o aspecto motor e o aspecto simbólico da linguagem.

Além disso, verificamos que, ao tratar de pontos de ocorrência das pausas, os autores os relacionaram a fatos ligados à organização da atividade conversacional, na medida em que destacaram o vínculo entre pausas e estratégias conversacionais, hesitações, atividades de formulação e processos cognitivos envolvendo o planejamento da conversação.

1.2.2 - Sobre o vínculo entre pausas e organização textual

Silva e Koch (1993), ao tratarem da estruturação do texto conversacional, postulam que os atos de fala que compõem o texto podem ser de dois tipos: ilocutórios e interativos. A esses atos, as autoras acrescentam as atividades de formulação e reformulação textual, por meio das quais se estruturariam os enunciados e se organizaria o texto. Definem como atividades de formulação o planejamento que o locutor faz na sua fala antecipando reações do parceiro, prevendo dificuldades de compreensão ou procurando dar destaque e/ou obscurecer referentes ou ações, marcando esses processos por meio de explicações, repetições, parafraseamento, correções e **pausas de planejamento**¹⁷ (preenchidas ou não), dentre outros marcadores.

Outra estratégia considerada como constitutiva do processamento do texto falado e também vinculada à ocorrência de pausas é a hesitação. Na visão de Koch (2000), a hesitação tem a função cognitiva de ganhar maior tempo para o planejamento/verbalização do texto. No que mais particularmente nos diz respeito, Koch destaca que, além de alongamentos de vogais, consoantes ou sílabas iniciais ou finais, repetição de palavras de pequeno porte,

¹⁷ Destaque nosso.

truncamentos oracionais, a hesitação manifesta-se também por meio de **pausas**, preenchidas ou não.

Num estudo sobre processos cognitivos relacionados ao que o autor categoriza como fala espontânea e como organização e função do comportamento não-verbal na conversação interacional, Beattie (1980) observa que a distribuição das hesitações se relacionaria com a estrutura sintática da fala. Para o autor, existiria uma significativa tendência para as hesitações ocorrerem em direção ao começo de orações, especialmente na posição inicial da oração, onde executariam funções cognitivas. Como marcas de hesitações, Beattie destaca as **pausas**, vinculando sua ocorrência ao que entende como função social de marcas hesitativas, já que, para o autor, a ocorrência de pausas não-preenchidas na conversação permitiria um tempo para a decodificação pelo ouvinte e a ocorrência de pausas preenchidas preveniria a interrupção do ouvinte.

Castilho (2000) destaca que recursos prosódicos tais como **pausas**, articulação enfática, alongamentos, certos itens lexicais e pré lexicais, ou mesmo expressões mais complexas, funcionariam como articuladores da conversação, aos quais chama de *marcadores conversacionais*. O autor observa ainda que esses marcadores funcionariam no monitoramento da conversação. Castilho observa, ainda, que o primeiro lingüista a escrever um estudo longo sobre os marcadores conversacionais no português do Brasil foi Marcuschi.

Para Marcuschi (1986), dentre os diversos marcadores, com funções tanto conversacionais como sintáticas, há as **pausas** e as hesitações. As pausas, caracterizadas como recursos supra-segmentais de natureza lingüística, mas não de caráter verbal, podem ser curtas, médias e longas, e constituiriam um fator decisivo na organização do texto conversacional. Ainda no que se refere às pausas, o autor observa que são freqüentes em final de unidades comunicativas, podendo “surgir também no início de unidades, sobretudo como hesitações (ou pausas preenchidas)” (p.63). Quanto à hesitação, o autor caracteriza os *fenômenos da hesitação* (repetições, pausas meditativas, preenchidas) como indicadores do planejamento cognitivo do texto. Marcuschi (1999) ressalta que a hesitação desempenharia funções importantes na fala: papéis formais, cognitivos e interacionais. Atuaria no plano da formulação textual e obedeceria a alguns princípios gerais de distribuição servindo como indicação de organização sintagmática da língua.

Além de vínculos entre pausas e fatos da organização conversacional como os que acabamos de descrever, outro aspecto conversacional freqüentemente relacionado à ocorrência de pausas no fluxo discursivo é sua organização em tópicos.

Para Jubran et al (1993), a noção de tópico

[...] decorre de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada num complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam, bem como suas pressuposições. (1993:361)

Retomando as pesquisas que integram o Projeto da Gramática do Português Falado no Brasil sobre tópico, Fávero, Andrade e Aquino (2000) observam que o tópico discursivo apresentaria as propriedades de centração (é o falar acerca de algo), organicidade (relação de interdependência em dois planos: sequencial – distribuição linear ou horizontal – e hierárquica – distribuição vertical) e delimitação local (o tópico é marcado, potencialmente, por início, desenvolvimento e fecho).

Num estudo sobre a organização tópica da conversação, Jubran et al (1993) destacam que silêncios e **pausas** poderiam constituir-se em ausências significativas e marcar pontos de segmentação tópica. Essas ocorrências se manifestariam com mais frequência no final do segmento tópico. Os autores observam também que marcas como alongamento de vogais, **pausas**, ralentamento da fala, algumas vezes com a manifestação de anacolutos e interrupções, que caracterizam hesitações, poderiam aparecer marcando o fim do segmento tópico.

Ainda no que se refere à organização do tópico, **pausas** e outras marcas formais (ausência de conectores do tipo lógicos e mudanças prosódicas) funcionariam para o reconhecimento e delimitação de parênteses. Os parênteses, para Jubran (1996), tomando-se por critério a categoria de topicalidade discursiva, identificam-se como desvios momentâneos, sem estatuto tópico, do quadro de relevância temática do segmento contextualizador. Nesse sentido, os parênteses teriam uma função pragmática e um papel importante no estabelecimento da significação, porque, no intervalo da suspensão tópica, eles promoveriam esclarecimentos, atenuações ou ressalvas sobre o que está sendo dito, sobre como se diz, ou sobre a própria situação interativa.

Quanto à delimitação de tópicos, além de fatos prosódicos, morfossintáticos e léxico-semânticos, outros elementos, de acordo com Jubran et al (1993), poderiam funcionar como delimitadores, tais como: marcadores conversacionais, atos ilocutórios, hesitações e (no que mais de perto nos diz respeito) **pausas**.

Finalmente, um último aspecto da organização conversacional que se mostra vinculado à ocorrência de pausas no fluxo discursivo é a sua distribuição em turnos. Mas,

antes de tratarmos desse vínculo, mencionaremos, de passagem, como o turno é concebido em estudos desenvolvidos, no país, sobre a organização textual-interativa.

Galembek (1995) caracteriza a conversação como uma série de turnos, definidos como “qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão” (p.60).

Já Castilho (2000) define o turno como “segmento produzido por um falante com direito a voz” (p.36). O autor observa que essa definição depende do tipo de análise que o pesquisador pretende fazer – (a) uma análise interacional que prioriza todo segmento produzido por um falante e, nesse caso, sinais como *ahn ahn*, *uhn uhn* emitidos ao longo da conversação seriam turnos, ou então (b) uma análise textual global que prioriza o segmento produzido pelo falante, mas apenas aquele falante com direito a voz e, nesse caso, esses sinais não corresponderiam a turnos.

A definição que Marcuschi (1986) dá para o turno, a nosso ver, está bastante próxima à segunda aceção de Castilho. Com efeito, para Marcuschi, o turno seria um disciplinador da atividade conversacional em obediência à regra geral básica da conversação: “*fala um de cada vez*”. Essa fala alternada caracterizaria o turno, ou seja, a alternância de falantes durante a conversação. No entanto, o autor ressalta que, durante a conversação, nem sempre o turno obedece a esse princípio organizado “fala um de cada vez”, já que podem ocorrer momentos de “disputa” pela tomada e a manutenção do turno nos quais se verificam sobreposições de vozes.

É justamente esse autor que, mais diretamente, relaciona **pausas**, silêncios e hesitações à organização do turno conversacional. Para Marcuschi (1986), pausas, silêncios e hesitações são organizadores locais que podem configurar lugares relevantes para a transição de um turno a outro. Em conversas informais, por exemplo, as pausas propiciariam mudanças de turno. O autor salienta, ainda, que as hesitações (ou pausas preenchidas) teriam participação na organização e no planejamento interno do turno, já que propiciariam ao falante um maior tempo de sua atividade conversacional. Observa também que, nos monólogos, as pausas longas teriam uma função cognitiva, já que atuariam no planejamento verbal ou na organização do pensamento.

Castilho (2000) também destaca o papel das pausas na organização da manutenção ou na passagem de turno. O autor observa que, no caso da manutenção do turno, o falante costuma lançar mão de **pausas** mais curtas, freqüentemente preenchidas por meios fáticos do tipo “*ah*”. Já no caso da passagem de turno por assalto ou consentimento, o falante pode

aproveitar qualquer pausa de maior extensão que permite o assalto ou sinaliza ao interlocutor que é a sua vez de falar.

Scliar-Cabral e Rodrigues (1994) também relacionam pausas a fatos ligados ao turno, na medida em que as **pausas** possibilitariam a retroalimentação do interlocutor, de modo a mantê-lo preso ao discurso, bem como manteriam, assinalariam ou assumiriam a mudança de turno.

Silva (1994) também trata da relação entre pausas e organização do turno conversacional. O autor aponta que a passagem de turno consentida pelo falante é a entrega implícita do turno ao outro participante do diálogo e que, nesse caso, encontramos a presença de marcadores caracterizados como supra-segmentais, tais como a **pausa** e a entonação descendente. Já o assalto ao turno, que na visão do autor seria uma violação do princípio básico da conversação “fala um de cada vez”, na qual um dos interlocutores invade o turno do outro, essa intervenção se daria após a ocorrência de marcas de hesitação. Quanto à sustentação do turno, os mecanismos mais comuns empregados pelo falante para sinalizar sua intenção de manter o turno seriam marcadores como alongamentos, repetições e elevação da voz.

Por fim, ressaltamos mais uma vez a importância da pausa na organização de aspectos conversacionais e discursivos, e sua relação com processos cognitivos que envolvem planejamento e elaboração da atividade verbal.

Portanto, focar da pausa apenas suas características acústicas relacionadas a aspectos motores, como vem sendo realizado em muitos estudos sobre a doença de Parkinson, não nos permite compreender os processos cognitivos, marcados por procedimentos lingüísticos-discursivos, de planejamento e elaboração da atividade verbal intrinsecamente a ela relacionados.

1.3 Justificativas e objetivos

Assim, com base no exposto nas seções 1.1 e 1.2, esta pesquisa tem como proposta observar se a maneira como as pausas de início de turno, utilizadas na conversa espontânea de sujeitos parkinsonianos, modifica-se ao longo de um intervalo considerável de tempo, e ainda, no caso de haver modificação, analisar quais fatores, além dos de ordem motora, estariam envolvidos nessa mudança de uso das pausas.

Este estudo, a nosso ver, justifica-se pelas seguintes razões:

- pode contribuir para uma melhor compreensão do funcionamento das pausas na atividade verbal de parkinsonianos;
- pode fornecer mais informações sobre a progressão da doença e sobre a correlação entre essa progressão e as alterações de linguagem que a doença de Parkinson provoca;
- pode contribuir para uma visão da atividade de linguagem de parkinsonianos em que se privilegiem: (a) a maneira pela qual esses sujeitos organizam e usam a linguagem; e (b) a forma com que eles usam esse elemento prosódico (a pausa) para a construção e a reconstrução da linguagem na medida em que a doença progride e suas dificuldades verbais aumentam;
- pode auxiliar na compreensão das alterações de linguagem de parkinsonianos, de um modo geral, e contribuir para que se repensem os chamados “programas de reabilitação” correntes na prática terapêutica com esses sujeitos.

De acordo com o que foi antecipado, esta pesquisa tem como objetivos mais específicos:

- avaliar se a comparação entre registros de conversação dos mesmos sujeitos parkinsonianos, com um intervalo significativo de tempo entre eles, mostraria modificações no modo como as pausas iniciais ocorrem no discurso desses sujeitos;
- se houver modificações nessas ocorrências, identificar quais aspectos da linguagem estariam envolvidos nessas modificações;
- ainda no caso de haver modificações e sabendo-se que a doença de Parkinson é uma doença degenerativa, identificar se essa alteração no uso das pausas iniciais estaria ligada a uma possível progressão da doença;
- finalmente, propor uma mudança na metodologia utilizada pela maioria dos estudos sobre a doença de Parkinson, buscando, por meio de registros de conversa espontânea, um enfoque interacionista e discursivo para as dificuldades verbais de parkinsonianos.

2 - ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1 Sujeitos

Participaram deste estudo dois sujeitos (C e J) que freqüentaram a *ex-Clínica de Fonoaudiologia* (atual *Centro de Estudos da Educação e Saúde*) da Unesp/Marília, ambos do sexo masculino, acometidos pela doença de Parkinson, clinicamente diagnosticados por um médico neurologista.

Na época do primeiro registro da atividade conversacional dos sujeitos (agosto de 1998), C estava com 62 anos e J com 74 anos. Já no segundo registro (abril de 2000), o primeiro deles estava com 64 anos e o segundo com 76 anos. Desse modo, entre as gravações ocorreu um intervalo de um ano e oito meses.

Ambos os sujeitos são escolarizados: C tem o terceiro grau completo e J cursou até a oitava série do primeiro grau. Quanto à profissão, C é ex-comandante formado pela Academia Militar Barro Branco e J é ex-funcionário do IBGE.

2.2 Procedimentos de registro

Foram realizados, dois registros de conversa espontânea de nossos dois sujeitos (dois registros para cada sujeito) com vistas a uma análise comparativa da ocorrência de pausas em seu fluxo discursivo.

Quanto ao tempo do primeiro registro, a sessão de conversação do sujeito C foi realizada em sua residência e não se estipulou um tempo de duração para o seu desenvolvimento e término. Já a sessão de conversação do sujeito J foi realizada na *ex-Clínica de Fonoaudiologia*, onde J recebia atendimento fonoterápico. Portanto, o tempo de gravação obedeceu ao tempo destinado para uma sessão de terapia, ou seja, mais ou menos em torno de quarenta ou quarenta e cinco minutos. É importante ressaltar que, entre os momentos de conversa espontânea, o sujeito realizou algumas atividades de terapia.

Quanto ao tempo do segundo registro, foi estipulado um tempo de gravação baseado no tempo médio de duração de uma atividade de fonoterapia, ou seja, de trinta a quarenta minutos. É importante ressaltar que, como os parkinsonianos poderiam apresentar algum tipo

de fadiga respiratória em função da própria doença, levou-se em conta que o tempo de gravação poderia ser menor do que o previsto.

O objetivo de fazer três dos quatro registros na casa dos sujeitos foi, especialmente, o de obter maior fidedignidade quanto à espontaneidade de sua fala. Além disso, não foi alterada a rotina diária desses sujeitos, com o intuito de deixar o ambiente de gravação o mais próximo de seu dia-a-dia. Por exemplo: durante o registro, acontecia o movimento da faxineira nos demais cômodos da casa; foi permitida a participação, durante as gravações, de netos, esposa, filhos e outras pessoas do convívio dos sujeitos; não houve interferência em situações em que os sujeitos quisessem fumar, comer, beber água, apresentar um livro ou atender à campainha.

Um fato a ser destacado é o de que o primeiro registro do sujeito J se deu na ex-*Clínica de Fonoaudiologia* para evitar uma dificuldade maior de deslocamento desse sujeito para suas atividades de terapia (fonoaudiológica e fisioterápica).

Quanto ao equipamento de registro, utilizamos um gravador SONY, tipo DAT (Digital Audio Tape), modelo TCD-D8, acoplado a um microfone SONY, modelo ECM-MS957, localizado a cerca de 30 cm (trinta centímetros) dos sujeitos gravados.

Optou-se pelo uso de equipamentos digitais visando a uma melhor qualidade acústica das gravações. De modo semelhante, foi utilizado um microfone multidirecional com vistas a uma maior fidedignidade dos sons captados para a gravação. Além disso, a opção por um microfone multidirecional previa a possibilidade de os sujeitos, já que se trata de parkinsonianos, fazerem um uso mais fraco da intensidade vocal. Embora esse problema tenha sido minimizado, como as gravações foram realizadas em ambiente aberto, conseqüentemente sem tratamento acústico, houve por vezes contaminação proveniente dos ruídos de fundo sobre os sons da fala dos sujeitos gravados.

Para resolver essa situação, foi realizado o tratamento acústico dessas gravações. Para tanto, as gravações passaram por um sistema de filtragem e de amplificação do som: filtragem dos sons referentes ao ruído de fundo, e amplificação dos sons da fala dos sujeitos gravados. Além disso, foram feitas remasterizações das gravações das fitas tipo DAT para discos digitais (CD), modelo de MD (mini disc), da marca SONY, o que permitiu uma maior garantia da qualidade digital das gravações, que pode se manter mesmo com o decorrer dos anos. O resultado foi bastante satisfatório para a condução deste estudo, principalmente no que concerne às digitalizações das porções de fala das quais foram extraídas as pausas.

2.3 Transcrição

A transcrição do *corpus* coletado, ou seja, a transcrição da conversa espontânea de cada sujeito gravado foi feita com base em trabalhos desenvolvidos por Pretti & Urbano (1988), Marcuschi (1986) e Koch (1997). Dos **Anexos** de nosso trabalho, consta a transcrição de todo o *corpus*, com legendas relativas aos interlocutores que participaram de cada sessão de conversação.

Além de notações desses autores para as (de)marcações conversacionais, outros fatos relativos a questões teórico-metodológicas da conversação destacados por eles foram levados em conta, tais como o fato de nossas sessões terem sido desenvolvidas sob o prisma de uma entrevista gnômica ou instrucional, ou seja, entrevistas que “contêm depoimentos de caráter impessoal e genérico sobre alguma atividade, constituindo-se em diálogos fortemente dirigidos pelo documentador” (Pretti & Urbano, 1988; p.1).

Assim, mais uma vez, este estudo se distancia daquelas pesquisas que, ao proporem uma atividade de conversa espontânea como metodologia, na verdade se apóiam numa entrevista de ordem narrativa, ou seja, “narrativa de ordem intimista em que se relata, na primeira pessoa, alguma experiência vivida pelo informante, relativamente ao assunto proposto” (*idem, ibidem*) – distanciando-se, conseqüentemente, de uma atividade interacional em que o texto falado é construído no diálogo entre falantes, *on-line*, já que essas narrativas pressupõem um tópico a ser desenvolvido apenas pelo informante, não entre os participantes da entrevista.

2.4 Seleção e digitalização das pausas

Após a transcrição do material, foram selecionadas apenas as pausas que ocorreram em posição inicial no turno. O critério para definir acusticamente as pausas foi o mesmo utilizado por Illes (1988), a saber, interrupção do fluxo temporogramatical da fala.

As pausas foram analisadas inicialmente quanto a sua duração. Para isso, foi utilizado o programa de análise acústica Multi Speech acoplado a um computador Modelo Pentium III 866 MHz, com placa de som system Board Soyo. A classificação da duração seguiu critérios propostos por Zaniboni (2001). De acordo com essa autora, as pausas foram classificadas como: (a) **breves**, quando tiveram duração entre 0.50 a 1.00 segundo; (b) **médias**, quando tiveram duração entre 1.01 a 1.51 segundos; e **longas**, quando tiveram duração superior a 1.52

segundos. As Figuras 01, 02 e 03 exemplificam, respectivamente, a digitalização de uma pausa breve, de uma média e de uma longa:

Figura 01: Digitalização de uma pausa inicial breve de 0.64 ms.

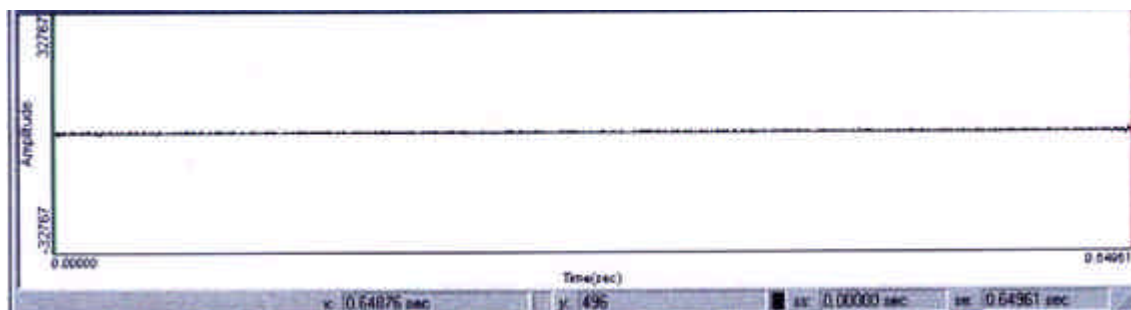


Figura 02: Digitalização de uma pausa inicial média de 1.33 ms.

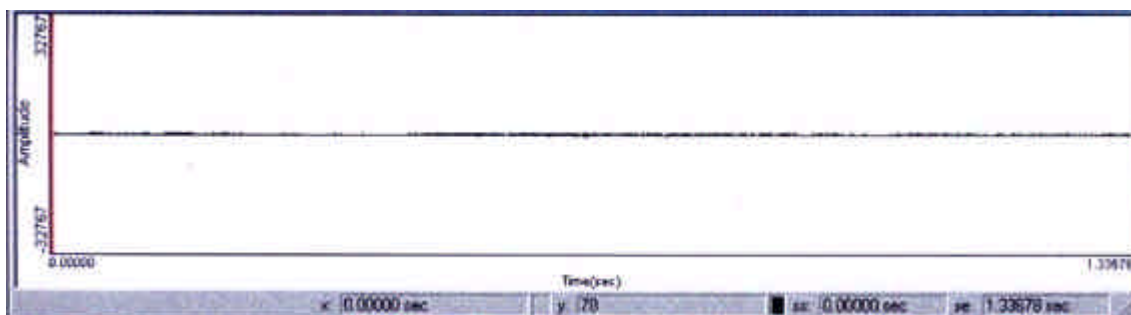
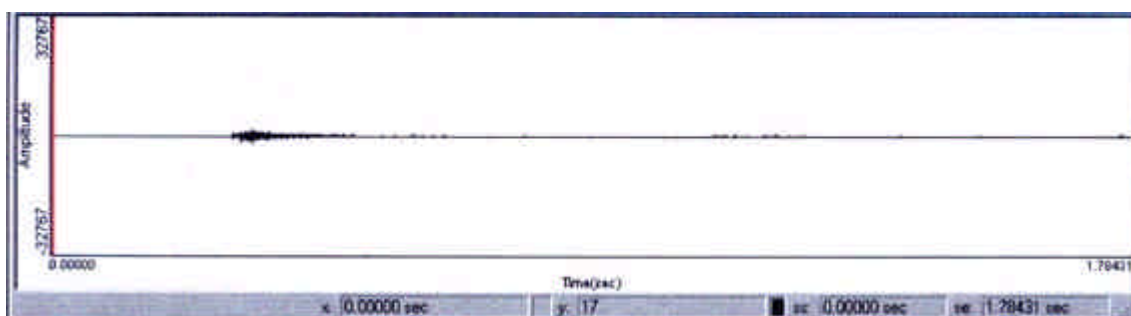


Figura 03: Digitalização de uma pausa inicial longa de 1.78 ms.



Também com base em Chacon e Schulz (2000), foi levado em consideração para a análise o fato de as pausas serem não-preenchidas ou silenciosas, preenchidas e mistas. Conforme esses autores, pausas **não-preenchidas** ou silenciosas são aquelas que se caracterizam pela quebra da cadeia temporogramatical apenas pelo silêncio, como nos mostra a Figura 04. Já as **preenchidas** são interrupções que se caracterizam pela presença de material acústico, como vocalizações ou ruídos, como nos mostra a Figura 05. Finalmente, as pausas

mistas são caracterizadas por possuírem momentos de silêncio e presença de ruídos ou vocalizações, combinados de diversas formas (cf. Figura 06).

Figura 04: *Digitalização de uma pausa inicial não-preenchida ou silenciosa.*

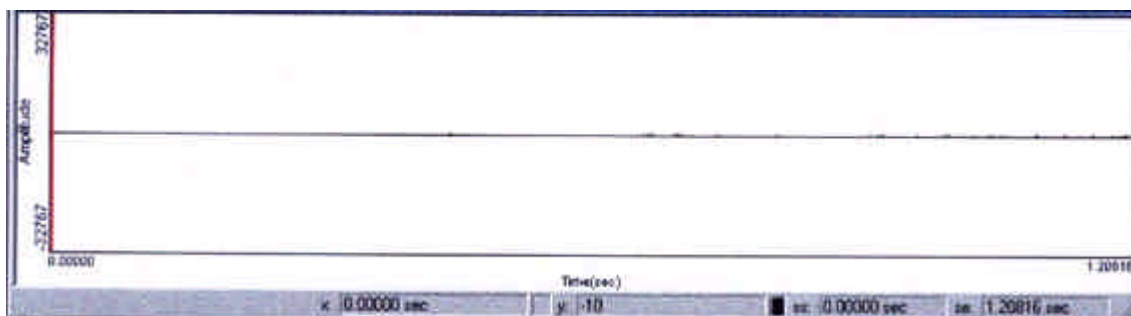


Figura 05: *Digitalização de uma pausa inicial preenchida.*

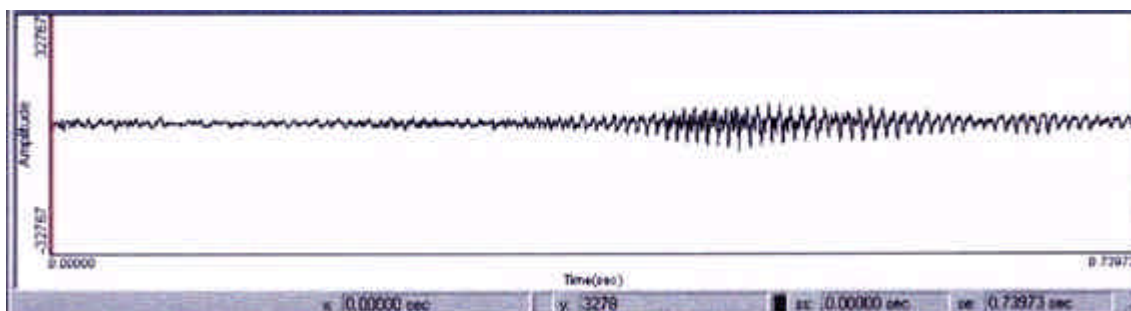


Figura 06: *Digitalização de uma pausa inicial mista.*



Conforme mencionado no item 2.2, antes de serem feitas as digitalizações das gravações da conversa espontânea dos sujeitos gravados, isto é, antes de os sinais acústicos serem transformados em sinais gráficos de espectro de fala, foi feito um tratamento acústico das gravações realizadas nas fitas tipo DAT, que foram remasterizadas em MD (mini disc).

Para digitalizar essas gravações de conversa espontânea (já remasterizadas), também como já mencionado, foi utilizado o programa computacional Multi Speech, modelo 3700, marca Kay Elemetrics.

1.2 filter order: 24

1.3 pre-emphasis: level-0,980

1.4 display (y-axis): *minimun:-20dB

: *maximun: 50dB

1.5 display (x-axis): *minimun: 0% - *maximun: 80%

1.6 analysis method: autocorrelation

1.7 window weighting: *blackman

: *pitch synchronous

2.0-LPC-Waterfall Setup:

2.1. Analysis:

2.1.1 filter order: 24

2.1.2: pre-emphasis: 0,980

2.1.3 window weighting: blackman

2.1.4 analysis method: autocorrelation

2.2. Framing:

2.2.1 frame length: 10 msec

2.2.2 frame advance: 10 msec

2.3 Display:

2.3.1 display (y-axis): *minimun: -20dB

: *maximun: 50dB

2.3.2 display (x-axis): *minimun: 0%

: *maximun: 80%

2.3.3 skew angle: right

2.3.4 start frame: first

3.0-FFT Power Spectrum-Options

3.1 Analysis Size: 128 points

3.2 Smoothing Level: none

3.3 Frame Size: match FFT size

4.0-FFT Waterfall-repetimos os dados de LPC Waterfall (item 2.0)

5.0-LTA Power Spectrum (long term average FFT options):

repetimos os dados de FFT Power Spectrum (item 3.0)

6.0-Cepstrum Analysis/Cepstrum Display Options:

6.1 time (x-axis) (msec): *interval

: * minimun: 0.10

: *maximun: 12.00

6.2 level (y-axis) : *minimun: -200 - *maximun: 200

7.0-Spectrogram

7.1 Analysis:

7.1.1 analysis size: 100 points (323.00 Hz)

8.0-Formant History-Formant Analysis Options

8.1 Frame Length: 10 msec

8.2 Frame Advance: 10 msec

8.3 Filter Order: 24

8.4 Pre-emphasis: 0,980

8.5 Bandwidth limit: bandwidth <500Hz

9.0-Voice Periods Marks-Impulse Analysis Options

9.1 Impulse Location: negative peak

9.2 Analysis Range: *minimun: 70 - *maximun: 300

9.3 Zero Offset: 0

9.4 Min Peak: 1000

10.0-Voicing Analysis-Voicing Statistic Optins:

10.1 min: *50 Hz

10.2 min. enegia: *0 dB

II. Editing:

A. Signal Offset-Offset Options:

1.0 Automatic

B. Copy:

1.0 Channels:

1.1 Displayed channel

1.2 Copy as 1 (one)

2.0 Attributes:

2.1 Impulse marks

2.2 IPA transcript

2.3 Tags

2.4 Palatometer images

C. Append Signal Options:

1.0 All channels

2.0 Attributes: idem 2.0

D. Fiter Options:

1.0 Filter Order: 100

E. Source Signal Duration-Rate Synthesis Options:

1.0 Increase 150% of original

2.0 Generate new signal

2.5 Forma de análise dos resultados

Uma vez classificadas em função de sua duração, bem como de seu preenchimento ou não, as pausas que ocorrem em início de turno foram analisadas de acordo com papéis funcionais que desempenhariam no fluxo discursivo dos sujeitos parkinsonianos. Em outras palavras, foram observados vínculos entre pausas iniciais e organização da linguagem nesse fluxo.

É importante destacar que, sendo a pausa constitutiva do exercício da linguagem e possível de ser analisada em correlação com fatores conversacionais nas e pelas instancias discursivas, esta não pode ser analisada isoladamente, ou seja, apenas quanto a suas características acústicas de duração e de preenchimento. Portanto, para a análise dos dados realizamos uma correlação entre: (1) frequência de pausas e turnos conversacionais; (2) presença de pausa em turnos desenvolvidos e não desenvolvidos; (3) tipo de pausa em termos de duração que antecederam turnos desenvolvidos e não desenvolvidos; e (4) características de preenchimento acústico de pausas que antecederam turnos desenvolvidos e não desenvolvidos.

Realizadas essas correlações, partimos para a comparação dos dados obtidos em cada registro de cada sujeito.

Considerando que, para o nosso estudo, o turno conversacional é uma unidade de análise essencial, torna-se importante discutirmos o conceito de turno que empregamos em

nosso estudo, visto que, como já exposto anteriormente, a definição de turno depende do tipo de análise que o pesquisador pretende fazer¹⁸.

Para Marcuschi (1986) e Fávero, Andrade e Aquino (2000), o turno conversacional pode ser entendido como aquilo que o falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo, aí, a possibilidade do silêncio. Nessa perspectiva pode-se considerar o turno como um componente central da conversação, pois, na medida em que nem todos falam ao mesmo tempo e um só não fala o tempo todo, o turno seria um fator disciplinador da atividade conversacional.

Marcuschi (1986) considera que “[...] a *tomada de turno* pode ser vista como um mecanismo-chave para a organização estrutural da conversação [...]” (p.19, grifo do autor). No entanto, devemos distinguir o turno do falante das sobreposições localizadas. Marcuschi considera as sobreposições localizadas como “produção durante o turno do falante corrente, de modo que elas não caracterizam mudança de turno” (p.18).

Neste estudo, assim como no estudo de Zaniboni (2001), foram considerados turnos conversacionais os momentos em que cada falante, na atividade conversacional, distribuiu porções de seu texto oral, seja como uma proposta de assunto, seja como uma atividade responsiva ao dizer do interlocutor. E, ainda, partimos da idéia de que os turnos se organizariam alternadamente, ou seja, quando o locutor está com a palavra, o interlocutor, já formulando seu dizer, aguardaria o momento de sua tomada de palavra em resposta ao já dito (pelo, então, locutor). É importante ressaltar que não entendemos como turnos aquelas intervenções de interlocução que não cumpriam o papel de tomada de turno ou de sobreposição de turnos, e que, em sua maioria, coincidiam com momentos de sobreposição de fala do tipo ‘ah tá’, ‘nossa’, ‘ãhã’ etc (cf. o destaque em *itálico* do Exemplo 01):

¹⁸ Gostaríamos de destacar que a opção de utilizar o turno como unidade de análise ocorreu após muitas discussões e dificuldade para encontrarmos, naquele momento do desenvolvimento da pesquisa, outra unidade que atendesse às nossas necessidades. Durante as transcrições, tivemos dificuldades para determinar onde um turno terminava e outro começava. Tais dificuldades ocorreram principalmente quando detectávamos pausas médias e longas, que poderiam significar para o interlocutor a entrega do turno ou o encerramento do tópico. No exemplo abaixo, foi difícil identificar se a fala de T (interlocutor) era um turno, ou apenas um comentário no turno de J que coincidia com a pausa. Nesse momentos, outros recursos prosódicos como a entoação auxiliaram na decisão da pesquisadora.

J (0.57) de manhã eu + pego já a prancheta e faço + esses exercícios facial né + e faço +++ desd/principalmente nesse horário a voz parece que é melhor + estou descansado ++

T é

J (1.35) aí eu faço

Exemplo 01 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C conversam sobre a doença de Parkinson.*

L. ô seu Célio além da revista de Parkinson que o senhor lê + o senhor gosta de ler alguma outra coisa?

C. eu tenho problema de:: visão dupla + por causa dos problema ++ eu tenho visão dupla ++ o lado de cá tá perfeito mas quando eu vou assistir televisão ++ pega esse lado aqui + dá:: visão dupla ++ a visão dupla pelo que eu fiquei sabendo não é não faz parte do Parkinson ++ mas

L. [ah tá]

é desagradável a visão dupla

No que se refere ao desenvolvimento ou não de turnos discursivos, baseados em Zaniboni (2001), entendemos por turno desenvolvido aquele que, além de o falante (co)responder às solicitações enunciadas pelo interlocutor, ele – o falante – se estendeu no seu dizer, progredindo sua fala de modo a acrescentar e a enriquecer a informação a ele solicitada. Os destaques em *itálico* dos Exemplos 02 e 03 abaixo referem-se a turnos desenvolvidos, já os mesmos tipos de destaque nos Exemplos 03 e 04 abaixo referem-se a turnos não desenvolvidos:

Exemplo 02 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C conversam sobre a doença de Parkinson.*

L. depois do medicamento que parou + o tremor?

C. + (1.57) *é + (um determinado medicamento) + tem o médico que me acompanha ++ de vez em quando vai lá ele faz a verificação do remédio ++ ele é muito bom (o tratamento do*

L. [ah tá]
médico)

Exemplo 03 (extraído da 1ª gravação de J): *T e J conversam sobre o fato de os filhos de J morarem longe.*

T nossa tudo longe né seu Jurandir?

J [tudo longe ++ eu não tenho assim prazer de ir +++ por causa da minha situação né? +++ *chega lá eles não podem tá dando uma atenção que eles querem dar porque + todos lá trabalham*

Exemplo 04 (extraído da 2ª gravação de C): *L pergunta a C se quer parar a entrevista.*

L. obrigada seu Célio ++ escuta o senhor já está cansado + o senhor quer parar?

C. *absolutamente*

Exemplo 05 (extraído da 1ª gravação de J): *T pergunta sobre o fim de semana de J.*

T como foi o fim de semana onde o senhor for/hoje +++ foi na/no fim de semana?

J (1.65) *foi muito bem*

Quanto aos subsídios teóricos que embasaram nossa análise, contamos, por um lado, com contribuições teóricas vindas de estudos que tratam do papel da pausa na organização textual interativa, como, por exemplo, estudos sobre o Português falado no Brasil tais como os desenvolvidos por Marcuschi (1999), Jubran et al (1993), Koch et al (1990) e Silva & Koch (1996), dentre outros. Por outro lado, contamos também com estudos de natureza discursiva sobre a atividade verbal de sujeitos cérebro-lesados, tais como aqueles desenvolvidos por Coudry (1988), Coudry e Possenti (1983), Lebrun (1983) e Luria (1991), dentre outros.

No que se refere ao papel da pausa na organização do texto conversacional, sem dúvida estudos sobre o processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado (KOCH et al, 1990), sobre as atividades de composição intervenientes na construção do texto falado (KOCH et al 1996), sobre a organização tópica da conversação (JUBRAN et al 1993) e sobre a hesitação (MARCUSCHI, 1999), serviram como referência e ponto de partida para nossa compreensão dos mecanismos hesitativos, em geral, e das pausas de modo mais específico.

No que se refere aos estudos de natureza discursiva sobre a atividade verbal de sujeitos cérebro-lesados, baseamo-nos fundamentalmente no estudo de Coudry e Possenti (1983), que trata da avaliação de discursos patológicos. Os autores destacam que conceber a lingüística como estudo das “formas” acarretou a idéia de que conhecer uma língua seria somente conhecer as regras internas do sistema. Dessa forma, avaliar o conhecimento explícito que o sujeito tem da língua resultou em aplicações de testes nos quais se privilegiam tarefas como nomear objetos, fornecer listas e aplicar regras gramaticais como a de negação, a de passivização etc. Na visão desses autores,

A avaliação deve ser considerada como um processo multidirecional [...], pois o objetivo é detectar os processos discursivos que foram ou não afetados e os *processos discursivos alternativos* que os pacientes passam, possivelmente, a utilizar de acordo com a gravidade e a natureza de sua patologia (p.105, grifos dos autores).

Dessa forma, nosso estudo pretendeu se afastar daqueles já descritos na literatura sobre a doença de Parkinson, que desvinculam a atividade motora do aspecto simbólico da linguagem e utilizam, como procedimento de avaliação, tarefas como nomear, repetir, listar etc. Foi com esse espírito que optamos por analisar as pausas na **conversa espontânea** de sujeitos parkinsonianos. A esse respeito concordamos com Coudry (1988):

A linguagem, integrando a estrutura dos processos cognitivos, age como meio de regular e mediar a atividade psíquica humana. A interlocução tem se mostrado o lugar apropriado para a emergência de operações epilingüísticas (hesitações, auto-correções, reelaborações, rasuras, pausas longas, repetições, antecipações, lapsos, etc.) no processo de aquisição da linguagem pela criança [...]. Tais operações mentais [...] também ocorrem no processo de reconstrução da linguagem pelo sujeito afásico (p.118).

Lebrun (1983) também faz uma crítica ao uso de testes padrão para a avaliação de sujeitos afásicos. Para o autor, a maioria desses testes produzem resultados ambíguos e excluem a fala espontânea da avaliação. Lebrun aponta que o ideal é chamar a fala produzida nesses testes de fala “provocada”, ao invés de fala espontânea, pois o que geralmente é analisado é uma amostra de fala conseguida pedindo-se ao paciente que descreva uma figura, ou seja, o paciente nunca, ou quase nunca, age com espontaneidade. Também por esta razão, afastamo-nos desse tipo de procedimento metodológico mais tradicional na literatura sobre a doença de Parkinson.

Outro aspecto importante de nossa análise é sua visão crítica de estudos que tentam uma correlação entre testes aplicados e localização topográfica da lesão. A esse respeito, Luria (1991) também contribuiu para o nosso estudo, na medida em que desenvolve um conceito mais amplo para “função”, que abarcaria a idéia de neuroplasticidade, muito difundida nos dias de hoje. Para o autor, função relaciona-se a uma atividade de adaptação de todo um organismo, ou seja, a função constitui-se numa complexa atividade, exercida pelo trabalho conjunto de todo um sistema de órgãos, cada um dos quais integra esse sistema funcional.

Subjacente a essa crítica, estamos fazendo uma outra, que se refere a uma visão (assumida ou implícita) da linguagem como código ou instrumento de comunicação, bastante presente na literatura sobre parkinsonismo. Assumimos a linguagem em seu funcionamento, como uma atividade na qual interlocutores

Devem preencher vazios, realizando inferências semânticas, mas também completando textos incompletos com inferências e correlações pragmáticas, devem colocar em funcionamento sua memória e diversos tipos de saber, de cuja relação complexa – e, para nós nada clara – resultam textos – mais ou menos adequados – produzidos e interpretados em situações concretas (POSSENTI, 1995, p.22).

Desse modo, procuramos compatibilizar esse enfoque de nossos dados aos procedimentos de sua coleta e seleção, o que propiciou a descrição e a discussão dos resultados que exporemos a seguir.

3 – EXPOSIÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão, prioritariamente, apresentados sob forma de quadros e de gráficos. Com base nos dados que constarão desses quadros e gráficos, buscaremos organizá-los da seguinte forma:

1. comparação entre os dados de cada sujeito em suas duas diferentes gravações;
2. comparação entre os dados do desempenho dos dois sujeitos, juntos, em suas diferentes sessões de gravações.

Quanto à duração da atividade discursiva de cada sujeito, o tempo total de gravação analisado foi muito próximo, ou seja: 31'49 e 28'09 para o sujeito C; 29'45 e 31'44 para o sujeito J.

Para que fosse possível a comparação de dados absolutos (como o total de turnos discursivos, que não podem ser transformados em valores percentuais), optou-se por analisar a primeira gravação do sujeito C até o tempo de 31 minutos e 49 segundos, momento no qual o sujeito encerra um tópico discursivo.

Já no caso do sujeito J, a primeira gravação foi realizada durante uma sessão terapêutica na *ex-Clínica de Fonoaudiologia* da Unesp/Marília, com duração total da atividade discursiva de 38'20. Também optamos por descartar os momentos em que o sujeito realizou exercícios vocais solicitados por sua terapeuta; dessa forma, o tempo analisado de atividade discursiva foi de 29'45.

O Quadro 01 sintetiza essas informações:

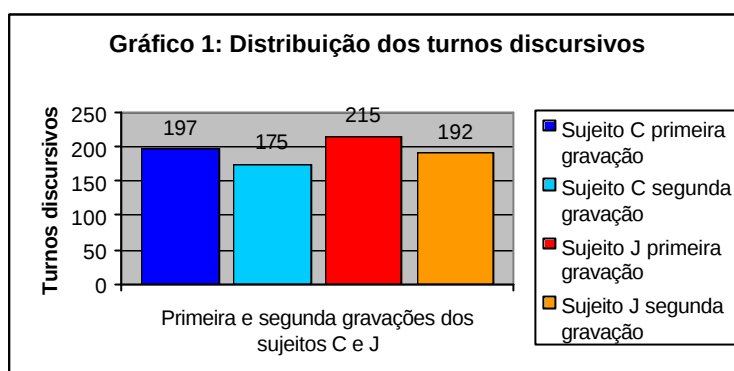
Quadro 01 – Duração da atividade discursiva e total de turnos discursivos.

Duração da atividade	C		J	
	<i>1ª gravação</i>	<i>2ª gravação</i>	<i>1ª gravação</i>	<i>2ª gravação</i>
Total	36'48	28'09	38'20	31'44
Total analisado	31'49	28'09	29'45	31'44
Total de turnos	196	175	215	192

3.1 Relações entre turnos discursivos e pausas iniciais

Quanto ao total de turnos discursivos analisados, observamos que tanto o sujeito C quanto o sujeito J apresentaram uma diminuição na quantidade de turnos discursivos da

primeira para a segunda gravação. Com efeito, C e J tiveram, respectivamente, 21 e 23 turnos a menos na sua segunda gravação, como se pode observar no Gráfico 01:



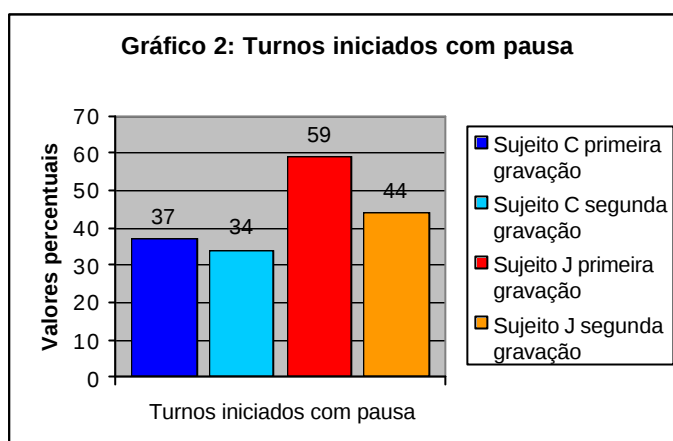
Houve, no entanto, uma variação intersujeitos: em ambas as sessões, no total de tempo analisado, o sujeito J desenvolveu sua atividade conversacional com um número maior de turnos do que o sujeito C, a saber: 19 na primeira sessão e 17 na segunda.

Quanto à presença ou não de pausas no início de turnos discursivos, podemos observar, no Quadro 02, a distribuição ou não dessa presença em valores absolutos e percentuais nos turnos dos sujeitos C e J:

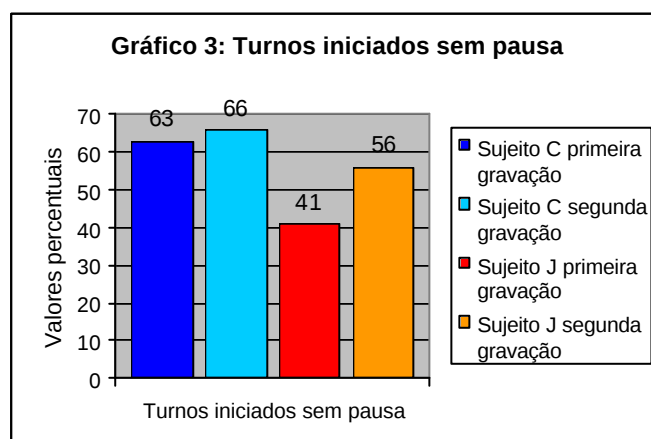
Quadro 02 – Distribuição dos turnos discursivos iniciados com e sem pausa.

Turnos	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	N	%
C/ pausa	72	37	60	34	126	59	84	44
S/ pausa	124	63	115	66	89	41	108	56
Total de turnos	196	100	175	100	215	100	192	100

Como se pode observar, tanto C quanto J apresentaram uma diminuição dos turnos iniciados com pausa em sua segunda gravação. Essa diminuição foi da ordem de 3% em C e, de modo mais significativo, de 15% em J, como ilustra o Gráfico 02:



Isso significa que os valores percentuais para os turnos iniciados sem pausa foram inversamente proporcionais ao de turnos iniciados com pausa tanto para o sujeito C quanto para o sujeito J, ou seja, observamos um aumento dos turnos iniciados sem pausa na segunda gravação da ordem de 3% para o sujeito C e de 15% para o sujeito J, como se pode ver no Gráfico 03:



Além desses fatos, comparando-se as duas sessões de gravação dos dois sujeitos, o Gráfico 02 possibilita verificar que C apresenta, na primeira sessão, 22% a menos de turnos discursivos iniciados com pausa em relação a J; já na segunda gravação, essa diferença diminui de modo mais significativo, uma vez que C passa a apresentar 10% a menos de turnos discursivos iniciados com pausa em relação a J – fato que aproxima um pouco mais o

desempenho verbal de ambos os sujeitos no que se refere à presença de pausa no início de seus turnos discursivos.

Em contrapartida, o Gráfico 03 possibilita verificar que esses valores são inversamente proporcionais em relação aos turnos iniciados com pausa.

3.2 Turnos desenvolvidos e turnos não desenvolvidos

O Quadro 03, abaixo, mostra dados relativos ao desenvolvimento ou não dos turnos discursivos¹⁹ de nossos dois sujeitos, expressos em valores absolutos e percentuais. No entanto, é importante observar que, na primeira gravação, seis dos turnos do sujeito C e dois do sujeito J não foram computados pois, não foi possível verificar seu desenvolvimento ou não, já que parte desses ou o seu todo foram incompreensíveis:

Quadro 03 – Turnos discursivos desenvolvidos e não desenvolvidos.

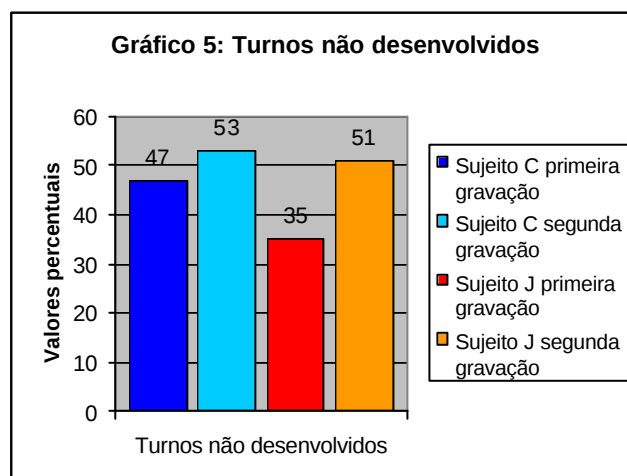
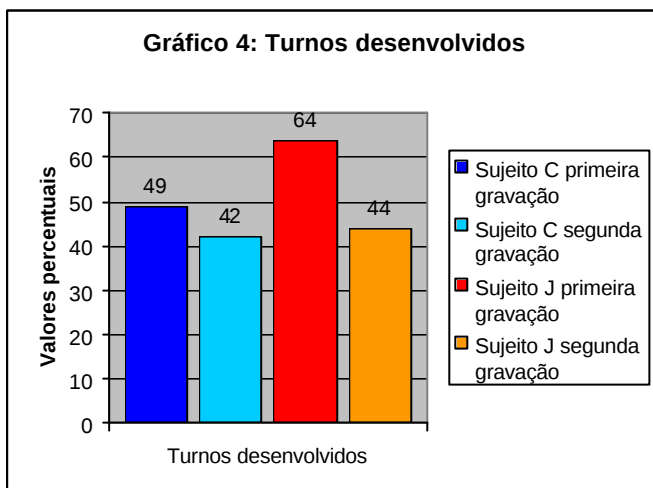
Turnos	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Desenvolvidos	97	49	75	42	138	64	84	44
Não desenvolvidos	93	47	92	53	75	35	98	51
Não computados	06	03	08	05	02	01	10	05
Total	196	100	175	100	215	100	192	100

Observamos no quadro 03 que, na primeira sessão de gravação, do total de 196 (100%) turnos de C, 40% correspondem a turnos desenvolvidos e 47% a turnos não desenvolvidos. Os 4% restantes dizem respeito a turnos não computados. Em relação a J, de seu total de 215 (100%) turnos, 64% correspondem a turnos desenvolvidos, 35% a turnos não desenvolvidos e 1% a turnos não computados.

¹⁹ Na medida em que se pode ver nos turnos mais de um enunciado (no sentido bakhtiniano desse termo) e na medida em que os turnos se organizam alternadamente entre os sujeitos falantes de modo a possibilitar a cada sujeito uma atitude responsiva em relação ao turno de seu interlocutor, entenderemos como **turno desenvolvido** aquele que, além de o falante (co)responder às solicitações enunciadas pelo interlocutor, ele – o falante – se estende no seu dizer, progredindo sua fala de modo a acrescentar e enriquecer a informação a ele solicitada.

Já na segunda sessão de gravação, do total de 175 (100%) turnos de C, 42% correspondem a turnos desenvolvidos, 53% a turnos não desenvolvidos e 5% a turnos não computados. Em relação a J, de seu total de 192 (100%) turnos, 44% correspondem a turnos desenvolvidos e 51% a turnos não desenvolvidos e 5% a turnos não computados.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 04 e 05 abaixo:



Ainda com respeito a esses valores percentuais, ao se comparar a primeira com a segunda gravação do sujeito C, nota-se que este sujeito apresentou uma diminuição, na segunda gravação, da ordem de 07% de seus turnos desenvolvidos, ao passo que o sujeito J apresentou uma diminuição de 20% desse mesmo tipo de turno. Isso equivale a dizer que, da

primeira para a segunda gravação, C e J tiveram, respectivamente um aumento de 06% e de 16% de turnos não desenvolvidos.

Finalmente, quando comparamos os sujeitos C e J em suas primeiras e segundas gravações, observamos também uma diferença intersujeitos. Na primeira gravação, o sujeito C apresenta 15 % a menos de turnos desenvolvidos em relação ao sujeito J e, na segunda gravação, apesar de permanecer a diferença entre os sujeitos, esta cai para apenas 2%.

Feita essa exposição dos dados relativos ao desenvolvimento ou não dos turnos discursivos dos sujeitos, passaremos à exposição da correspondência entre esses tipos de turnos e a presença ou não de pausa em seu início.

3.2.1 Turnos desenvolvidos com e sem pausa inicial

O Quadro 04 apresenta a distribuição, em valores absolutos e percentuais, dos turnos dos sujeitos C e J que foram desenvolvidos com e sem pausa inicial na primeira e segunda gravação:

Quadro 04 – Distribuição dos turnos desenvolvidos com e sem pausa.

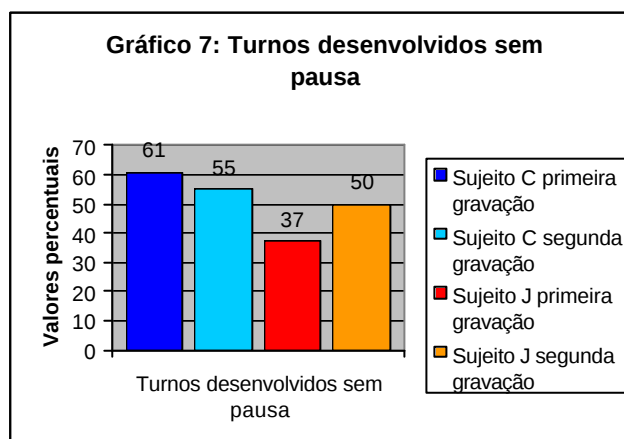
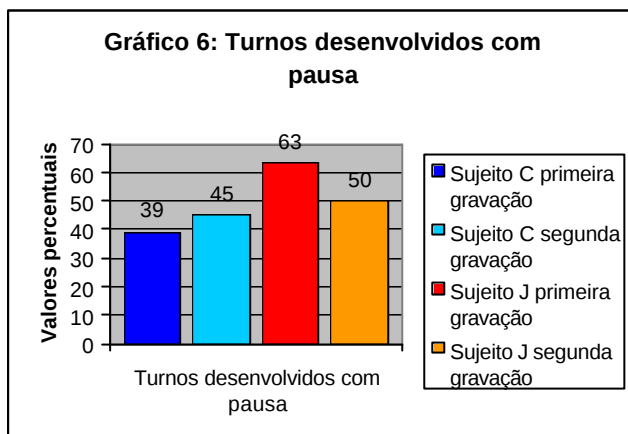
Turnos	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	N	%	n	%	n	%
Desenvolvidos c/ pausa	38	39	34	45	87	63	42	50
Desenvolvidos s/ pausa	59	61	41	55	51	37	42	50
Total	97	100	75	100	138	100	84	100

De acordo com o Quadro 04, observamos que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 97 (100%) turnos de C, 39% correspondem a turnos desenvolvidos iniciados com pausa e 61% a turnos desenvolvidos iniciados sem pausa. Em relação a J, de seu total de 138 (100%) turnos, 63% correspondem a turnos desenvolvidos iniciados com pausa e 37% a turnos desenvolvidos iniciados sem pausa.

Já na segunda sessão de gravação, do total de 75 (100%) turnos de C, 45% correspondem a turnos desenvolvidos iniciados com pausa e 55% a turnos desenvolvidos

iniciados sem pausa. Em relação a J, de seu total de 84 (100%) turnos, 50% correspondem a turnos desenvolvidos iniciados com pausa e 50% a turnos desenvolvidos iniciados sem pausa.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser bem visualizado nos Gráficos 06 e 07 abaixo:



Ainda com respeito aos valores percentuais, observa-se que, no que se refere aos turnos desenvolvidos iniciados com pausa, da primeira para a segunda sessão de registro, o sujeito C apresentou um aumento de 06% desse tipo de turno. Inversamente, quanto a esse mesmo aspecto, o sujeito J apresentou um diminuição de 13%. Já no que se refere aos turnos desenvolvidos iniciados sem pausa, da primeira para a segunda gravação, C apresentou uma diminuição de 06% nesse tipo de turno. Também inversamente, J apresentou um aumento de 13%.

Finalmente, quando comparamos os valores intersujeitos em suas primeira e segunda gravações, observamos que, na primeira sessão, C teve 24% a menos de turnos desenvolvidos

iniciados com pausa e 24% a mais de turnos desenvolvidos iniciados sem pausa do que J. No entanto, na segunda sessão, os valores para ambos os sujeitos assemelham-se, já que C apresenta 45% de seus turnos desenvolvidos iniciados com pausa e J apresenta 50% de seus turnos desenvolvidos iniciados por pausa. Quanto aos turnos desenvolvidos iniciados sem pausa, C apresenta 55% desse tipo de turno e J 50%.

3.2.2 Turnos não desenvolvidos com e sem pausa inicial

No Quadro 05, observamos a distribuição, em valores absolutos e percentuais, dos turnos discursivos não desenvolvidos dos sujeitos C e J que foram iniciados com ou sem pausa, na primeira e na segunda gravação de ambos os sujeitos:

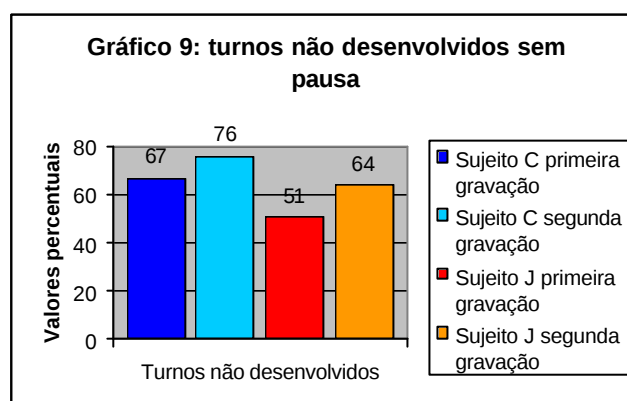
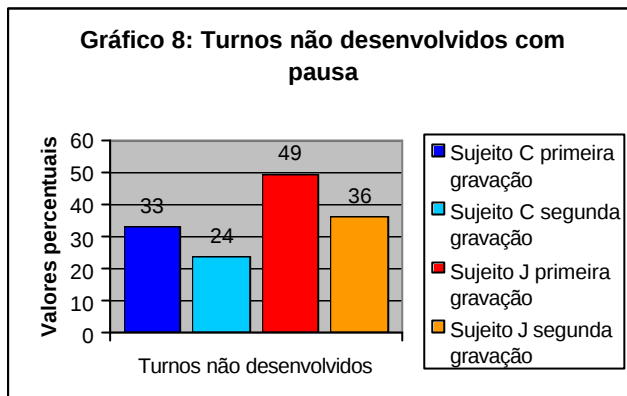
Quadro 05 – Distribuição dos turnos não desenvolvidos com e sem pausa.

Turnos	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Não desenvolvidos c/ pausa	31	33	22	24	37	49	35	36
Não desenvolvidos s/ pausa	62	67	70	76	38	51	63	64
Total	93	100	92	100	75	100	98	100

Notamos, no quadro 05, que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 93 (100%) turnos de C, 33% correspondem a turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 67% a turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa. Em relação a J, de seu total de 75 (100%) turnos, 49% correspondem a turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 51% a turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa.

Já na segunda sessão de gravação, do total de 92 (100%) turnos de C, 24% correspondem a turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 76% a turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa. Em relação a J, de seu total de 98 (100%) turnos, 36% correspondem a turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 64% a turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 08 e 09 abaixo:



Ainda com respeito aos valores percentuais, observa-se que, no que se refere aos turnos não desenvolvidos iniciados com pausa, da primeira para a segunda sessão de registro, o sujeito C apresentou uma diminuição de 9% desse tipo de turno. Mantendo a mesma tendência, o sujeito J apresentou um diminuição de 13%. Já no que se refere aos turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa, da primeira para a segunda gravação, C apresentou um aumento de 9% nesse tipo de turno. Mantendo essa mesma tendência, J apresentou um aumento de 13%.

Finalmente, quando comparamos os valores intersujeitos em suas primeira e segunda gravações, observamos que, na primeira sessão, C teve 17% a menos de turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 17% a mais de turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa do que J. Na segunda sessão, C apresenta 12% a menos de turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 12% a mais daqueles não desenvolvidos sem pausa do que J.

É importante notar que, da primeira para a segunda gravação, a diferença de turnos não desenvolvidos com e sem pausa entre os sujeitos C e J apresenta uma diminuição de 5%. Embora ainda exista uma certa diferença entre os sujeitos, observa-se que há uma aproximação na condição de seus desempenhos lingüísticos, no que se refere ao aspecto do qual vimos tratando neste estudo. Essa aproximação se mostra ainda maior quando relembramos resultados anteriormente apresentados. Com efeito, nos turnos desenvolvidos com e sem pausa, como vimos pouco acima, não encontramos diferença, na segunda gravação, entre os sujeitos C e J. Como se vê, no que se refere a presença ou não de pausa inicial em turnos desenvolvidos ou não, ocorre uma tendência de aproximação entre os sujeitos quando se passa da primeira para a segunda sessão de registros de sua atividade conversacional.

3.3 Relações entre desenvolvimento de turnos e duração das pausas iniciais

Para o desenvolvimento desta parte de nosso estudo destacaremos, inicialmente, a distribuição que fizemos da duração das pausas em faixas de valores para, a seguir, correlacionarmos essa distribuição com o desenvolvimento ou não dos turnos discursivos.

3.3.1 Dados relativos à duração das pausas

O Quadro 06 mostra a distribuição das pausas em categorias como breves, médias e longas em valores absolutos e percentuais encontrados na primeira e segunda gravação dos sujeitos C e J:

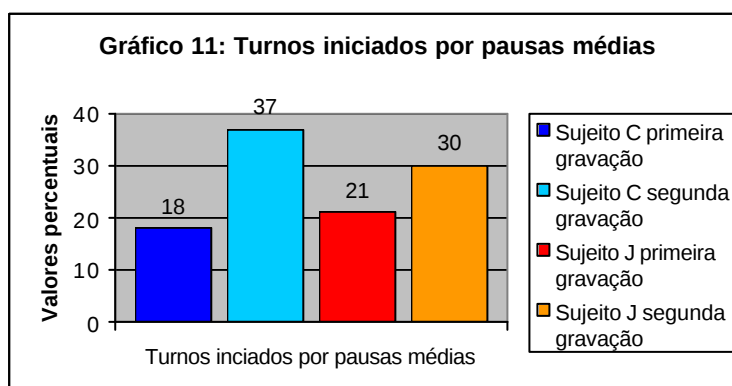
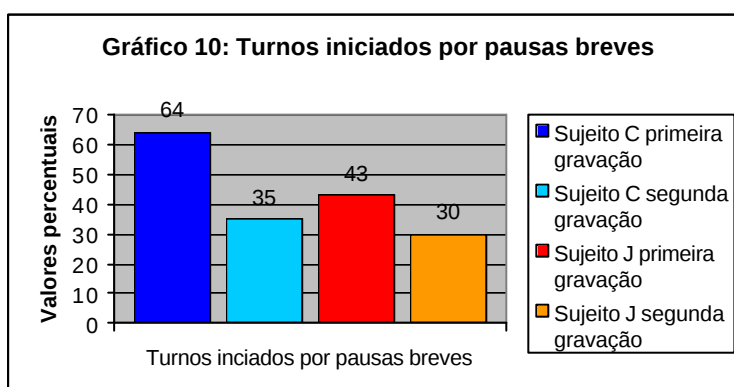
Quadro 06 – Distribuição das pausa por faixa de duração.

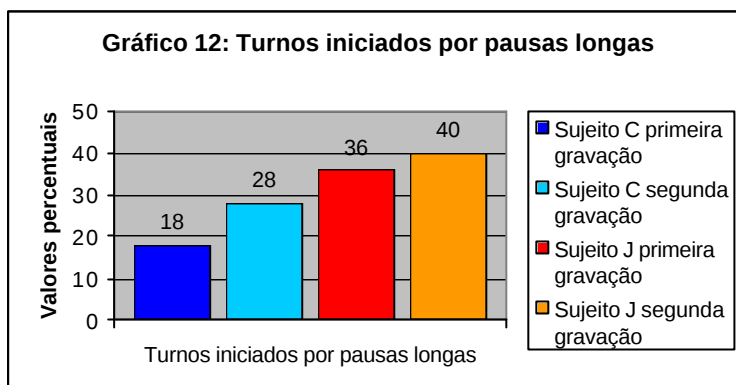
Pausas	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Breves	46	64	21	35	54	43	25	30
Médias	13	18	22	37	26	21	25	30
Longas	13	18	17	28	46	36	34	40
Total	72	100	60	100	126	100	84	100

Como podemos observar no Quadro 06, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 72 (100%) pausas de C, 64% correspondem a pausas **breves**, 18% a pausas **médias** e, mais uma vez, 18% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 126 (100%) pausas, 43% correspondem a pausas **breves**, 21% a pausas **médias** e 36% a pausas **longas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 70 (100%) pausas de C, 35% correspondem a pausas **breves**, 37% a pausas **médias** e 28% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 84 (100%) pausas, 30% correspondem a pausas **breves**, 30% a pausas **médias** e 40% a pausas **longas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 10 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a suas pausas breves), 11 (em relação a suas pausas médias) e 12 (em relação a suas pausas longas):





O Gráfico 10 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **breves** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas breves na segunda gravação apresentou uma diminuição da ordem de 29% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 13%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 21% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de apenas 5% para C, fato que torna próximos os seus desempenhos verbais quanto a esse aspecto conversacional.

Por sua vez, o Gráfico 11 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **médias** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas breves, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas médias na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 19% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 9%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 3% a mais para J; já na segunda gravação, a diferença foi de 7% a mais para C.

Finalmente, o Gráfico 12 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **longas** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas médias, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas longas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 10% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 12%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 18%

a mais para J; na segunda gravação, mantendo essa tendência, a diferença foi de 12% a mais para J.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual de pausas **breves** e um aumento de pausas **médias e longas**.

3.3.2 Correlações entre turnos desenvolvidos e duração das pausas iniciais

O Quadro 07 mostra a distribuição da duração das pausas em relação aos turnos desenvolvidos, em valores absolutos e percentuais encontrados na primeira e na segunda gravação dos sujeitos C e J:

Quadro 07 – Distribuição das pausas em relação aos turnos desenvolvidos.

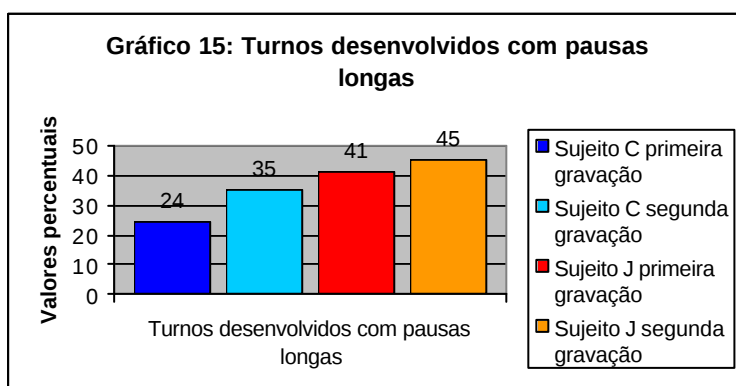
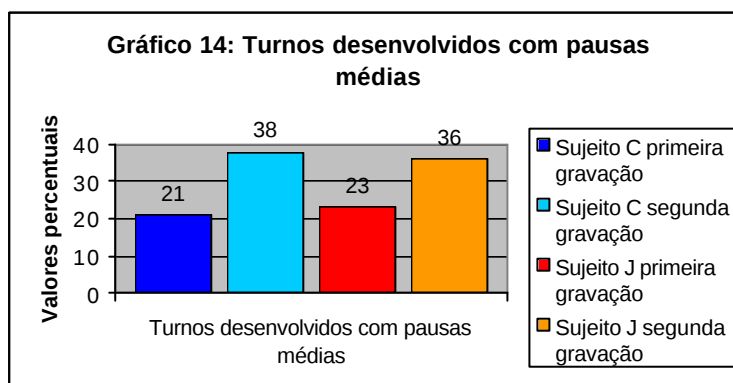
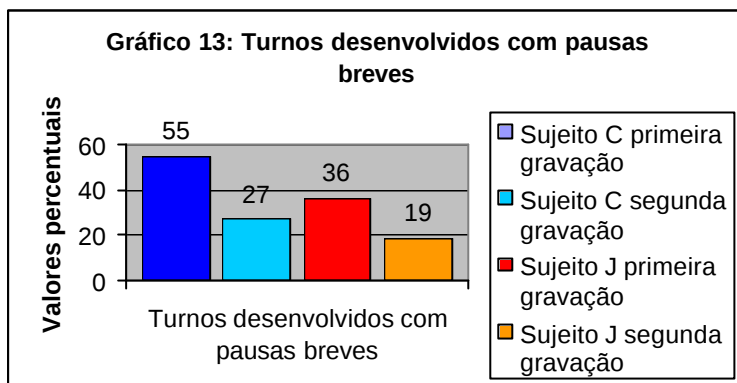
Turnos desenvolvidos com pausas	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	N	%	n	%
Breves	21	55	09	27	31	36	08	19
Médias	08	21	13	38	20	23	15	36
Longas	09	24	12	35	36	41	19	45
Total	38	100	34	100	87	100	42	100

É possível observar no Quadro 07, que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 38 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos de C, 55% correspondem a pausas **breves**, 21% a pausas **médias** e, 24% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 87 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 36% correspondem a pausas **breves**, 23% a pausas **médias** e 41% a pausas **longas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 34 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos de C, 27% correspondem a pausas **breves**, 38% a pausas **médias** e 35% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 42 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 19% correspondem a pausas **breves**, 36% a pausas **médias** e 45% a pausas **longas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 13 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a seus turnos desenvolvidos

iniciados por pausas breves), 14 (em relação a seus turnos desenvolvidos iniciados por pausas médias) e 15 (em relação a seus turnos desenvolvidos iniciados por pausas longas):



O Gráfico 13 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **breves** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à

primeira gravação, a ocorrência de pausas breves em início de turnos desenvolvidos na segunda gravação apresentou uma diminuição da ordem de 28% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 17%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 19% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de apenas 8% para C, fato que torna próximos os seus desempenhos verbais quanto a esse aspecto conversacional.

Por sua vez, o Gráfico 14 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **médias** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas breves, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas médias na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 17% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 13%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 3% a mais para J; já na segunda gravação, a diferença foi de 2% a mais para C.

Finalmente, o Gráfico 15 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **longas** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas médias, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas longas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 11% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 4%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 17% a mais para J; na segunda gravação, mantendo essa tendência, a diferença foi de 10% a mais para J.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual em suas pausas **breves** em início de turnos desenvolvidos e um aumento em suas pausas **médias e longas** em início de turnos desenvolvidos.

3.3.3 Correlações entre turnos não desenvolvidos e duração das pausas iniciais

O Quadro 08 mostra a distribuição da duração das pausas em relação aos turnos não desenvolvidos, em valores absolutos e percentuais encontrados na primeira e segunda gravação dos sujeitos C e J:

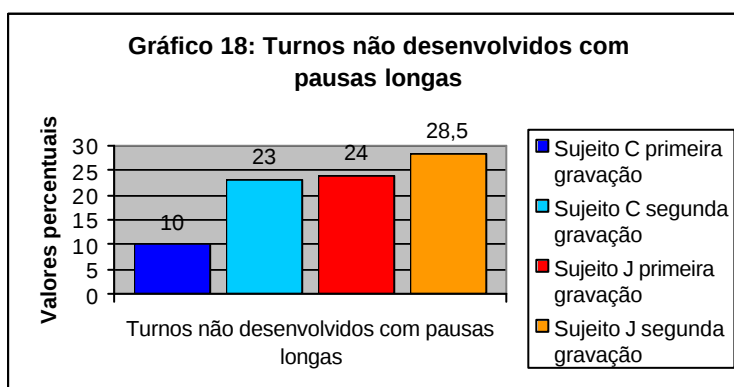
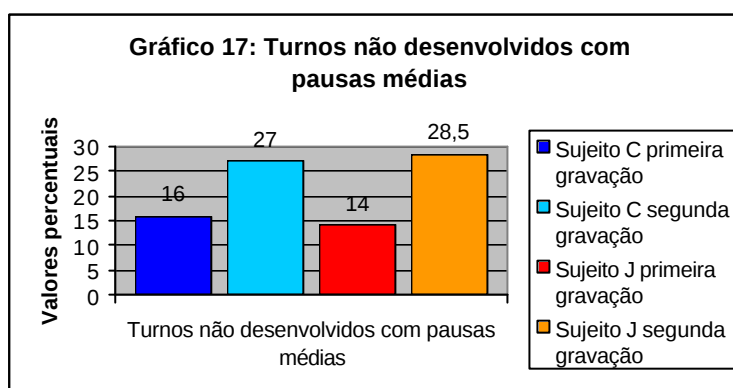
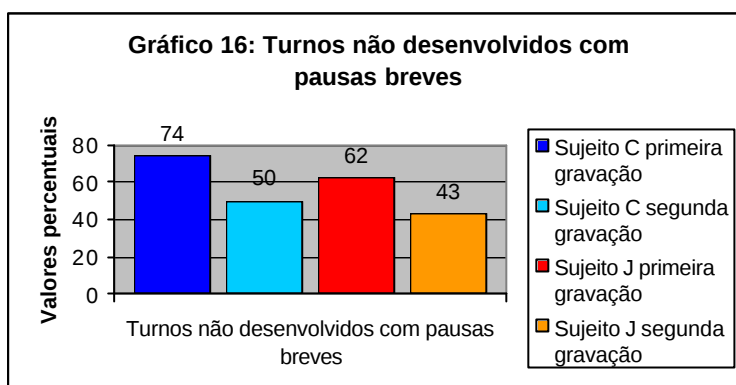
Quadro 08 – Distribuição das pausa em relação aos turnos não desenvolvidos.

Turnos não desenvolvidos com pausa	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Breves	23	74	11	50	23	62	15	43
Médias	05	16	06	27	05	14	10	28,5
Longas	03	10	05	23	09	24	10	28,5
Total	31	100	22	100	37	100	35	100

Mais uma vez, é possível observar no Quadro 08 que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 31 (100%) pausas em início de turnos não desenvolvidos de C, 74% correspondem a pausas **breves**, 16% a pausas **médias** e, 10% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 37 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 62% correspondem a pausas **breves**, 14% a pausas **médias** e 24% a pausas **longas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 22 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos de C, 50% correspondem a pausas **breves**, 27% a pausas **médias** e 23% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 35 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 43% correspondem a pausas **breves**, 28.5% a pausas **médias** e 28.5% a pausas **longas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 16 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a seus turnos desenvolvidos iniciados por pausas breves), 17 (em relação a seus turnos desenvolvidos iniciados por pausas médias) e 18 (em relação a seus turnos desenvolvidos iniciados por pausas longas):



O Gráfico 16 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **breves** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas breves em início de turnos não desenvolvidos na

segunda gravação apresentou uma diminuição da ordem de 24% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 19%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 12% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de apenas 7% para C, fato que torna próximos os seus desempenhos verbais quanto a esse aspecto conversacional.

Por sua vez, o Gráfico 17 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **médias** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas breves, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas médias na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 11% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 14.5%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos não desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 2% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de 1.5% a mais para J.

Por fim, o Gráfico 18 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **longas** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas médias, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas longas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 13% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 4.5%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos não desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 14% a mais para J; na segunda gravação, mantendo essa tendência, a diferença foi de 5.5% a mais para J.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual em suas pausas **breves** em início de turnos não desenvolvidos e um aumento em suas pausas **médias e longas** em início de turnos não desenvolvidos.

3.4 Relações entre desenvolvimento de turnos e preenchimento das pausas iniciais

Também nesta parte de nosso estudo, para o seu desenvolvimento, destacaremos, inicialmente, a distribuição que fizemos das pausas em tipo de preenchimento para, a seguir, correlacionarmos essa distribuição com o desenvolvimento ou não dos turnos discursivos.

3.4.1 Dados relativos ao preenchimento ou não das pausas.

Na descrição da metodologia de nosso trabalho, informamos que, além de sua duração, as pausas seriam vistas também em relação ao fato de apresentarem ou não algum tipo de preenchimento acústico. O Quadro 09 apresenta a distribuição das pausas (em valores absolutos e percentuais) de nossos dois sujeitos, em suas duas sessões de gravação, relativamente a este aspecto de suas pausas:

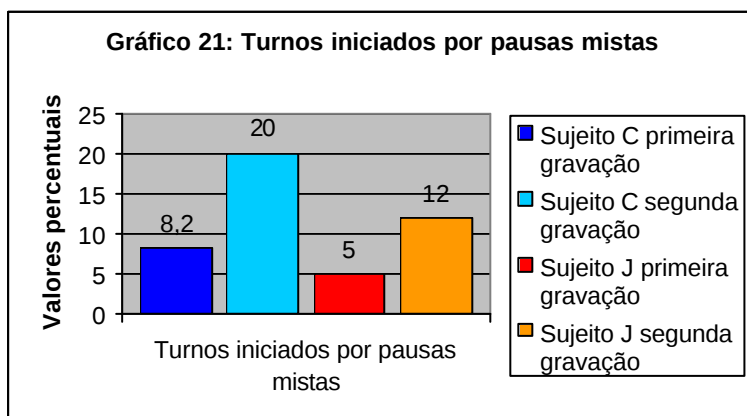
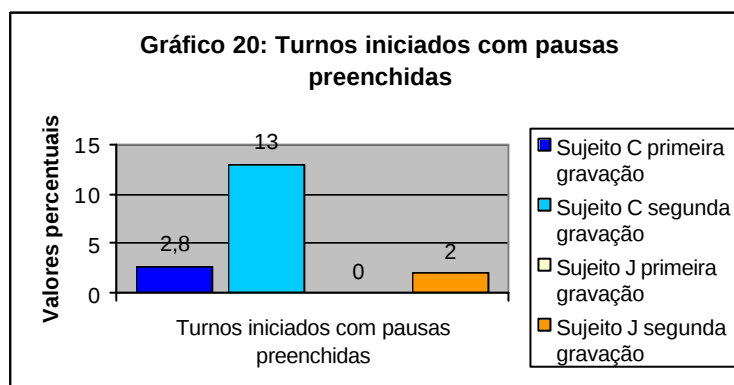
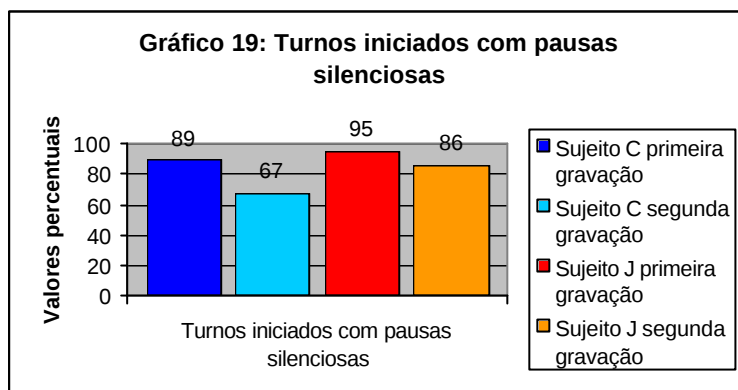
Quadro 09 – Distribuição das pausas quanto ao preenchimento.

Pausas	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Silenciosas	64	89	40	67	120	95	72	86
Preenchidas	02	2,8	08	13	-	0	02	02
Mistas	06	8,2	12	20	06	5	10	12
Total	72	100	60	100	126	100	84	100

Ainda com base no Quadro 09, notamos que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 72 (100%) pausas de C, 89% correspondem a pausas **silenciosas**, 2,8% a pausas **preenchidas** e 8,2% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 126 (100%) pausas, 95% correspondem a pausas **silenciosas**, 0% a pausas **preenchidas** e 5% a pausas **mistas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 60 (100%) pausas de C, 67% correspondem a pausas **silenciosas**, 13% a pausas **preenchidas** e 20% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 84 (100%) pausas, 86% correspondem a pausas **silenciosas**, 2% a pausas **preenchidas** e 12% a pausas **mistas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 19 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a suas pausas silenciosas), 20 (em relação a suas pausas preenchidas) e 21 (em relação a suas pausas mistas):



O Gráfico 19 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **silenciosas** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas silenciosas na segunda gravação apresentou uma diminuição de 22% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 9%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 6% a mais para J; na segunda gravação, essa tendência se manteve, de modo mais acentuado, já que a diferença foi de 19% para J.

Por sua vez, o Gráfico 20 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **preenchidas** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas silenciosas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas preenchidas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 11,2% para C, tendência que também se manifestou em J, embora de modo menos acentuado, já que este sujeito apresentou um aumento de 2%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 2,8% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de 11% a mais também para C.

Finalmente, o Gráfico 21 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **mistas** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas preenchidas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas mistas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 11,8% para C, tendência que também se manifestou em J, embora menos acentuada, já que este sujeito apresentou um aumento de 7%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 3,2% a mais para C; na segunda gravação, mantendo essa tendência, a diferença foi de 8% a mais para C.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual em suas pausas **silenciosas** e um aumento em suas pausas **preenchidas e mistas**, especialmente para o sujeito C.

3.4.2 Correlações entre turnos desenvolvidos e possibilidade de preenchimento das pausas iniciais

Passaremos, agora, a analisar a correlação existente entre turnos desenvolvidos e o preenchimento acústico (ou não) das pausas. O Quadro 10 apresenta a distribuição das pausas quanto à possibilidade de preenchimento em início de turnos desenvolvidos (em valores absolutos e percentuais) de nossos dois sujeitos, em suas duas sessões de gravação:

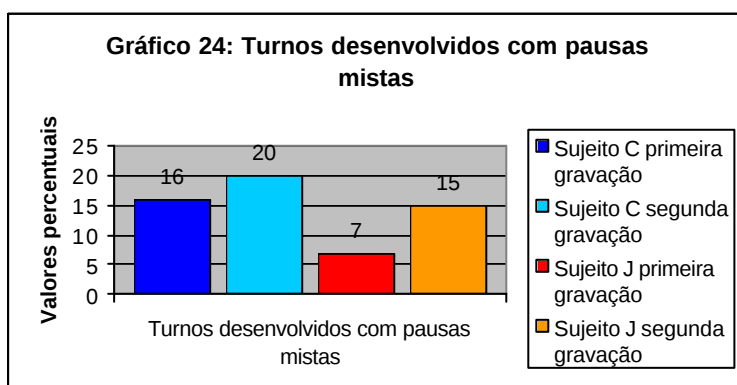
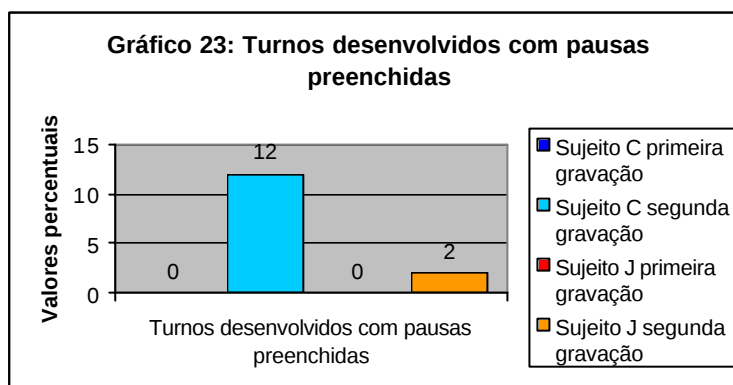
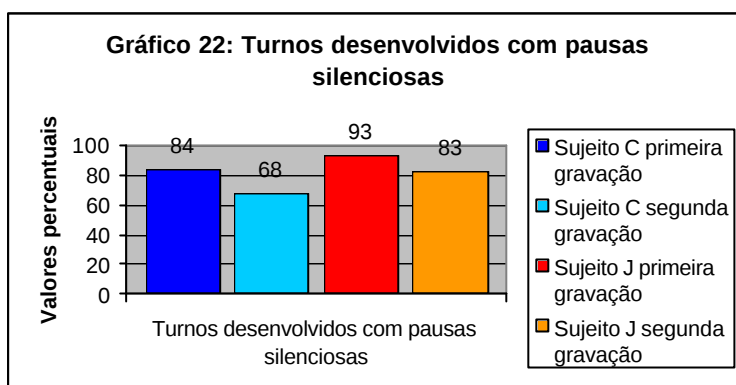
Quadro 10 – Distribuição das pausas quanto a sua possibilidade de preenchimento em relação aos turnos desenvolvidos.

Turnos desenvolvidos com pausas	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
silenciosas	32	84	23	68	81	93	35	83
preenchidas	-	0	04	12	-	0	01	02
mistas	06	16	07	20	06	07	06	15
Total de pausas	38	100	34	100	87	100	42	100

Notamos no quadro 10, que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 38 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos de C, 84% correspondem a pausas **silenciosas**, 0% a pausas **preenchidas** e 16% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 87 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 93% correspondem a pausas **silenciosas**, 0% a pausas **preenchidas** e 7% a pausas **mistas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 34 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos de C, 68% correspondem a pausas **silenciosas**, 12% a pausas **preenchidas** e 20% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 42 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 83% correspondem a pausas **silenciosas**, 2% a pausas **preenchidas** e 15% a pausas **mistas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 22 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a suas pausas silenciosas em início de turnos desenvolvidos), 23 (em relação a suas pausas preenchidas em início de turnos desenvolvidos) e 24 (em relação a suas pausas mistas em início de turnos desenvolvidos):



O Gráfico 22 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **silenciosas** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas silenciosas na segunda gravação apresentou uma

diminuição de 16% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 10%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 9% a mais para J; na segunda gravação, essa tendência se manteve, de modo mais acentuado, já que a diferença foi de 15% para J.

Por sua vez, o Gráfico 23 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **preenchidas** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas silenciosas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas preenchidas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 12% para C, tendência que também se manifestou em J, embora de modo bem menos acentuado, já que este sujeito apresentou um aumento de 2%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, observamos que não houve diferenças intersujeitos, já que a ocorrência de pausas preenchidas em início de turnos desenvolvidos foi de 0% para os dois sujeitos; já na segunda gravação, a diferença foi de 10% a mais para C.

Finalmente, o Gráfico 24 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **mistas** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas preenchidas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas mistas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 4% para C, tendência que também se manifestou em J, embora mais acentuada, já que este sujeito apresentou um aumento de 8%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 9% a mais para C; na segunda gravação, mantendo essa tendência, a diferença foi de 5% a mais para C.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual em suas pausas **silenciosas** em início de turnos desenvolvidos e um aumento em suas pausas **preenchidas e mistas** em início de turnos desenvolvidos especialmente para o sujeito C.

3.4.3 Correlações entre turnos não desenvolvidos e preenchimento das pausas iniciais

Passaremos, agora, a analisar a correlação existente entre turnos não desenvolvidos e o preenchimento acústico (ou não) das pausas. O Quadro 11 apresenta a distribuição das pausas quanto à possibilidade de preenchimento em início de turnos não desenvolvidos (em valores absolutos e percentuais) de nossos dois sujeitos, em suas duas sessões de gravação:

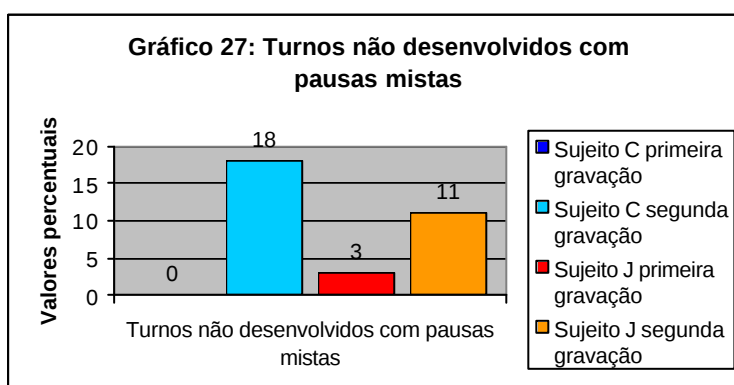
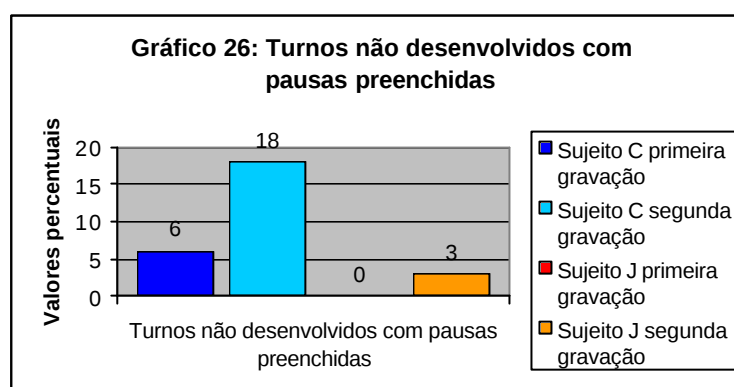
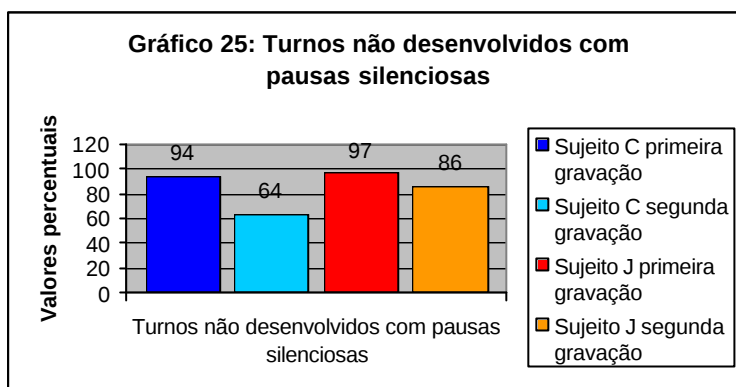
Quadro 11 – Distribuição das pausas quanto a sua possibilidade de preenchimento em relação aos turnos não desenvolvidos.

Turnos não desenvolvidos com pausas	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
silenciosas	29	94	14	64	36	97	30	86
preenchidas	02	6	04	18	-	0	01	03
mistas	-	0	04	18	01	03	04	11
Total de pausas	31	100	22	100	37	100	35	100

O Quadro 11 nos permite visualizar que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 31 (100%) pausas em início de turnos não desenvolvidos de C, 94% correspondem a pausas **silenciosas**, 6% a pausas **preenchidas** e 0% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 37 (100%) pausas em início de turnos não desenvolvidos, 97% correspondem a pausas **silenciosas**, 0% a pausas **preenchidas** e 3% a pausas **mistas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 22 (100%) pausas em início de turnos não desenvolvidos de C, 64% correspondem a pausas **silenciosas**, 18% a pausas **preenchidas** e 18% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 35 (100%) pausas em início de turnos não desenvolvidos, 86% correspondem a pausas **silenciosas**, 3% a pausas **preenchidas** e 11% a pausas **mistas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 25 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a suas pausas silenciosas em início de turnos não desenvolvidos), 26 (em relação a suas pausas preenchidas em início de turnos não desenvolvidos) e 27 (em relação a suas pausas mistas em início de turnos não desenvolvidos):



O Gráfico 25 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **silenciosas** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas silenciosas na segunda gravação apresentou uma diminuição de 30% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 11%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos não desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 3% a mais para J; na segunda gravação, essa tendência se manteve, de modo mais acentuado, já que a diferença foi de 22% para J.

Por sua vez, o Gráfico 26 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **preenchidas** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas silenciosas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas preenchidas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 12% para C, tendência que também se manifestou em J, embora de modo menos acentuado, já que este sujeito apresentou um aumento de 3%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 6% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de 15% a mais também para C.

Finalmente, o Gráfico 27 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **mistas** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas preenchidas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas mistas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 18% para C, tendência que também se manifestou em J, embora menos acentuada, já que este sujeito apresentou um aumento de 8%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos não desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 3% a mais para J; já na segunda gravação, a diferença foi de 7% a mais para C.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual em suas pausas **silenciosas** em início de turnos não desenvolvidos e um aumento em suas pausas **preenchidas e mistas** em início de turnos não desenvolvidos especialmente para o sujeito C.

4 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Antes de iniciarmos nossa discussão, é importante destacarmos, antecipadamente, a dificuldade que encontramos para correlacionarmos nossos dados com dados obtidos na literatura dominante sobre a doença de Parkinson.

Conforme expusemos na Introdução deste estudo, a maioria das pesquisas sobre pausa na doença de Parkinson utiliza, como suporte metodológico, repetição e/ou leitura de palavras, de sentenças e de pequenos textos. São pouquíssimos os estudos que analisam a pausa na conversa espontânea de sujeitos parkinsonianos²⁰. Autores como Kent et al (1999) e Schulz & Grant (2000) destacam a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de se compararem dados obtidos de leitura com dados obtidos de conversa espontânea. A título de exemplo, de acordo com esses autores, o que eles definem como alteração prosódica parece estar mais acentuado em dados de conversa espontânea do que em dados obtidos com leitura. Mesmo assim, na medida de sua possibilidade e, sobretudo, relevância para a explicação de fatos suscitados por nossos dados, estudos desenvolvidos com metodologia diferente daquela que adotamos também poderão servir de suporte explicativo para resultados de nossa pesquisa.

Passaremos, agora, a uma breve explicação sobre como nossa discussão se desenvolverá. Os dados serão organizados em função de dois eixos principais: no primeiro (seção 4.1), trataremos de funcionamentos das pausas mais comuns entre os dois sujeitos e, no segundo (seção 4.2), discutiremos funcionamentos das pausas mais específicos a cada um deles. Em cada uma dessas seções, retomaremos, de forma sucinta, dados de C e J apresentados no Capítulo 3, comparando suas duas sessões de registro. Por fim, na seção 4.3, apontaremos algumas conclusões a que chegamos em nossa discussão, e ainda, retomaremos cada um dos objetivos propostos em nossa Introdução (seção 1.3), para responder se cumprimos ou não cada um deles.

Durante a discussão dos dados, procuraremos correlacioná-los e, ao fazermos tais correlações, procuraremos levantar possíveis hipóteses explicativas para seu funcionamento. Para tanto, vamos nos basear não apenas na literatura sobre o parkinsonismo, mas também (e, talvez, principalmente) na literatura sobre a ocorrência de pausas na atividade verbal de sujeitos sem comprometimento neurológico, destacada especialmente no Capítulo 1 (seção 1.2) deste nosso estudo.

²⁰ Dentre os estudos a que tivemos acesso, encontramos apenas os de Illes et al (1988), Chacon e Schulz (2000) e Zaniboni (2001).

4.1 – Funcionamentos das pausas mais comuns entre os dois sujeitos

A análise de nossos resultados permitiu-nos observar que o funcionamento das pausas na atividade verbal de nossos sujeitos se deu, em certos momentos, de modo semelhante.

Essa tendência à semelhança será tematizada primeiramente (seção 4.1.1) em função da correlação entre frequência de pausas e turnos conversacionais. Para tanto, nessa seção, retomaremos, inicialmente, dados de C, em seguida, dados de J e, finalmente, a comparação entre dados de C e de J, referentes à correlação a ser enfocada. Também a tendência à semelhança será tematizada (seção 4.1.2) em função do que acreditamos ser um modo mais específico com que as características das pausas se mostram na atividade enunciativa de nossos sujeitos.

4.1.1 *Correlação entre frequência de pausas e turnos conversacionais*

Observando-se os resultados, tal como expostos no Capítulo 3, no que se refere ao primeiro aspecto analisado de nossos dados, quantidade de turnos discursivos do sujeito C, verificamos uma diminuição da primeira para a segunda sessão de registros dessa quantidade. Este sujeito teve 21 turnos a menos em sua segunda gravação.

No que se refere à presença de pausas iniciais na atividade discursiva desse mesmo sujeito, observamos também uma diminuição. Ou seja, na segunda gravação, o sujeito C organizou sua atividade discursiva com 3% a menos de turnos iniciados por pausas.

Quanto ao sujeito J, também observamos uma diminuição da quantidade de seus turnos discursivos da primeira para a segunda gravação. Este sujeito apresentou, na segunda gravação, uma diminuição de 23 turnos discursivos.

No que diz respeito à presença de pausas iniciais na atividade discursiva de J, observamos outra diminuição. Na segunda gravação, o sujeito J organizou sua atividade discursiva com 15% a menos de turnos iniciados por pausas.

Comparando-se os dados de C e de J em seus dois registros de gravação, é possível observar em ambos uma tendência de diminuição tanto de turnos discursivos quanto de pausas iniciais. Esses resultados sugerem-nos, portanto, uma correlação entre os dois fatos verificados – pausas iniciais e turnos discursivos.

Um primeiro olhar para essa diminuição correlacionada permite-nos pensar que fatores de ordem enunciativa, tais como a relação dos sujeitos com a tarefa, possam estar em jogo, já

que, na segunda sessão, os sujeitos poderiam estar mais envolvidos com a própria atividade conversacional e menos com o seu propósito – em razão de uma provável maior familiaridade com os procedimentos de registro de sua atividade verbal na segunda sessão de gravação.

Além disso, se analisássemos apenas o dado isolado de diminuição da frequência de pausas em início de turnos, a explicação apresentada para essa diminuição apontaria para uma melhora no quadro clínico da doença, já que, de acordo com autores como Illes et al (1988), a piora no quadro clínico provocaria um aumento no número das pausas e não uma diminuição, como verificamos em nosso estudo. Isso porque, segundo esses autores, conforme a severidade da doença e a piora da disartria, os sujeitos parkinsonianos adotariam estratégias para adaptar ou compensar dificuldades motoras, tais como “[...] pedaços relativamente curtos de fala sem interrupção e [...] hesitações silenciosas que ocorrem com mais frequência, e com duração mais longa, no começo de orações (p.157)²¹.

Contudo, um segundo olhar para essa diminuição da quantidade de turnos e de pausas iniciais permite-nos levantar outras possibilidades explicativas.

Uma dessas possibilidades seria a de pensar que, em razão do tempo de um ano e oito meses entre as duas sessões de gravação, nossos sujeitos provavelmente tenham apresentado uma piora em seu quadro clínico. Como reforço dessa hipótese, seria importante destacar que, embora os sujeitos pudessem ter a sua disposição um tempo de 40 a 50 minutos (tempo médio de duração de uma sessão de terapia) para desenvolverem sua atividade verbal, a segunda sessão de cada sujeito foi desenvolvida com uma duração consideravelmente menor do que a primeira²², sobretudo em função de dificuldades físicas dos sujeitos.

Outra possibilidade explicativa seria a de observar fatores em jogo na correlação entre turnos discursivos e pausas, tais como o seu desenvolvimento ou não e as características acústicas dessas pausas. Sobretudo porque, sendo a pausa constitutiva do exercício da linguagem, esta só é possível de ser analisada em correlação com fatores conversacionais nas e pelas instâncias discursivas. Por isso, passaremos à correlação entre (4.1.1.1) duração das pausas e desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos; e (4.1.1.2) preenchimento (ou não) de pausas e desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos. A nosso ver, esses fatores correlacionados podem explicar com mais propriedade o fato de as pausas, em nosso estudo, terem diminuído.

²¹ “[...] relatively short chunks of uninterrupted speech and [...] silent hesitations occurring most frequently, and of longest duration, at the beginning of sentences” (p.157).

²² Relembramos o tempo de duração da primeira e da segunda sessão de gravação de cada um de nossos dois sujeitos: C = 36’48 e 28’09; J = 38’20 e 31’44.

4.1.1.1 – Correlação entre duração das pausas e desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos

Como já antecipamos, para que possamos compreender o funcionamento mais geral da pausa na atividade discursiva dos nossos dois sujeitos e, ainda, o motivo da diminuição de suas pausas iniciais, torna-se necessário correlacionarmos aspectos como a duração das pausas e o desenvolvimento ou não de turnos discursivos. Para tanto, apresentaremos primeiramente os dados relativos ao desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos, depois os dados relacionados apenas à duração de pausas em início de turnos e, por fim, a correlação entre desenvolvimento (ou não) de turnos e a duração das pausas iniciais.

Quanto ao desenvolvimento ou não de turnos discursivos, observamos que o sujeito C apresentou, da primeira para a segunda gravação, uma diminuição em torno de 07% de seus turnos desenvolvidos, e um aumento de 06% de seus turnos não desenvolvidos.

No que diz respeito à duração das pausas que antecederam os turnos discursivos de C, observamos que, em seu primeiro registro, C utilizava 64% de pausas breves em início de turnos e apenas 36% de pausas médias e longas somadas. Já no segundo registro é possível notar uma diminuição considerável no uso de pausas breves, em torno de 35%, e um aumento, também importante, no uso de pausas médias e longas, que, juntas, passaram a somar 65%.

Quanto à duração das pausas em início de turnos desenvolvidos, os dados demonstraram que o sujeito C, na primeira gravação, iniciou seus turnos principalmente por pausas breves (55%), sendo que as pausas médias e longas, juntas, somavam 45%. Já na segunda gravação, os dados mostraram que o sujeito C apresentou uma diminuição de pausas breves para 27% e um aumento considerável de pausas médias e longas no início de seus turnos desenvolvidos (73% no total desses dois tipos).

Quanto ao sujeito J, no que se refere ao desenvolvimento ou não de turnos discursivos, os dados demonstraram que este sujeito apresentou uma diminuição de seus turnos desenvolvidos, da primeira para a segunda sessão de registro, em torno de 10%, e um aumento de seus turnos não desenvolvidos em torno de 16%.

No que se refere à duração das pausas iniciais, observamos que, em sua primeira gravação, J utilizava 43% de pausas breves no início de seus turnos, e 57% de pausas médias e longas somadas. Já na segunda sessão de gravação, houve uma diminuição para 30% no uso de pausas breves e um aumento para 70% no uso de pausas médias e longas.

Quanto à duração das pausas em início de turnos desenvolvidos, observamos que o sujeito J, em sua primeira gravação, iniciou seus turnos principalmente por pausas breves (36%), sendo que as pausas médias e longas somavam 64%. Já na sua segunda gravação, os dados mostraram que o sujeito J apresentou uma diminuição de pausas breves para 19% e um aumento de pausas médias e longas para 81%.

Comparando-se os dados obtidos para os sujeitos C e J, nas suas duas sessões de registro, observamos que os dois sujeitos apresentaram uma tendência de diminuição de turnos desenvolvidos e aumento de turnos não desenvolvidos, e ainda, diminuição de pausas breves antes de turnos desenvolvidos e aumento de pausas médias e longas que antecederiam esse mesmo tipo de turno.

No que se refere à diminuição de turnos desenvolvidos e aumento de turnos não desenvolvidos, este fato aponta para uma piora da correlação entre aspectos motores e simbólicos da linguagem, já que a atividade cognitiva mobilizada por turnos mais desenvolvidos exigiria dos sujeitos um maior trabalho de coordenação de suas funções motoras.

Outro aspecto importante que devemos destacar é que, de acordo com dados apresentados no Capítulo 3 (especialmente nos Quadros 07 e 08 e nos Gráficos 13, 14, 15, 16, 17, 18), pudemos notar que as pausas breves, tanto na primeira como na segunda gravação, achavam-se associadas, principalmente, aos turnos não desenvolvidos, como nos mostram os Exemplos 01, 02, 03 e 04 abaixo:

Exemplo 01 (extraído da 1ª gravação de C): *T e C estão conversando sobre um programa de televisão.*

T é né + senhor assistiu ratinho ontem?

C (0.67) *assisti*

Exemplo 02 (extraído da 1ª gravação de J): *T e J conversam sobre os exercícios de fisioterapia.*

T ah o senhor tava de/fazendo de bicicleta?

J (0.56) *tava*

Exemplo 03 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C conversam sobre o acompanhamento médico de C.*

L. qual o nome do médico?

C. (0.77) *Melgis*

Exemplo 04 (extraído da 2ª gravação de J): *L e J conversam sobre o trabalho de J no IBGE.*

L. ele olha assim de rabo de olho pra ela + e conta outra coisa como era o trabalho do senhor lá lá no IBGE? o senhor disse que era cansativo tudo mas o que que o senhor fazia lá?

J. (0.76) *coleta de dados*

Já as pausas médias e longas, também tanto na primeira como na segunda gravação, achavam-se associadas principalmente aos turnos desenvolvidos, tanto para C como para J, como nos mostram os Exemplos 05, 06, 07 e 08 abaixo:

Exemplo 05 (extraído da 1ª gravação de C): *C questiona T sobre a diferença da terapia para adultos e para crianças.*

T é tem criança tem adolescente tem: + adulto tem toda idade

C (1.76) *e o: tratamento pras criança é mesma coisa? + mesmo que adulto?*

Exemplo 06 (extraído da 1ª gravação de J): *T questiona J sobre seus engasgos.*

T senhor não está tendo assim tosse durante a alimentação?

J (1.66) *não + é interessante que:: +++ dá a tosse + e aí pára + passa um bom período + e torna a dar*

Exemplo 07 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C conversam sobre o gosto de C pela escrita.*

L. por que o senhor diz?

J. [o vó:: ((sobreposição de vozes))]

C. + (1.21) *eu num gosto muito de escrever + às vezes uma carta um bilhete ++*

L. [por que?]

às vezes: às vezes eu escrevo muito pouco

Exemplo 08 (extraído da 2ª gravação de J): *L questiona J sobre a diferença de dizer que um distrito é populoso e povoado.*

L. qual que é a diferença de populoso e povoado?

J. (3.43) *populoso é:: su: + super povoado ++ naquela tempo naquele tempo era*

L. [o senhor trabalhou no]
considerado:: é:: populoso ((sobreposição de vozes))

Esse fato nos permite levantar a hipótese de que não só a presença da pausa, mas especialmente suas características, tais como, no caso, sua duração, seriam de fundamental importância (ou talvez, mesmo, aspectos imprescindíveis) para que os sujeitos pudessem desenvolver seus turnos discursivos.

A esse respeito, Henderson, Goldman-Eisler e Skarbek (1966), Rochester (1973), Beattie (1980), Butterworth (1980), Marcuschi (1986), Brito (1994) e Koch (1997), embora em estudos levados a cabo com sujeitos diferentes daqueles com os quais trabalhamos e em contextos de análise diferentes, destacam que pausas de maior duração (mais longas) estariam correlacionadas a funções de planejamento sintático e semântico e criariam, para o falante, um tempo maior para a realização de seu trabalho cognitivo. Brito (1994), especialmente, observa que a ocorrência da pausa funcionaria como elemento cognitivo, indicando o planejamento verbal do falante e facilitando a compreensão do ouvinte.

Ainda no que se refere ao desenvolvimento de turno relacionado ao trabalho cognitivo do falante, Marcuschi (1986) ressalta que hesitações (ou pausas preenchidas) teriam um papel importante na organização e no planejamento interno do turno, propiciando ao falante um maior tempo para sua atividade conversacional. Já Goldman-Eisler (1958) destaca que “as pausas na fala parecem ser uma manifestação do bloqueio mais geral da atividade que ocorre quando organismos são confrontados com situações de incerteza, ou seja, quando a seleção do passo seguinte requer um ato de escolha” (p.96)²³, como acreditamos ser o caso na elaboração de turnos desenvolvidos, sobretudo quando se mostram como mais complexos (como nos exemplos acima apresentados).

4.1.1.2 – Correlação entre preenchimento (ou não) de pausas e desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos

Continuando a revisão dos nossos dados, passaremos, agora, a correlacionar os turnos desenvolvidos e não desenvolvidos dos sujeitos C e J com características de preenchimento acústico das pausas que antecederam esses turnos. Apresentaremos primeiramente os dados relativos ao preenchimento acústico das pausas e, posteriormente, os dados correlacionados de preenchimento (ou não) das pausas e o fato de os turnos serem ou não desenvolvidos.

Conforme os dados apresentados no Capítulo 3 (especialmente nos Quadros 09 e 10 e nos Gráficos 19, 20, 21, 22, 23 e 24), vimos que, da primeira para a segunda gravação do sujeito C, houve uma diminuição das pausas silenciosas presentes no início de seus turnos discursivos. Na primeira gravação, este sujeito apresentava 89% de pausas silenciosas no início de seus turnos; já, na segunda gravação, este valor caiu para 67%. Quanto às pausas

preenchidas e mistas, observamos uma tendência inversa, ou seja, um aumento desse tipo de pausa na atividade discursiva do sujeito C. Enquanto que, na primeira gravação, o sujeito C utilizava apenas 11% de pausas preenchidas e mistas (somadas) no início de seus turnos, na segunda gravação, este sujeito passou a iniciar seus turnos por 33% de pausas preenchidas e mistas somadas.

No que se refere à correlação entre desenvolvimento de turnos e características acústicas de preenchimento das pausas do sujeito C, observamos que, na primeira sessão de registro, este sujeito apresentava 84% de suas pausas silenciosas antecedendo turnos desenvolvidos; já, na segunda sessão, observamos uma diminuição desse valor para 68%. Quanto às pausas preenchidas e mistas, notamos que, na primeira sessão de registro, apenas 16% desse tipo de pausa antecedia os turnos desenvolvidos do sujeito C; já, na segunda sessão, observamos um aumento desse valor para 32%.

Quanto ao sujeito J, no que se refere às características de preenchimento acústico de suas pausas, observamos que, em sua primeira gravação, este sujeito apresentava 95% de pausas silenciosas antecedendo seus turnos. Já, na segunda gravação, observamos uma diminuição para 86% desse tipo de pausas. No que diz respeito às pausas preenchidas e mistas, a tendência foi oposta a essa, ou seja, na primeira gravação, o sujeito J apresentava 5% de pausas preenchidas e mistas no início de seus turnos e, na segunda, notamos um aumento para 14% desse tipo de pausas.

No que diz respeito à correlação entre desenvolvimento de turnos e características acústicas de preenchimento das pausas do sujeito J, observamos que, na primeira sessão de registro, este sujeito apresentava 93% de suas pausas silenciosas antecedendo turnos desenvolvidos; já, na segunda sessão, observamos uma diminuição desse valor para 83%. Quanto às pausas preenchidas e mistas, notamos que, na primeira sessão de registro, apenas 07% desses tipos de pausas (somadas) antecedia os turnos desenvolvidos do sujeito J; já, na segunda sessão, observamos um aumento desse valor para 17%.

Se compararmos os dados dos sujeitos C e J, tanto no que se refere, mais especificamente, ao preenchimento acústico das pausas, quanto no que se refere à correlação entre desenvolvimento de turnos e preenchimento acústico das pausas, observamos uma tendência, para os dois sujeitos, de diminuição de pausas silenciosas e de aumento de pausas preenchidas e mistas antecedendo turnos desenvolvidos.

²³ “Pauses in speech seemed therefore to be one manifestation of the more general blocking of activity which occurs when organisms are confronted with situations of uncertainty, i.e. when the selection of the next step requires an act of choice” (GOLDMAN-EISLER, 1958, p. 96)

É importante ressaltar que, assim como no caso da duração das pausas, foi possível observar que a maioria das pausas preenchidas e, em especial, das mistas encontrava-se diante de turnos desenvolvidos, tanto na primeira quanto na segunda gravação, conforme nos mostram os Exemplos 09, 10, 11 e 12 e as Figuras 07, 08, 09 e 10 abaixo:

Exemplo 09 (extraído da 1ª gravação de C): *C e T conversam sobre o cunhado de C.*

T no:: ssa mas ele era novo não era seu Célio?

C sessenta e cinco anos (por aí)

T novo né?

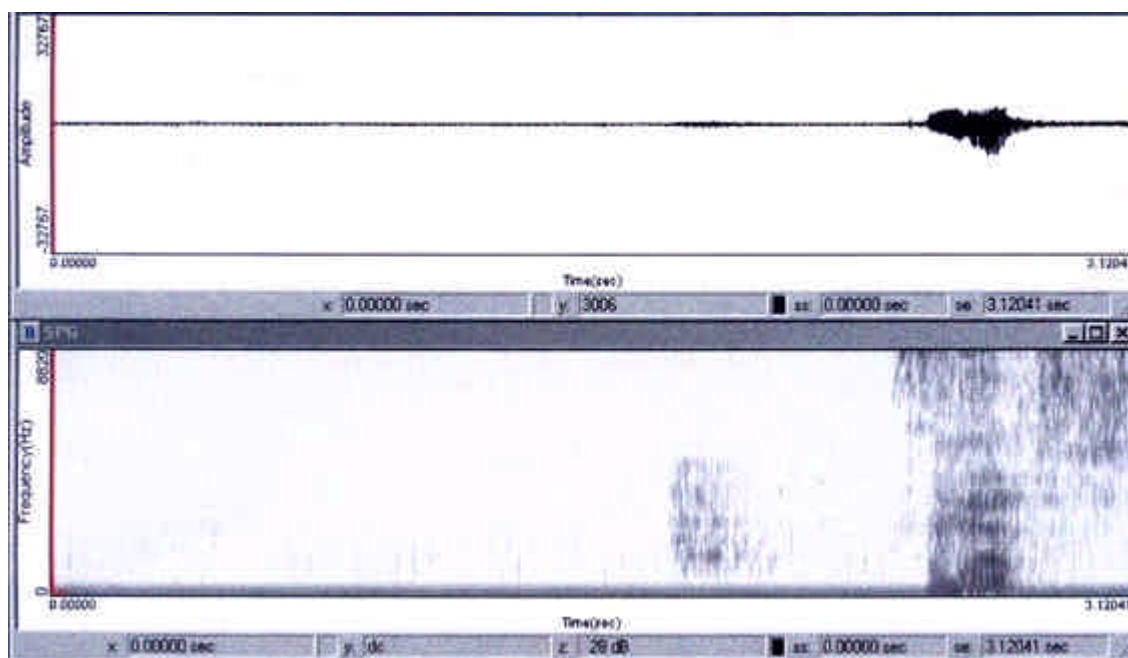
C (3.12) u:: uma figura cheia de:: mania sabe + ele tinha muita mania negócio de dinheiro

T [ahn]

+ um tostão pra ele era um milhão + ele vai todo dia ao banco/ele ia todo dia ao banco

T [uhn]

Figura 07: Digitalização da pausa inicial mista de C, destacada no exemplo 09.

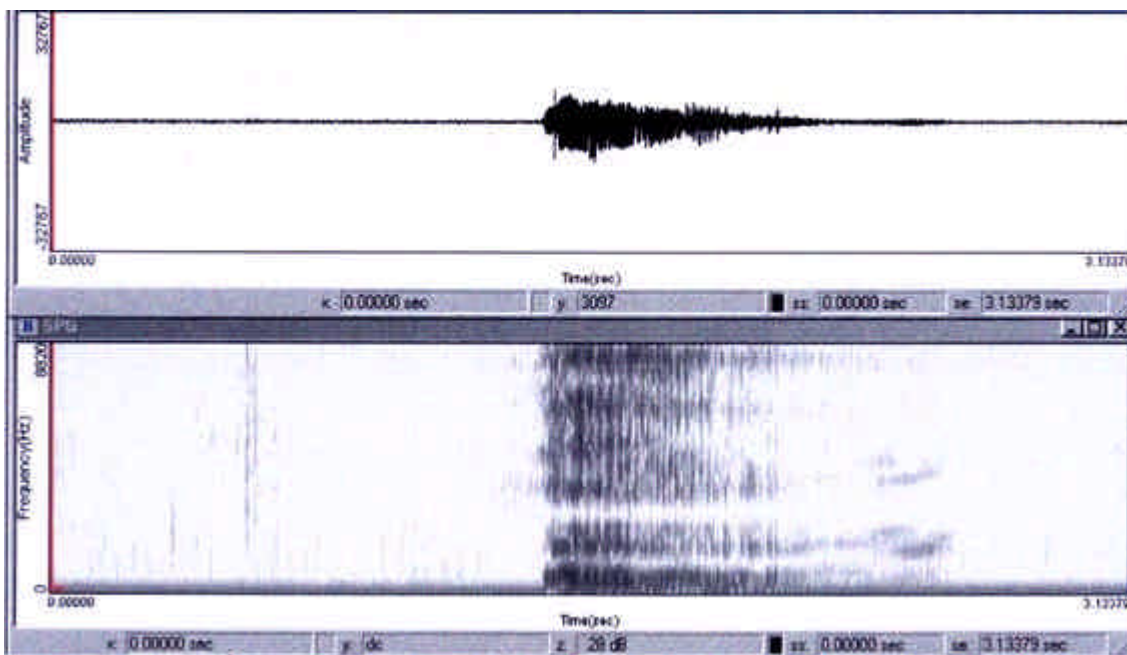


Exemplo 10 (extraído da 1ª gravação de J): *T e J conversam sobre o fato de o médico de J tê-lo orientado a procurar um oculista.*

T é: tá difícil do senhor ler?

J (3.13) é:: + o Parkinson ele já/já a-atinge a v/ ++ vista + a visão

Figura 08: Digitalização da pausa inicial mista de J, destacada no exemplo 10.



Exemplo 11 (extraído da 2ª gravação de C): *C explica pra L como decidiu entrar para a Academia do Barro Branco*

L. e quando o senhor decidiu entrar pra academia?

C. (1.96) *ah:: eu tive um amigo ++ coronel (Foot) era capitão (Foot) ++ meu pai um dia foi fazer um serviço na casa dele ele falou pô você está fazendo o que? ++ estou no ginásio ++ num quer entrar pra academia da força pública? era força pública ++ vou pensar em casa meu pai + quer que seja militar mas militar profissional + porque eles pagam a:: por mês + tem vencimento + todo o o:: material ++ uniforme tudo ganha tudo de graça + eu prestei a*

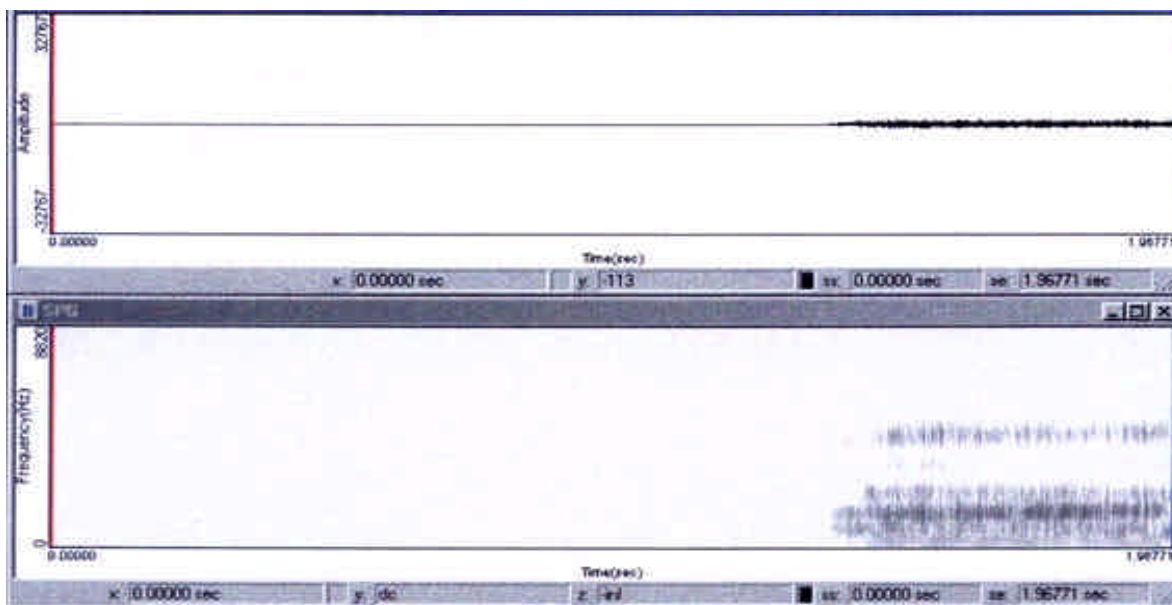
L. [ãhã]

primeira vez fui reprovado+ na segunda vez eu falei agora eu vô pra entrá + de noite de dia

L. [ah::]

++ o sistema era bem rigoroso (...)

Figura 09: Digitalização da pausa inicial mista do sujeito C, destacada no exemplo 11.



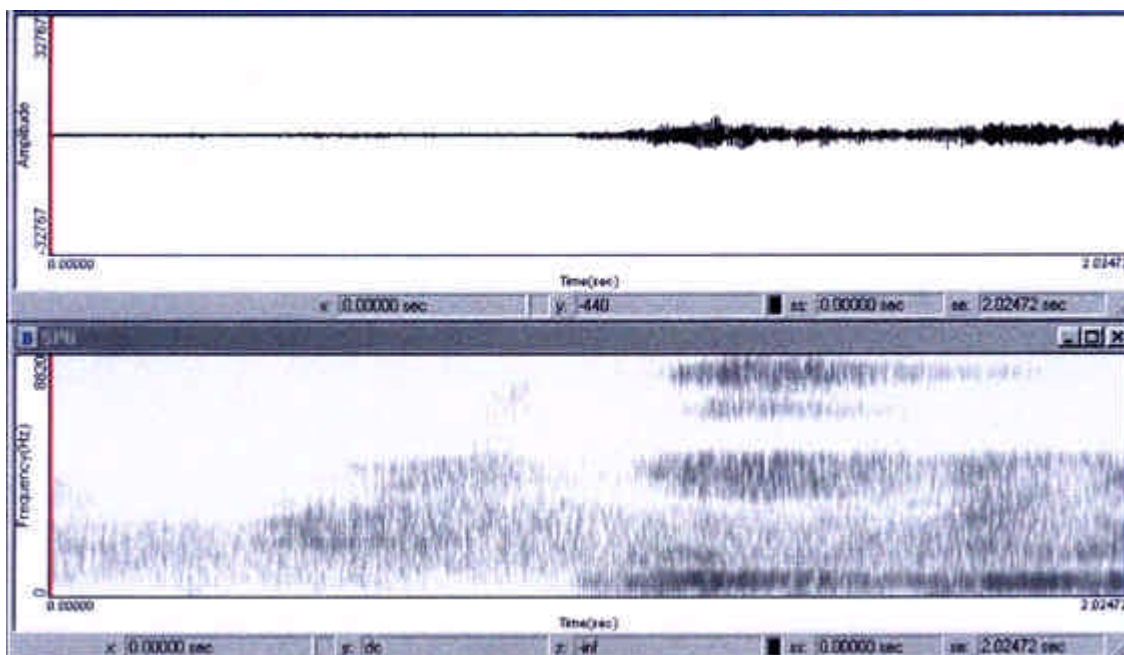
Exemplo 12 (extraído da 2ª gravação de J): *J explica pra T qual era sua função no IBGE e diz por que a estatística é sinônimo de mentira.*

J. [está? então limpa aí ((risos))

T. [nã::o agora vai deixar ((risos))

J. ((risos)) (2.02) eh::: estatística::: estatística porque o pessoal + o informante na hora que ele quer os dados (disfluência) + ele quer como que ele quer e não como é e na hora de fornecer ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu ++ serviço muito ++ maçante

Figura 10: Digitalização da pausa inicial mista de J, destacada no exemplo 12.



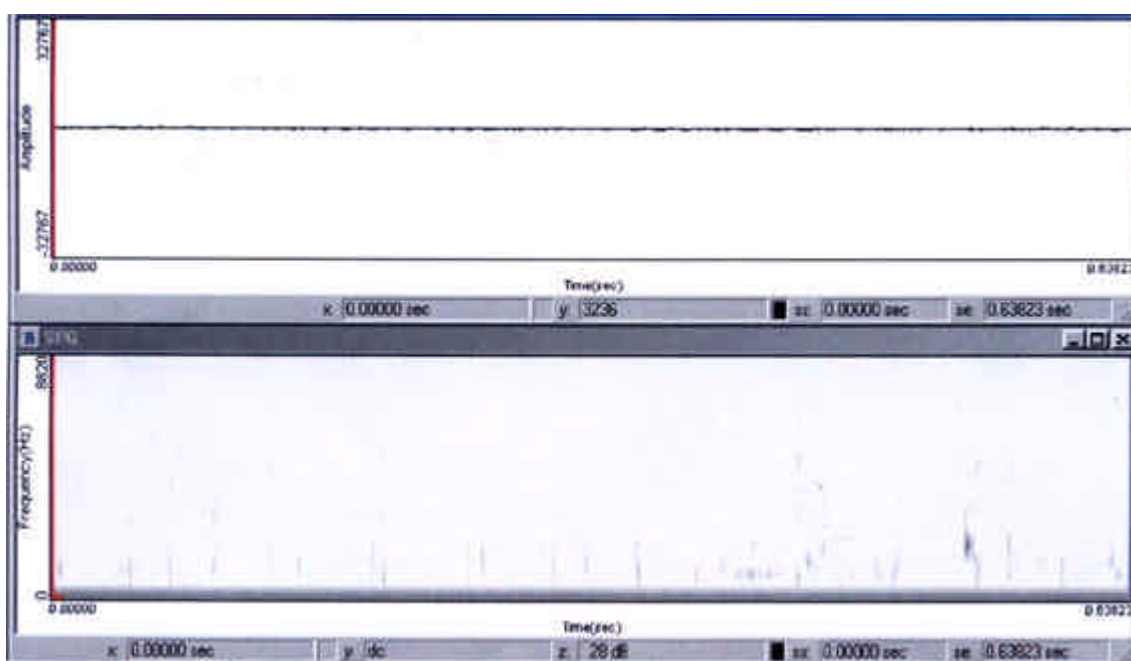
Por sua vez, as pausas silenciosas estiveram mais associadas a turnos não desenvolvidos, tanto na primeira quanto na segunda gravação, como os Exemplos 13, 14, 15 e 16 e as Figuras 11, 12, 13 e 14 abaixo nos permitem verificar:

Exemplo 13 (extraído da 1ª gravação de C): *T e C conversam sobre o nascimento da filha da Xuxa.*

T eu vi no jornal eu tava lendo o jornal outro dia tava vendo + tem uma cidade seu Célio interior de Minas + é: no mesmo dia que a menina nasceu já (tinha) cinco nomes na cidade de criança com esse nome

C (0.63) é?

Figura 11: Digitalização da pausa inicial silenciosa de C, destacada no exemplo 13.



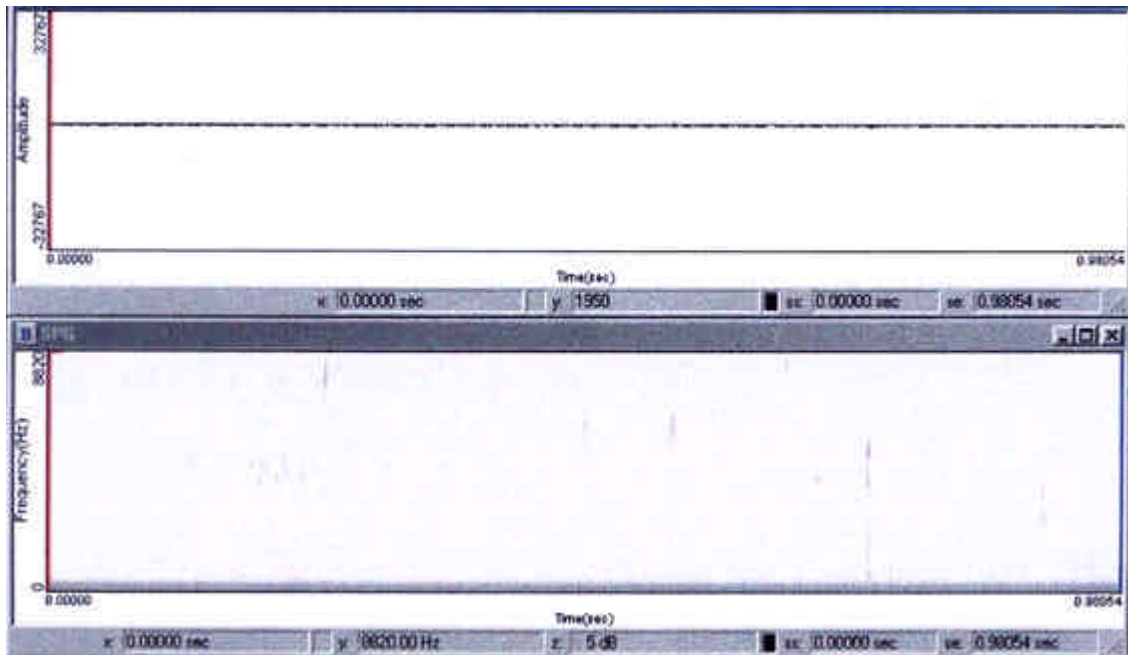
Exemplo 14 (extraído da 1ª gravação de J): *T e J conversam sobre o exercício que J realizava.*

T isso de novo

J (0.98) outra vez?

T outra vez

Figura 12: Digitalização da pausa inicial silenciosa de J, destacada no exemplo 14.

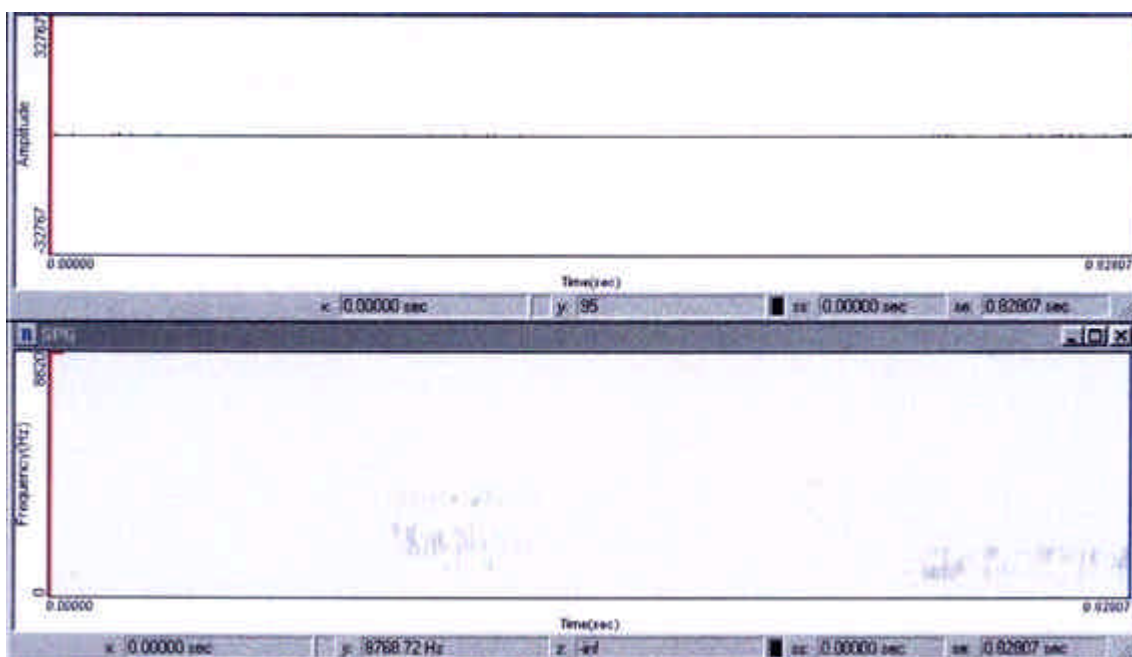


Exemplo 15 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C conversam sobre a canção que C acabou de cantar.*

L. não mas está bonito ficou bonito o senhor cantando

C. (0.82) acha?

Figura 13: Digitalização da pausa inicial silenciosa de C, destacada no exemplo 15.



Exemplo 16 (extraído da 2ª gravação de J): *L e J conversam sobre a cidade de origem de L.*

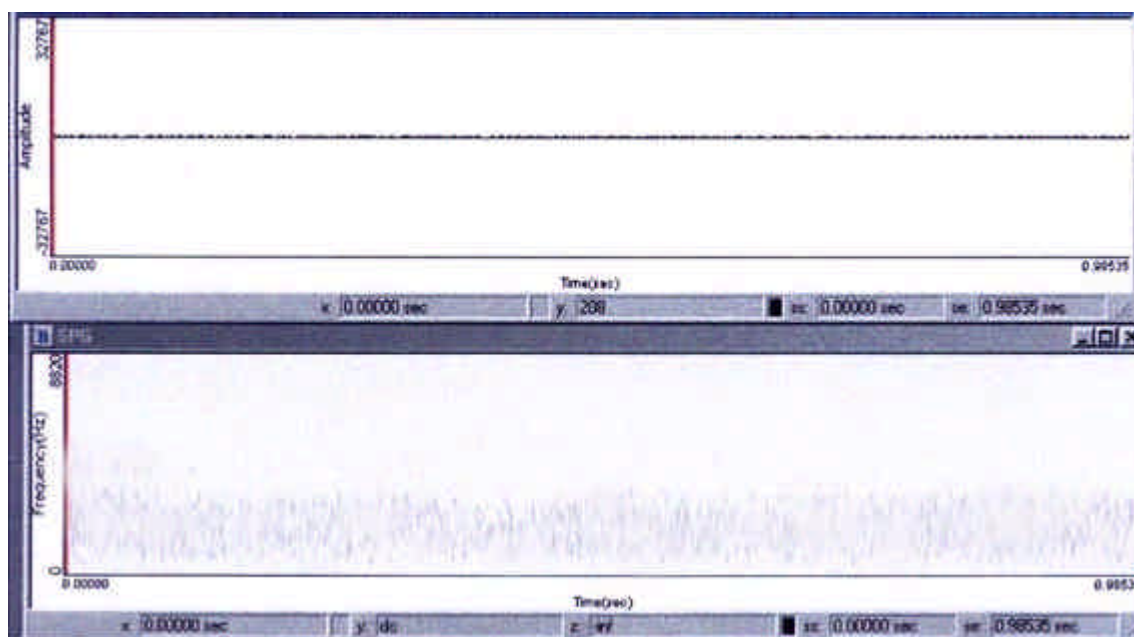
L. da onde eu sou

J. não sei

L. o Lourenço não disse?

J. + (0.98) *de onde?*

Figura 14: *Digitalização da pausa inicial silenciosa de J, destacada no exemplo 16.*



Conseqüentemente, a presença de mais pausas preenchidas e mistas associadas a turnos desenvolvidos e, inversamente, de mais pausas silenciosas associadas a turnos não desenvolvidos reforça ainda mais a hipótese de que não apenas a presença de pausas mas ainda suas características, tais como, neste caso em questão, seu preenchimento, seriam um fator constitutivo do desenvolvimento do turno.

No que se refere às mudanças na característica acústica de preenchimento das pausas que antecederam turnos desenvolvidos e não desenvolvidos dos nossos sujeitos, acreditamos que esse fato, mais uma vez, esteja ligado à correlação entre, de um lado, fatores de ordem cognitiva envolvidos na organização e no planejamento do texto conversacional e, de outro, fatores de ordem motora, tais como acinesia, rigidez e instabilidade postural (MILLER, 1986; BARBOSA, 1980), bem como dificuldades respiratórias (LIMONGI, 2001), característicos do parkinsonismo e diretamente envolvidos na linearização ou disposição temporal do fluxo de fala durante a construção do texto conversacional de nossos sujeitos.

A propósito, Beattie (1980) destaca que, como a produção da fala ocorre em fases de planejamento, se a produção da linguagem fosse suspensa até um completo planejamento semântico ser formulado, então pausas mais longas seriam necessárias para a produção da fala. Uma consequência desse fato – o aumento na duração das pausas – é que a tentativa do ouvinte de ganhar o controle da conversação tornar-se-ia mais freqüente e, provavelmente, ele teria mais sucesso. Dessa forma, para Beattie, o falante, para não perder o controle da conversação e manter o interesse do ouvinte durante a fase de planejamento semântico, redistribuiria suas pausas tornando-as mais freqüentes e curtas.

Considerando, como faz Beattie, que pausas longas facilitariam a tomada de turno pelo interlocutor e levando-se em conta o fato de que, devido à própria patologia, os sujeitos teriam uma certa dificuldade de realizar pausas mais curtas e freqüentes, uma possível explicação para o aumento de pausas preenchidas e mistas seria a de que, numa tentativa de manter o controle e a sustentação de seus turnos, os sujeitos preencheriam acusticamente suas pausas (ou seja, usariam os recursos motores de que dispõem), enquanto realizariam o planejamento de sua atividade lingüística.

Com efeito, também de modo semelhante ao que Chacon & Schulz (2002) observaram, muitas das pausas preenchidas de nossos dois sujeitos caracterizavam-se por ruídos cuja presença em sua cadeia temporal da fala poderia ser atribuída a “[...] falta de controle subglotal e laríngeo com respeito à configuração supralaríngea” (PICKETT et al, 1998, p.177)²⁴ muitas vezes verificada em parkinsonianos, e que os Exemplos 17 e 18 e as Figuras 15 e 16 abaixo permitem confirmar:

Exemplo 17 (extraído da 1ª gravação): *T explica pra C os cuidados que deve tomar depois que fraturou a costela.*

T é + mas tem que tomar cuidado esse esse piso ele é liso né seu Célio?

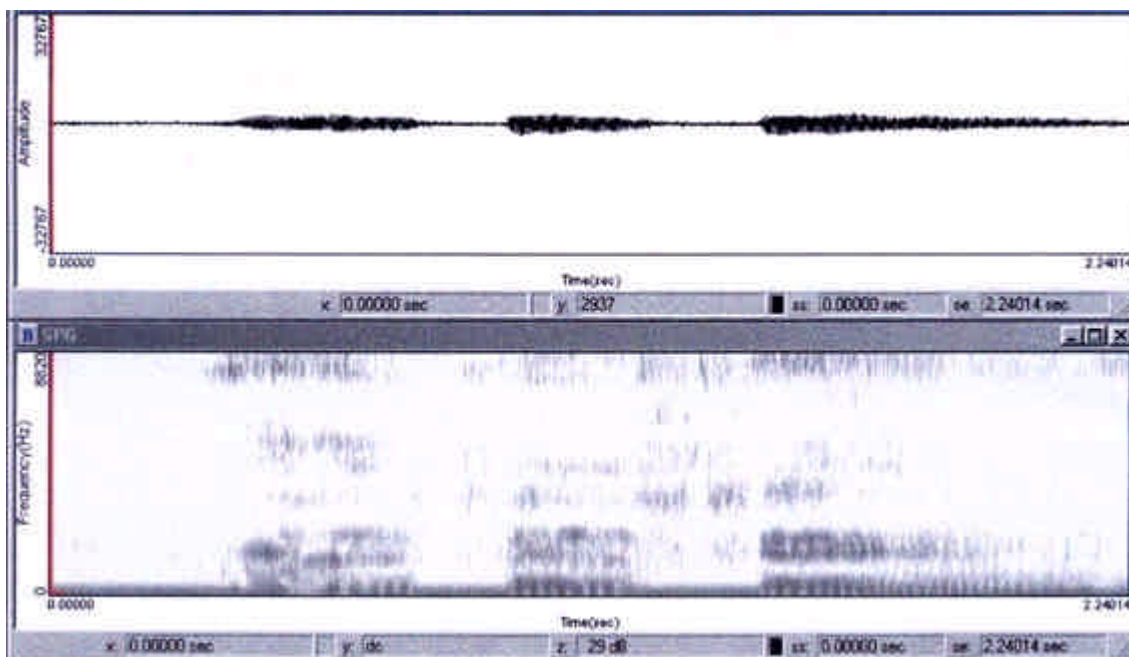
C (2.24) u:: u:: eu uso sapato especial né? com bolinha

T [uhn]

T pra não escorregar né?

²⁴ “[...] lack of laryngeal and subglottal control with respect to supralaryngeal configuration” (PICKETT et al, 1998, p.177)

Figura 15: Digitalização da pausa inicial mista C, destacada no exemplo 17.

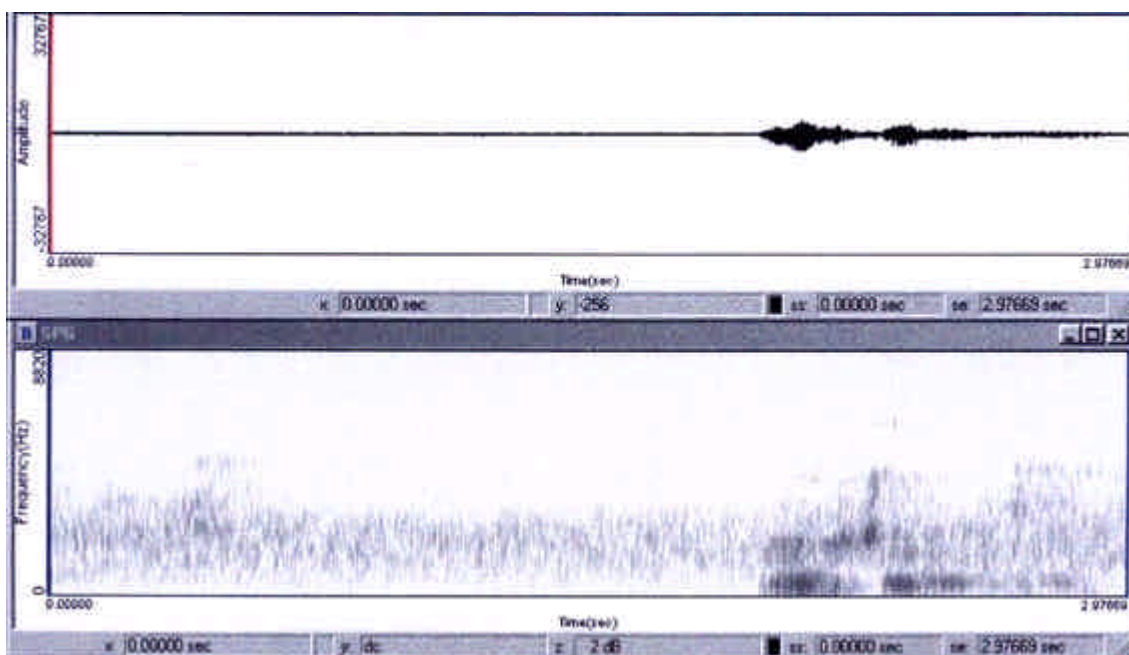


Exemplo 18 (extraído da 2ª gravação de J): *T e J conversam sobre a realização de exercícios.*

T. deixa o senhor não fazer as coisa direito que o senhor ver seu Jurandir vou ficar brava

J. ((vozeamento gutural)) (2.97) e::u vou esperar isso pra ver ((risos))

Figura 16: Digitalização da pausa inicial mista J, destacada no exemplo 18.



Ou seja, fatores de ordem motora (muito provavelmente resultantes de uma provável progressão da doença no que se refere à execução de movimentos de nossos sujeitos no período entre seus dois registros de conversação) não podem deixar de ser considerados para explicarmos o aumento de pausas preenchidas e mistas que constatamos. Isso porque, especialmente se levarmos em conta a literatura médica sobre a doença de Parkinson, veremos que problemas no sistema dopaminérgico no gânglio basal podem prejudicar a iniciação e o controle de movimentos (PITCAIRN, 1990).

Esse “ruído” ou “estridor” laríngeo, muitas vezes percebido apenas durante a digitalização das pausas, demonstra que onde o ouvido humano muitas vezes julga haver silêncio pode haver som e movimento. Desse modo, mesmo que muitas vezes inaudíveis, ruídos acústicos no início de turnos podem indiciar fatos como a própria tentativa de organização motora dos sujeitos para, ao mesmo tempo, responderem a seu interlocutor e desenvolverem o seu dizer, como nos mostram os Exemplos 19 e 20 e as Figuras 17 e 18 abaixo:

Exemplo 19 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C conversam sobre a amizade entre C e J.*

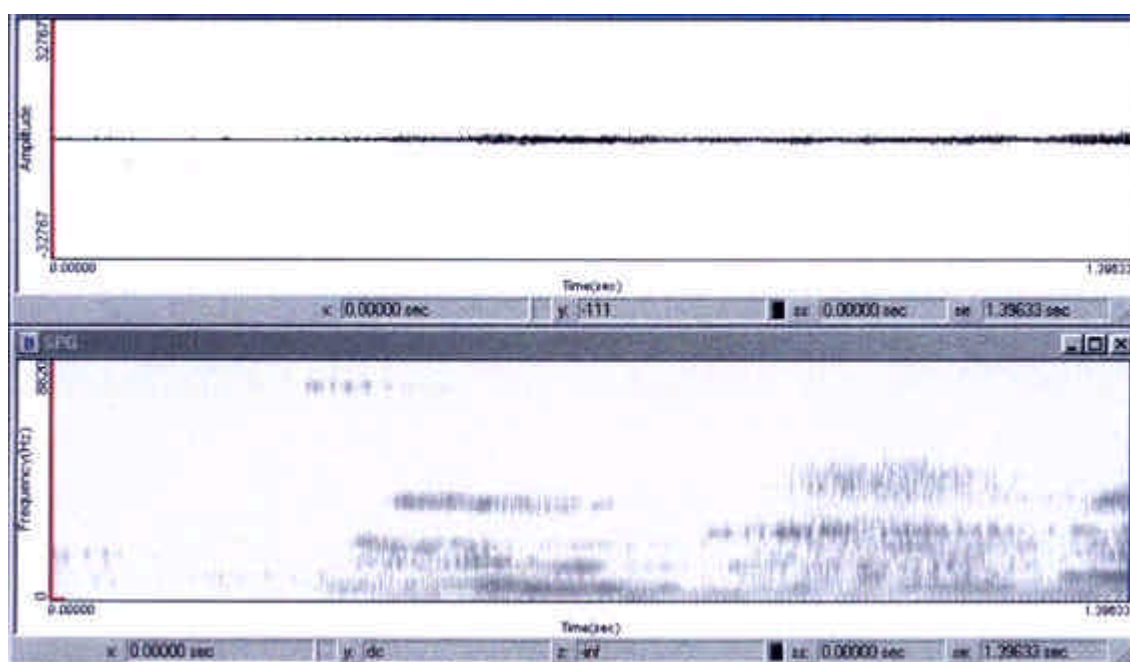
L. ele vem sempre aqui ou não?

C. e::o:: (1.39) *vem vem pouco aqui ++ ele tem:: dificuldade também de locomoção né*

L. como?

C. ele tem dificuldade de locomoção também

Figura 17: Digitalização da pausa inicial mista de C, destacada no exemplo 19.



Exemplo 20 (extraído da 2ª gravação de J): *J e L conversam sobre o trabalho de J no IBGE.*

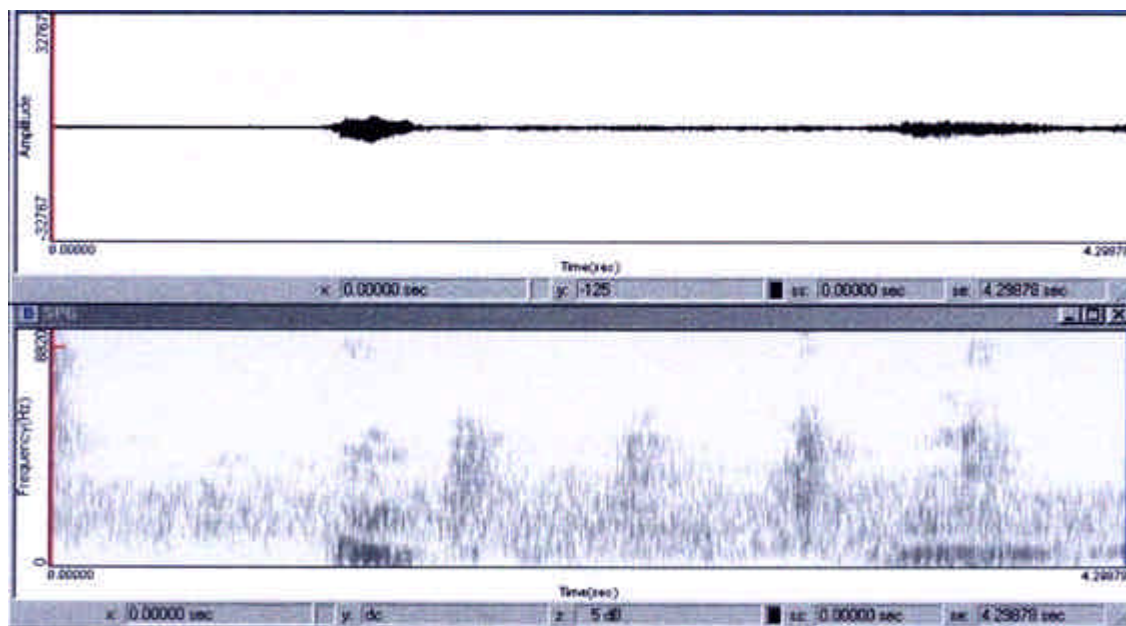
L. toda vida o senhor trabalhou lá?

J. toda vida único emprego

L. no:ssa

J. (4.29) aí:: ih::: ((distorção)) a aposentadoria:: né + não tenho saudade

Figura 18: Digitalização da pausa inicial mista de J, destacada no exemplo 20.



Estamos fazendo esta última observação em razão de um fato que vem sendo discutido na literatura sobre o parkinsonismo. Uma vez que a produção da atividade verbal supõe planejamento e controle dos movimentos envolvidos na execução de estruturas linguísticas – fato destacado, em contextos um pouco diferentes, por Ludlow et al (1987) e por Chacon & Schulz (2000) –, e considerando que, para os parkinsonianos, “na iniciação da fala, grande esforço físico pode ser necessário para relaxar a rigidez da musculatura da fonação e da articulação” (Critchley, 1981, p. 753)²⁵, a presença, na segunda gravação, de um maior número de pausas preenchidas e mistas, bem como o aumento geral de duração das pausas, sugerem-nos, tal como já apontado por Chacon & Schulz (2000), uma integração entre a atividade motora requerida pela fala e a atividade motora global de nossos sujeitos. Com efeito, o fato de que nossos sujeitos tenham apresentado mudanças de características de suas pausas para iniciarem seus turnos (preenchendo-as e alongando-as), associado ao

²⁵ “[...] in the initiation of speech, great physical effort may be needed to release the rigidity of articulatory and phonatory musculature” (CRITCHLEY, 1981, p. 753).

agravamento de suas condições de iniciar a marcha²⁶, pode fornecer, a nosso ver, argumentos à visão de que, pelo menos para nossos dois sujeitos, “[...] o sistema esqueletomotor e o da fala partilham um controle neural comum, a despeito de diferenças biomecânicas fundamentais” (VOLKMANN, 1992, p. 386)²⁷.

Voltando à função de planejamento desempenhada pelas pausas preenchidas (e, no nosso caso, também pelas mistas) na atividade discursiva, Lallgee & Cook (1969) observam que, no passado, pausas preenchidas eram consideradas como índice de distúrbios da fala – dentre eles, a ansiedade. No entanto, como podemos observar pela literatura mais recente, outros fatos relacionados às pausas preenchidas podem ser observados, especialmente o fato de sua participação na manutenção do controle da conversação por parte do sujeito enquanto organiza seu pensamento.

Além disso, Cook (1969) observa, em seu estudo sobre a probabilidade de transição e a incidência de pausas preenchidas, que a ocorrência desse tipo de pausa se dá em alguns pontos de decisão, isto é, quando o locutor está procurando uma palavra particularmente difícil. O autor aponta também a necessidade de se realizarem mais estudos que correlacionem as pausas preenchidas com a complexidade gramatical e dificuldades relacionadas ao tópico – necessidade que as características deste nosso estudo reforçam, na medida em que vimos correlacionando o preenchimento (ou não) de pausas apenas ao desenvolvimento (ou não) de turnos conversacionais, deixando de lado outros fatores conversacionais certamente envolvidos nessa correlação.

4.1.2 Correlação entre características gerais das pausas e atividade enunciativa dos sujeitos

Um outro aspecto que acreditamos estar vinculado, às semelhanças no modo como as pausas ocorreram na atividade verbal de nossos sujeitos é o enunciativo, na medida em que as pausas marcariam, na atividade discursiva dos sujeitos, suas preocupações com fatos ligados à intersubjetividade na enunciação. Embora a literatura a que tivemos acesso não faça considerações específicas a esse respeito, acreditamos poder ver, em determinadas considerações dos autores, fatos que poderíamos explicar como sendo de ordem enunciativa.

²⁶ O agravamento das condições motoras para a marcha em nossos dois sujeitos está registrado em seus prontuários no CEES/Unesp.

²⁷ “[...] speech and skeletomotor systems share common neural control despite fundamental biomechanical differences” (VOLKMANN, 1992, p. 386).

Scliar-Cabral e Rodrigues (1994), por exemplo, ressaltam que, ligadas ao turno, as pausas possibilitariam a retroalimentação do interlocutor, de modo a mantê-lo preso ao discurso. Já Brito (1994) aponta que, além de ser um recurso lingüístico de natureza cognitiva, a pausa teria uma natureza interacional, pois sua realização requeria a participação mútua de ambos os interlocutores. Desse modo, segundo Brito, esse aspecto interacional deveria não apenas ser levado em consideração, mas, sobretudo, ser visto tanto do ponto de vista do falante quanto do ouvinte.

Ainda a respeito do que estamos interpretando como vínculos entre a presença de pausas e fatos de ordem enunciativa, Butterworth (1980) e Beattie (1980) consideram que pausas em posição inicial teriam uma função primariamente social. Nos casos de pausas não preenchidas, estas permitiriam um tempo maior para a decodificação pelo ouvinte e, nos casos de pausas preenchidas, estas serviriam para prevenir a interrupção do ouvinte no turno do falante.

Os Exemplos 21 e 22, bem como as Figuras 19 e 20, logo abaixo, ilustram bem a função social da pausa destacada por Butterworth (1980) e por Beattie (1980), já que, como poderemos observar, além de uma duração maior, o sujeito preenche a pausa (destacada em *itálico* nos exemplos) como se estivesse tentando pedir ao interlocutor que aguardasse um instante até “superar sua dificuldade inicial”:

Exemplo 21 (extraído da 2ª gravação de C): *T e C conversam sobre a infância de C.*

L. e o senhor quando criança? o senhor se lembra das coisas que o senhor fazia ou não?

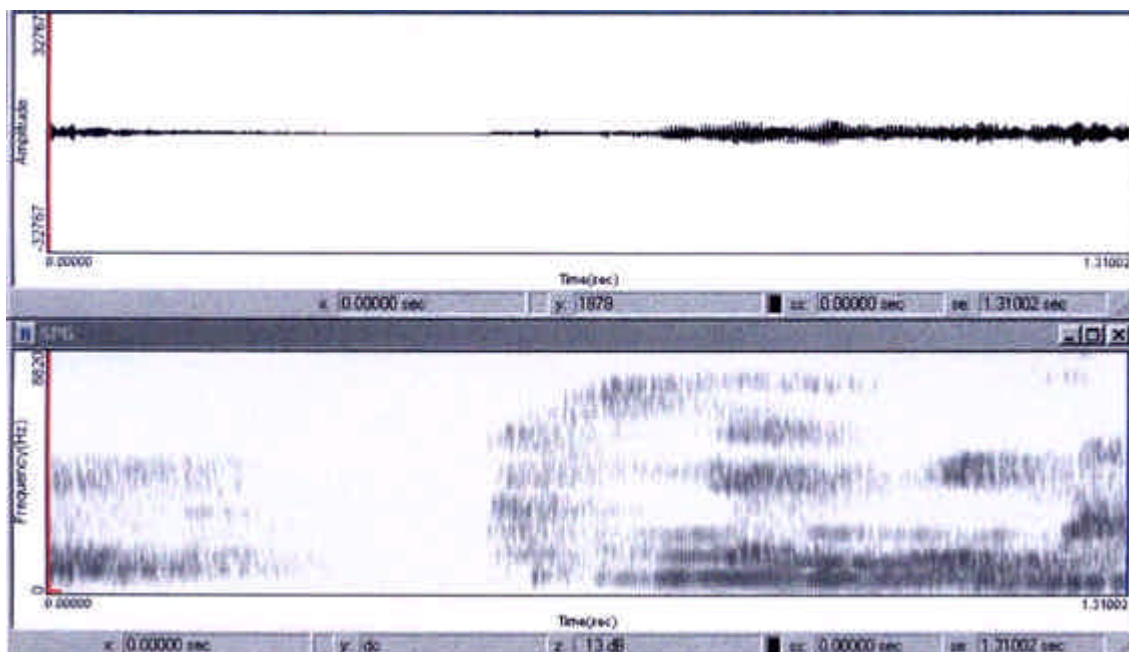
J. [o vô o Vi já foi trocá de roupa já]

C. (1.31) ((*vozeamento gutural*)) eu morei ++ eu morei eu morei na:: ++ numa casa ++ que era em frente um clube esportivo em Jundiaí ++ isso::: provocou + minha aptidão para o

L. [em Jundiaí?]

ginásio de esporte não que eu seja craque + eu era estrela um pouco estrela + e essa casa era de frente um clube a gente passava o dia inteiro de calção ++ nadando jogando basquete jogando vôlei ++ e::: me dei bem em alguns esportes né? + depois fui para escola mi: militar ++ e::: me dei bem no esporte ++

Figura 19: Digitalização da pausa inicial mista de C destacada no exemplo 21.



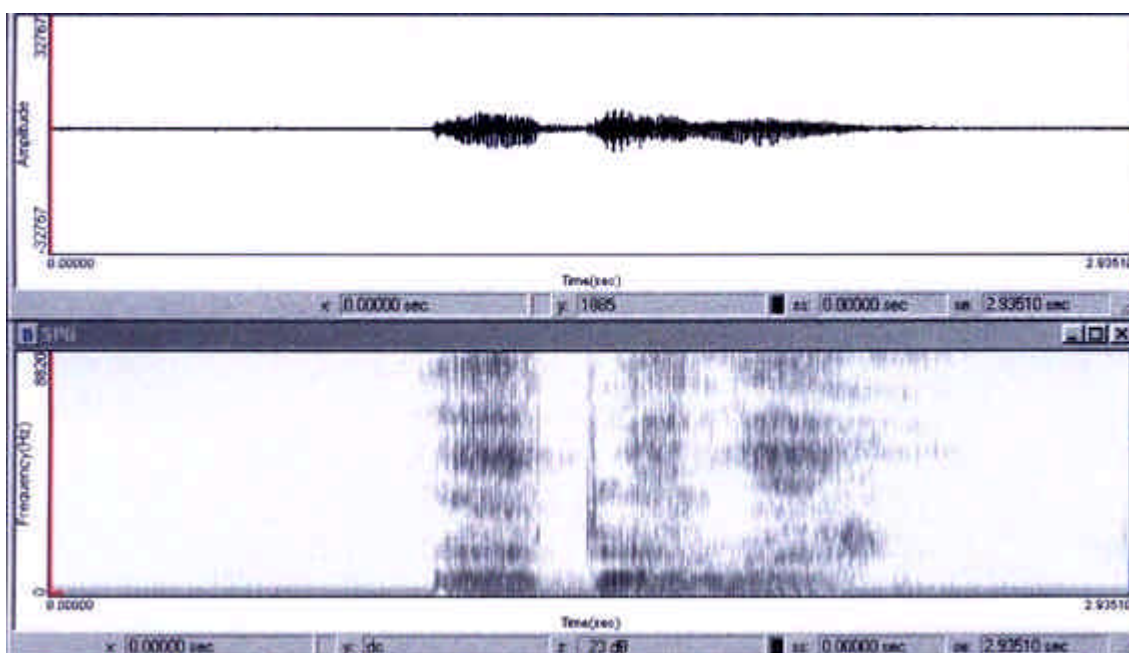
Exemplo 22 (extraído da 1ª gravação de J): *T e J conversam sobre um tombo de J.*

T ah é? + no::ssa

J [((risos))]

J (2.93) ((vozeamento gutural)) a:: a:: calçada perigosa viu?

Figura 20: Digitalização da pausa inicial mista de J destacada no exemplo 22.



Assim, o funcionamento dessas pausas pode ser interpretado como resultante de uma condição de enunciação talvez mais característica da doença de Parkinson na qual nossos sujeitos marcam, por meio de preenchimento acústico e do aumento da duração, sua *compreensão responsiva ativa* – no sentido de Bahktin (1992) – em relação ao enunciado de seu interlocutor. Ao se marcarem, pois, por meio de pausas com tais propriedades acústicas, os sujeitos participam ativamente do discurso do outro. Portanto, ainda de acordo com Bahktin, a *compreensão responsiva ativa* que nossos sujeitos, enquanto ouvintes, têm de um enunciado vivo é acompanhada dessa sua *atitude responsiva*, que torna toda compreensão prenhe de resposta, na medida em que, ao passarem à condição de locutores, eles marcam essa passagem (também) pelo uso mais peculiar que fazem das pausas (a saber, com preenchimento e com maior duração).

Desse modo, se atribuirmos um estatuto enunciativo ao funcionamento das pausas na atividade verbal de nossos sujeitos, é possível afirmar que, por meio delas e por meio de suas propriedades acústicas, eles se posicionam como interlocutores e não como mero repetidores de sentenças (posição na qual os procedimentos tradicionais de avaliação certamente os colocariam).

4.2 – Funcionamento das pausas mais específicos a cada um dos sujeitos

Até este momento de nossa discussão, apresentamos características do funcionamento das pausas que acreditamos serem mais gerais para os sujeitos C e J. No entanto, a análise dos dados permitiu verificar também que o funcionamento das pausas para esses mesmos sujeitos pode ter sua especificidade, ou seja, pode apresentar características particulares.

Como vimos no Capítulo 3 (cf., especialmente, Quadro 03 e Gráficos 04 e 05), tanto C quanto J seguiram uma tendência de diminuição de seus turnos desenvolvidos e de aumento dos seus turnos não desenvolvidos na segunda gravação.

Se considerássemos apenas esse fato, de modo isolado, poderíamos pensar que ele aponta para uma piora das condições de desempenho verbal de nossos dois sujeitos²⁸, já que turnos mais desenvolvidos exigiriam deles um maior trabalho de coordenação entre funções motoras e aspectos cognitivos da linguagem.

²⁸ Principalmente para o sujeito J, que apresentou um valor percentual maior de diminuição de turnos desenvolvidos, em torno de 10%, em relação a C, que apresentou o valor de 07%.

No entanto, quando correlacionamos os turnos desenvolvidos e não desenvolvidos com a frequência de pausas que antecedem esses turnos na primeira e na segunda gravação, notamos uma diferença entre os sujeitos. Na análise dos dados, verificamos que o sujeito C apresentou um aumento, na segunda gravação, de seus turnos desenvolvidos com pausa da ordem de 06%, e uma diminuição de seus turnos desenvolvidos sem pausa também da ordem de 06%. Já o sujeito J apresentou uma tendência oposta, ou seja, observamos uma diminuição de seus turnos desenvolvidos com pausas da ordem de 13%, e um aumento de seus turnos desenvolvidos sem pausa também da ordem de 13%.

Essa correlação em sentido oposto nos permitiria levantar duas hipóteses: a primeira apontaria para uma diferença intersujeitos; a segunda, estreitamente relacionada à primeira, sinalizaria uma maior progressão da doença no sujeito C do que no sujeito J – ou mesmo uma melhora do quadro clínico deste último sujeito J, na medida em que ele precisaria de menos pausas iniciais para desenvolver seus turnos.

Mas, como vimos na seção anterior desta nossa discussão dos dados, para que possamos compreender melhor o funcionamento da pausa na atividade discursiva desses sujeitos, precisamos analisar de que modo não apenas a frequência mas também as outras características das pausas, como duração e preenchimento, estariam relacionadas ao desenvolvimento de turnos discursivos desses sujeitos nos seus diferentes registros.

Com efeito, no que diz respeito à duração e retomando dados expostos no Quadro 07 do Capítulo 3, é possível observar que o sujeito C, em sua primeira gravação, utiliza muitas pausas breves (55%) no início de seus turnos desenvolvidos e poucas pausas médias e longas, que, juntas, somavam 45%. Já o sujeito J utilizava 36% de pausas breves nesse mesmo tipo de turnos, e muitas pausas médias e longas, que, juntas, somavam 64%. Já na segunda gravação, o sujeito C passou a iniciar seus turnos desenvolvidos principalmente por pausas médias e longas (73% no total desses dois tipos), e o sujeito J, que já utilizava muitas pausas médias e longas iniciando seus turnos, aumentou sua incidência para 81%. Como se pode observar, a diferença de duração de pausas entre os dois sujeitos foi mais distanciada na primeira gravação (19%) do que na segunda (8%).

Por sua vez, no que se refere ao preenchimento e retomando os dados expostos no Quadro 10 do Capítulo 3, é possível observar que, na primeira gravação, 84% das pausas iniciais de turnos desenvolvidos por C eram silenciosas e 16% eram preenchidas e mistas. Em J, esses percentuais eram, respectivamente, de 93% e 07%. Já na segunda gravação, os percentuais de C eram de 68% de pausas silenciosas e 32% de pausas preenchidas e mistas. Para J, esses valores eram, respectivamente, 83% e 17%. Como se pode observar, as

diferenças de valores de cada sujeito são maiores para C (16% de diminuição de pausas silenciosas e o conseqüente aumento de 16% de preenchidas e mistas) do que para J (10%).

Portanto, esses dados permitem afirmar que houve, sim, progressão da doença, nos dois sujeitos, e que a pausa pode ser um elemento que possibilita indiciar essa progressão. Contudo, também vimos que essa progressão não foi igual para C e J – fato que as características acústicas de duração e de preenchimento parecem demonstrar. Como vimos, o “salto” nessa progressão foi maior no sujeito C, que, num período de um ano e oito meses, apresentou mudanças consideráveis de duração e de preenchimento de suas pausas. Já essa mesma progressão em J, levando-se em consideração o mesmo período de tempo e as mesmas características das pausas, deu-se de modo que poderíamos entender como mais lentificado.

No entanto, na medida em que atribuímos um estatuto enunciativo ao funcionamento das pausas na atividade verbal de nossos sujeitos, outras considerações poderiam ser feitas a respeito das diferenças que apontamos entre ambos.

Assim sendo, o fato de o sujeito C apresentar, desde a primeira gravação, um maior percentual de pausas preenchidas e mistas do que o sujeito J (cf. Quadro 09, no Capítulo 3), além de indiciar dificuldades motoras mais acentuadas, pode também estar relacionado a uma questão de estilo individual, como apontado em estudo desenvolvido por Goldman-Eisler (1961). Com efeito, nesse estudo, a autora observa que pausas preenchidas e não preenchidas parecem ser uma questão de diferenças individuais e que “[...] a ‘preferência’ relativa por fenômenos hesitativos de diversos tipos parece ser um aspecto de estilo individual de falar” (p.18) ²⁹. No entanto, gostaríamos de frisar que um possível vínculo entre a maior ocorrência de pausas preenchidas e estilo individual no sujeito C só poderia ser mais consistentemente afirmado se pudéssemos ter tido acesso a mais registros de conversação desse sujeito, sobretudo antes de sua condição de parkinsoniano. Mesmo assim, pelo menos a título de sugestão, consideramos como relevante levantar essa suposição para explicar a diferença percentual de pausas preenchidas e mistas que detectamos entre o sujeito C e o sujeito J.

4.3 – A título de conclusão

Durante a análise de nossos dados, pudemos observar a importância de discutirmos as relações sugeridas, no Capítulo 3, entre, de um lado, frequência, duração e preenchimento de

²⁹ “[...] the relative ‘preference’ for hesitation phenomena of different types seems to be an aspect of individual style of speaking” (GOLDMAN-EISLER, 1961, p.18).

pausas e, de outro, desenvolvimento ou não de turnos conversacionais. Vimos que fatores de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa parecem atuar no funcionamento das pausas iniciais de turnos de nossos sujeitos parkinsonianos, fato que confirma resultados a que chegou Zaniboni (2001). Dentro dos limites deste nosso estudo, porém, nossos resultados permitem afirmar que esses fatores não atuam do modo dissociado – embora não desconsideremos a possibilidade de que alguns deles possam predominar em determinados momentos da atividade verbal de nossos sujeitos. O mais provável, a nosso ver, é que **diferentes conjunções** entre esses fatores estariam envolvidas na ocorrência das pausas de nossos sujeitos (estudos com limites menos restritos do que o nosso certamente teriam condições de demonstrá-las).

Desse modo, a relação que estabelecemos entre o funcionamento das pausas e fatores de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa em nosso estudo confirma a perspectiva que assumimos inicialmente, ou seja, a de que o funcionamento cerebral só pode ser entendido do ponto de vista das relações sistêmicas e dinâmicas e o funcionamento da linguagem como um processo social de construção de sentidos no qual fala/cognição/aspectos motores e simbólicos se acham integrados.

Além disso, é fundamental destacarmos que os processos verificados em nossos sujeitos em relação ao funcionamento de suas pausas são processos descritos não exatamente na literatura especializada sobre o parkinsonismo, mas na literatura geral sobre a atividade verbal. Conseqüentemente, o que vimos acontecer entre a primeira e a segunda sessão de registro de nossos dois sujeitos foi um ralentamento (maior para C e menor para J) não só de processos já existentes em sua atividade verbal, mas, sobretudo, de processos existentes e já previstos pela **língua**, enquanto condição de possibilidade da atividade discursiva.

Assim, as correlações que fizemos entre, de um lado, frequência, duração e preenchimento de pausas e, de outro, desenvolvimento ou não de turnos conversacionais em nossos sujeitos evocam funcionamentos verificados não apenas em nossos sujeitos, em seu primeiro registro, mas, especialmente, **em qualquer atividade verbal**. Provavelmente, as diferenças que verificamos entre a primeira e a segunda gravação de nossos sujeitos sejam devidas, fundamentalmente, a diferentes modos como questões de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa apareceram relacionadas nesses dois diferentes momentos.

No entanto, não deixaremos de considerar a possibilidade de, nas pausas, seus aspectos acústicos de preenchimento (quando preenchidas e mistas) e de duração (quando médias e longas) estarem correlacionados com dificuldades de memória apresentadas por nossos sujeitos, seja em função da doença, seja, ainda, em função da ação medicamentosa. No

entanto, para não se construírem vínculos mais diretos entre essas características das pausas no segundo registro de nossos sujeitos e problemas de memória e/ou efeitos de medicamento, dois fatos devem ser ressaltados: (1) o papel de processamento cognitivo atribuído à pausa ocorre em qualquer sujeito, seja ele parkinsoniano ou não; (2) pelo menos nos limites deste nosso estudo, não nos parece ser facilmente possível determinar em que momentos ou em que proporções uma dificuldade de memória pode estar envolvida ou não no preenchimento e na duração das pausas.

Em alguns momentos de nossas gravações, os próprios sujeitos enunciaram essa dificuldade³⁰ e o fizeram associando sua enunciação a pausas com pelo menos uma das características acústicas que apontamos, como nos mostram os exemplos abaixo:

Exemplo 23 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C estão conversando sobre o local de residência de L.*

L. não eu sou Lilian

C. preciso falar umas duas três vezes pra lembrar

L. Li-lian

C. + (1.69) (vocês::) mora aqui em Marília?

L. não ô seu Célio eu moro em São José do Rio Preto + lembra que eu falei pro

C. [ah:]

senhor? + eu moro em São José do Rio Preto (...)

C. [ah:] [eu tenho uma memória horrível viu?

L. tem?

C. + (1.20) *pra certas coisas eu sou bom agora outras coisa ++ passado da família isso aí eu sou bom ++ (mas as coisa recente) não dá certo não*

L. não?

C. não

L. lembra eu sou de São José do Rio Preto e estudei aqui em Marília ++ mas eu voltei pra lá o senhor conhece lá ou não?

C. conheço

L. conhece?

C. conheço

L. que que o senhor foi fazer por lá?

C. (1.33) *nós estamos falando de que cidade mesmo?*

L. São José do Rio Preto

³⁰ Ao enunciarem suas dificuldades de memória, nossos sujeitos, de algum modo, acabam por confirmar a literatura especializada, que as aponta justamente como um dos sintomas da doença de Parkinson – cf, por exemplo, Limongi (2001).

Figura 21: Digitalização da 1ª pausa inicial de C destacada no exemplo 23.

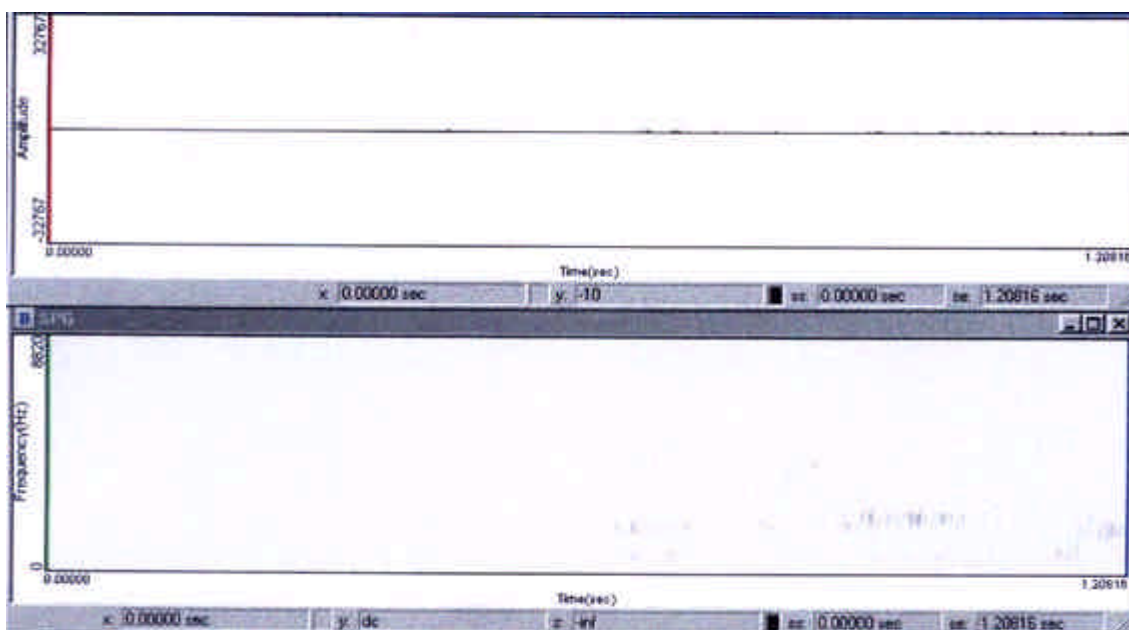
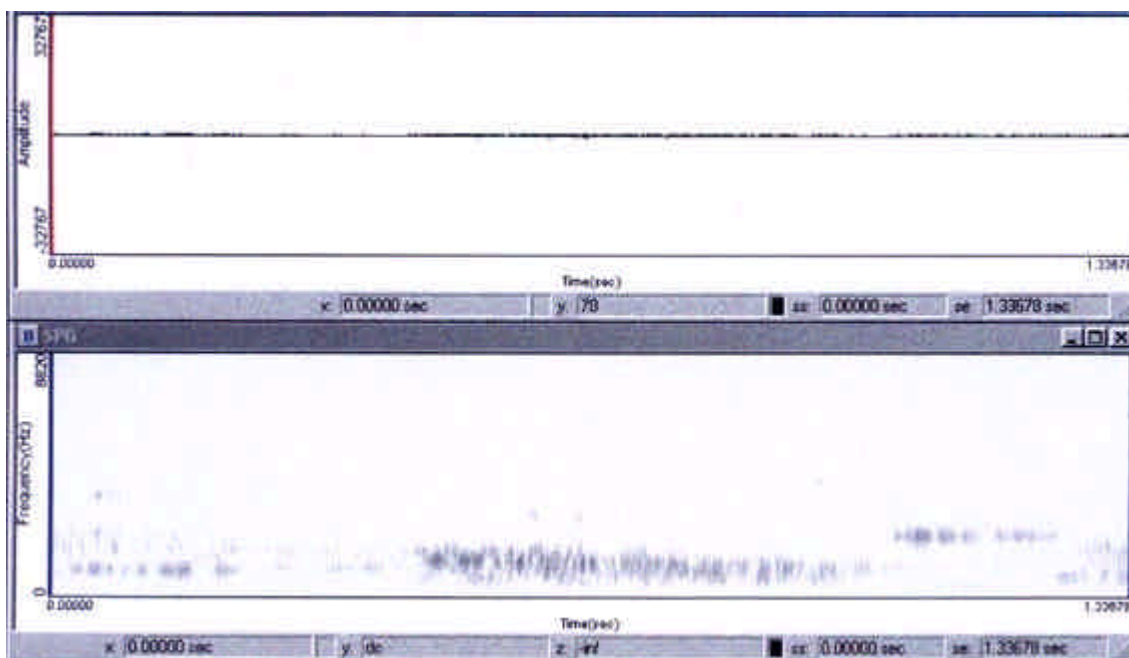


Figura 22: Digitalização da 2ª pausa inicial de C destacada no exemplo 23.



Exemplo 24 (extraído da 1ª gravação de J): *T e J estão conversando sobre um exercício.*

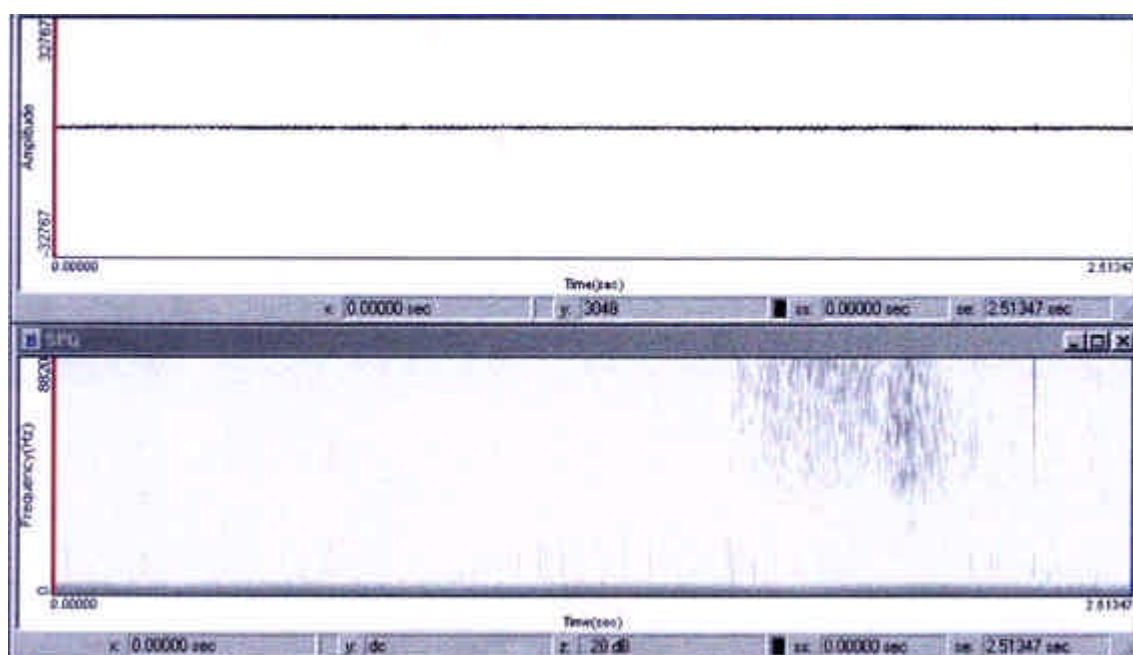
T nã:o? + do passarinho eu já tinha ouvido falar também

J (2.5) *mesmo porque:: Daniela + eu estou +estou com a memória muito ruim viu?*

T a mas está melhor que a minha

J não ((risos) não está (não) ((risos))

Figura 23: Digitalização da pausa inicial de J, destacada no exemplo 24.



De qualquer modo, seja em razão de dificuldades de memória, seja em razão de dificuldades que envolvem vínculos entre o planejamento e a formulação de turnos e sua execução motora, as mudanças que observamos nas características acústicas das pausas iniciais da primeira para a segunda gravação de nossos sujeitos sugerem-nos, lingüisticamente, uma dificuldade predominante no eixo de seleção do dizer (Jakobson, 1995)³¹, ou seja, é difícil para o sujeito começar um enunciado ou um diálogo, e nesse caso, o aumento da duração e o preenchimento das pausas iniciais seriam mecanismos facilitadores desse processo de seleção. É importante lembrar também que o eixo de seleção de Jakobson retoma o eixo associativo de Saussure (1975), para quem os elementos verbais apresentam relações muito diversas na memória.

³¹ Para Jakobson (1995), todo signo lingüístico pode ser arranjado de duas formas: a) a combinação, na qual as unidades lingüísticas podem ser agrupadas ou combinadas na cadeia linear da fala; e b) seleção, na qual termos alternativos implicam a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro.

No que se refere à relação entre pausas e o eixo associativo, um dos poucos estudos que encontramos que parece estar de acordo com essa relação é aquele desenvolvido por Goldman-Eisler (1958). Nesse estudo, a autora levanta a hipótese de que as pausas na fala parecem ser “uma manifestação do bloqueio mais geral da atividade que ocorre quando os organismos são confrontados com situações de incerteza, ou seja, quando a seleção do passo seguinte requer um ato de escolha” (p. 96)³². Para essa mesma autora, a ocorrência da pausa estaria correlacionada com a menor previsibilidade de ocorrência de uma palavra num determinado contexto, dessa forma, quanto maior a liberdade de escolha do falante, num determinado contexto, maior a possibilidade de ocorrência da pausa, e ainda, maior seria a duração dessa pausa.

Outra aproximação que podemos realizar entre o estudo de Jakobson (1955) sobre o eixo associativo da fala e o estudo de Goldman-Eisler (1958) sobre a pausa refere-se ao contexto no qual, para os autores, tanto a fala quanto a pausa ocorrem. Para Jakobson, uma dificuldade no eixo de seleção aumenta quanto mais o enunciado depender do contexto, da mesma forma, para Goldman-Eisler, quanto maior a liberdade de escolha do falante, num determinado contexto, maior a possibilidade de ocorrência da pausa. Deste modo, o funcionamento da pausa (sua ocorrência, duração e grau de preenchimento) tem uma relação muito estreita tanto com a posição em que ocorre no enunciado (inicial, limite de constituintes etc) quanto com o contexto em que ela aparece nesse enunciado³³.

Para finalizar nossa discussão, retomaremos cada um dos objetivos propostos em nossa Introdução (seção 1.3), para responder se cumprimos ou não cada um deles.

Nosso **primeiro** objetivo foi avaliar se a comparação entre registros de conversação de sujeitos parkinsonianos, com um intervalo significativo de tempo entre eles, mostraria modificações no modo como as pausas iniciais ocorrem no discurso desses sujeitos.

A análise dos nossos dados mostrou que sim, que o intervalo de tempo de um ano e oito meses foi significativo para que pudéssemos observar tais mudanças de ocorrência. Como vimos, observamos mudanças tanto em aspectos como a duração das pausas, já que os sujeitos

³² “[...] seemed therefore to be one manifestation of the more general blocking of activity which occurs when organisms are confronted with situations of uncertainty, i.e. when the selection of the next step requires an act of choice” (GOLDMAN-EISLER, 1958, p. 96).

³³ Num dos poucos estudos sobre o funcionamento da pausa na atividade discursiva de sujeitos parkinsonianos, Zaniboni (2001) verificou que a incidência de pausas iniciais, com maior duração e maior grau de preenchimento, é maior nos pares dialógicos que exigem processos verbais mais elaborados. A autora verificou que, em pares dialógicos na sua forma fechada (que exigem uma resposta estruturada com o uso de sim/não), a ocorrência das pausas é menor, bem como sua duração e seu preenchimento. Este estudo mostra a importância de analisarmos o funcionamento da pausa no contexto em que essa pausa ocorre.

passaram a utilizar menos pausas breves e mais pausas médias e longas em sua atividade verbal, quanto em aspectos como o preenchimento das pausas, na medida em que os sujeitos diminuíram o uso de pausas silenciosas e aumentaram o uso de pausas preenchidas e mistas.

Quanto ao nosso **segundo** objetivo, a saber, no caso de haver modificações nessas ocorrências, seria possível identificar quais aspectos da linguagem estariam envolvidos nessas modificações, pudemos observar que aspectos da linguagem de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa parecem estar envolvidos na mudança de funcionamento das pausas em início de turnos de nossos sujeitos parkinsonianos. Destaque-se que, de acordo com a visão não dicotomizante da linguagem que assumimos, procuramos mostrar que esse aspectos se relacionaram de modos diferentes na primeira e na segunda gravação

Nosso **terceiro** objetivo foi o de, no caso de haver modificações e sabendo-se que a doença de Parkinson é uma doença degenerativa, identificar se essa modificação no uso das pausas iniciais estaria ligada a uma possível progressão da doença. Durante a análise e discussão dos dados, levantamos a hipótese de que a mudança nas características das pausas não só podia estar relacionada ao aumento de dificuldades motoras e cognitivas que nossos sujeitos vivenciaram com o decorrer do tempo, como também podia indiciar que essa progressão da doença de Parkinson vinha se dando de modo particular a cada um de nossos sujeitos.

Finalmente, nosso **quarto** objetivo foi propor uma mudança na metodologia utilizada pela maioria dos estudos sobre a doença de Parkinson, buscando, por meio de registros de conversa espontânea, um enfoque interacionista e discursivo para os problemas verbais de sujeitos parkinsonianos. Acreditamos que foi justamente a mudança metodológica realizada em nosso estudo que nos possibilitou observar a linguagem em seu funcionamento e compreender um pouco mais sobre o papel das pausas no processo de construção e reconstrução da linguagem desses sujeitos.

Também essa mudança metodológica possibilitou-nos tematizar a desconstrução das dissociações criadas nos estudos sobre a doença de Parkinson pela metodologia tradicional – que, como destacamos, faz uso de repetição e de leitura de palavras, de frases e de textos curtos para a avaliação de linguagem de parkinsonianos. Dessa forma, pudemos observar, em nossos dados, correlações entre aspectos motores, cognitivos, conversacionais e enunciativos da linguagem, que só foram aprendidas, repetimos, especialmente porque enfocá-los na perspectiva das relações e não das dissociações abriu-nos a possibilidade de captá-los em situações reais de atividade verbal. Concordamos, pois, com Coudry (1996), na medida em

que essa autora destaca que é outra a abordagem que se tem dos fatos patológicos quando se tem outra concepção de linguagem:

Avaliar o processo de significação em vez de partes do código ou tipos de comportamento verbal não quer dizer imprecisão só porque o resultado da análise não são números, tabelas, tipos. Quer dizer, antes, procedimentos heurísticos orientados por princípios teóricos que tratam a linguagem como atividade significativa e, portanto, o que está em questão são *processos de significação* alterados ou não e não *comportamentos* verbais (p.186, grifos da autora).

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este estudo destacando as principais manifestações clínicas da doença de Parkinson (tais como descritas pela literatura especializada) e as contribuições dos estudos lingüísticos para se repensarem concepções embutidas nesse tipo de literatura – que, como observamos por diversas vezes, dissocia fatos como linguagem/cognição, linguagem/fala, aspectos motores/aspectos simbólicos da linguagem e, ainda, as diversas áreas da atividade cerebral.

Retomaremos brevemente cada uma dessas dissociações e, ao mesmo tempo, destacaremos como nosso estudo sobre o funcionamento das pausas na atividade verbal de parkinsonianos pode contribuir para a desconstrução dessas dissociações.

Como vimos no Capítulo 1, autores como Barbosa et al (1987), Karel et al (1996) e Limongi (2001) referem-se a dificuldades cognitivas de parkinsonianos principalmente como resultantes de alterações, de fundo orgânico, na memória. No entanto, como procuramos demonstrar, não é possível desvincular cognição de linguagem nem muito menos reduzir o aspecto cognitivo da linguagem a uma alteração do funcionamento cerebral.

Com efeito, pudemos verificar que a modificação nas características de duração e de preenchimento das pausas, da primeira para a segunda sessão de registro, estava relacionada a processos cognitivos tais como o planejamento e a elaboração da atividade verbal. Fato que, a nosso ver, reforça essa relação foi o de que a maioria das pausas médias e longas, assim como de pausas preenchidas e mistas, antecedia principalmente turnos desenvolvidos, ou seja, turnos que exigiam processos verbais mais elaborados. Certamente em nenhum momento nos esquecemos de que os parkinsonianos apresentam, em função da rigidez, dificuldades para iniciar a fala e de que uma piora nesse aspecto motor evidentemente também pode ser correlacionada com o aumento encontrado na duração e no preenchimento das pausas. Nossa diferença em relação à literatura especializada, contudo, é que entendemos que a mudança nas características acústicas de duração e de preenchimento das pausas relaciona-se tanto aos processos cognitivos de planejamento e elaboração, quanto ao aspecto motor da produção da atividade verbal, de tal forma que não vemos como dissociá-los.

Outra dissociação observada nos autores que estudam as dificuldades verbais na doença de Parkinson é aquela entre linguagem/fala. Notamos que essa dissociação tem sua base na redução da complexidade da linguagem a um código verbal, desvinculado dos processos (inclusive os de ordem motora) envolvidos em sua produção, tal como se pode ver em trabalhos como os de Darkins, Fromkin & Benson (1988), Critchley (1981), Pitcairn et al

(1990) e Pell (1996). Daí, decorre outra dissociação, aquela entre aspectos motores e aspectos simbólicos da linguagem. Como vimos, trata-se, na verdade, de duas dicotomias imbricadas, já que a dicotomia entre o que se denomina como linguagem e como fala indicia outra maior, aquela entre os aspectos motores e os aspectos simbólicos da linguagem.

No entanto, a análise de nossos dados permitiu-nos observar que, além dos aspectos motores envolvidos na mudança das características de duração e de preenchimento das pausas, aspectos como os de ordem conversacional, cognitiva e enunciativa pareciam atuar de modo integrado no funcionamento das pausas iniciais de nossos sujeitos parkinsonianos. Vimos que o aumento de pausas médias e longas que facilitariam a tomada de turno pelo interlocutor veio associado a uma mudança nas características de preenchimento, provavelmente de modo a possibilitar aos nossos sujeitos o controle e a sustentação do turno, bem como mais tempo para o planejamento de sua atividade lingüística. Além disso, nossos dados permitiram-nos também atribuir um estatuto enunciativo ao funcionamento das pausas, na medida em que, por meio de suas características acústicas, nossos sujeitos se posicionaram como interlocutores e não como meros espectadores da atividade verbal ou repetidores de sentenças.

No que se refere à dissociação entre as diversas áreas da atividade cerebral, observamos que a maioria dos estudos sobre a doença de Parkinson apresenta uma visão localizacionista do cérebro, ou seja, seus esforços visam principalmente mapear cada parte do cérebro e apontar quais são os prejuízos funcionais provocados por alterações dopaminérgicas em diversos sistemas neuronais, tais como o mesolímbico (visto como responsável pela aprendizagem e pela linguagem), via nigro-estriatal e gânglio basal (vistos como responsáveis pelo controle do movimento) e o eixo hipotálamo-pituitária-adrenal (visto como responsável pela regulação da emoção e do estresse), dentre outros.

Para desconstruir a dissociação entre o funcionamento das diversas áreas da atividade cerebral, questionamos o sentido atribuído à palavra *função*, com base em Luria (1991). Para esse autor, função significa “atividade de adaptação de todo um organismo” (p.89), na medida em que “a função se constitui numa *complexa atividade exercida pelo trabalho conjunto de todo um sistema de órgãos*, cada um dos quais integra esse ‘sistema funcional’ em seus próprios papéis, assegurando esse ou aquele aspecto desse sistema funcional” (p.89, grifos do autor). Dessa forma, se considerarmos essa concepção de relação entre sistemas proposta por Lúria, podemos pensar que, nos parkinsonianos, problemas em aspectos de linguagem, cognição, movimento e emoções se encontram intimamente relacionados – já que a dopamina integra diferentes vias neuronais.

A análise dos nossos dados pode fornecer mais elementos para essa visão, já que fatores de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa atuaram de modo relacionado no funcionamento das pausas iniciais de turnos de nossos sujeitos. Assim, compreender o funcionamento cerebral do ponto de vista das relações sistêmicas e dinâmicas e o funcionamento da linguagem como um processo social de construção de sentidos, no qual fala/cognição/aspectos motores e simbólicos se acham integrados, possibilitou-nos a mudança teórico-metodológica que propusemos e os resultados a que chegamos.

É importante destacar, a esse respeito, que, embora tenha sido tematizado, no Capítulo 1, o vínculo entre pausas e organização tópica, durante a análise dos dados não foi possível, em função do tempo disponível para o término da pesquisa, enfocar a relação entre as características acústicas das pausas e o início de tópicos discursivos. Estamos cientes de que muitos fatos destacados na análise poderiam ser mais bem explorados em função dessa categoria da organização conversacional.

Outro aspecto também descartado da análise foi a relação entre mudanças nas características acústica das pausas e os diferentes tipos de pares dialógicos. Num estudo anterior, Zaniboni (2002) observou que a ocorrência de pausas iniciais com maior grau de duração e de preenchimento é maior nos pares dialógicos que exigem processos verbais mais elaborados. Seria importante a realização de estudos que pudessem verificar se existem modificações na ocorrência e nos tipos de pares dialógicos com a progressão da doença e, ainda, se uma possível relação entre a ocorrência de pausas e pares dialógicos também se modifica.

Ainda um outro aspecto descartado e que, a nosso ver, pode fornecer mais elementos para uma compreensão do funcionamento das pausas na atividade verbal de parkinsonianos diz respeito a possíveis vínculos entre suas características acústicas (especialmente a duração) e a extensão dos turnos que elas iniciam.

Por fim, acreditamos que uma maior atenção às características de preenchimento dessas pausas iniciais pode fornecer importantes dados para a verificação de como se associam os movimentos laríngeos com os movimentos dos articuladores, na medida em que nossos espectogramas parecem apontar para o fato de que essas características indiciam, além de ruídos laríngeos, elementos da configuração acústica do primeiro segmento dos turnos.

Assim, acreditamos que, além de discutir os efeitos de algumas das principais dissociações realizadas pela literatura especializada em doença de Parkinson, nosso estudo possibilita:

- (a) fornecer mais informações sobre a progressão da doença, indiciada por mudanças na ocorrência e características das pausas, e sobre a correlação entre essa progressão e as alterações de linguagem que o parkinsonismo provoca;
- (b) ver que a progressão, quando indiciada pelo funcionamento das pausas iniciais de turno, pode se dar de modo diferente em cada sujeito;
- (c) contribuir para uma visão da atividade de linguagem de parkinsonianos na qual se privilegie a maneira pela qual esses sujeitos organizam e usam a linguagem;
- (d) repensar os chamados “programas de reabilitação” correntes na prática terapêutica com esses sujeitos, uma vez que esses “programas” enfocam principalmente os aspectos motores da doença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERCROMBIE, D. Voice quality and voice dynamics. In: _____. *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Universaty Press, 1967. cap. 6, p. 89-110.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *A estética da comunicação verbal*. (Trad. Maria Ermantina Galvão). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1992. p. 277-326.

BARBOSA, E. R. et al. Disfunções neuropsicológicas na Doença de Parkinson. *Arq. Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 109-118, junho, 1987.

BARBOSA, E. R. Parkinsonismo. *Revista Brasileira de Neurologia*, v. 25, n. 1, p. 27-32, 1989.

BEATTIE, G. W. The role of language production process in the organization of behavior in face-to-face interaction. In: BUTTERWORTH, B. *Language and production: speech and talk*. London: Academic Press, part.4, p. 69-107, 1980.

BLONDER, L. X.; GUR, R. E.; GUR, R. C. The effects of right and left hemiparkinsonism on prosody. *Brain and Language*, v. 36, n. 2, p. 193-207, february, 1989.

BRITO, C. A pausa como elemento estruturador do texto conversacional. *Estudos Lingüísticos XXIII* (Ribeirão Preto), p. 536-543, 1994.

BUTTERWORTH, B. Evidence from pause in speech. In: _____. *Language and production: speech and talk*. London: Academic Press, part.7, p. 155-175, 1980.

CAEKEBEKE, J. F. V.; et al. The interpretation of dysprosody in patients with Parkinson's disease. *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*, v. 54, p. 145-8, 1991.

CAGLIARI, L. C. A importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do Português falado: níveis de análise lingüística*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. 2, p. 39-64, 1992b.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 23, p. 137-151, jul/dez, 1992a.

CANTER, G. J. & VAN LANCHER, D. R. Disturbances of the temporal organization of speech following bilateral thalamic surgery in a patient with Parkinson's disease. *J. Commun. Disord.*, v. 18, p. 329-349, 1985.

CANTER, G. J. Speech Characteristics of patients with Parkinson's disease: I. Intensity, pitch, and duration. *Journal of Speech, and Hearing Disorders*, v. 28, n. 3, p. 221-229, august, 1963.

CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino do português*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CHACON, L.; SCHULZ, G. Duração das pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 39, p. 51-71, 2000.

COOK, M. Transition probabilities and the incidence of filled pauses. *Psychonomic Science*, v. 16, n. 4, p. 191-192, 1969.

COUDRY, M. I. H. O que é o dado em neurolingüística. In: CASTRO, M. F. P. *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas:Editora da Unicamp, 1996.

COUDRY, M. I. H. *Clássico é clássico e vice-versa*. Texto-base de aula para concurso de livre docência. Campinas, IEL/UNICAMP, 2002. Inédito.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COUDRY, M. I. H; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 5, p. 99-109, 1983.

CRITCHLEY, E. M. R. Speech disorders of Parkinsonism: a review. *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*, v. 44, n. 9, p. 751-758, 1981.

CRUTTENDEN, A. The forms of intonation. In: _____. *Intonation*, 1. ed. Cambridge University Press: Cambridge, 1986. p. 30-32.

DARKINS, A. W.; FROMKIN, V. A. & BENSON, D. F. A characterization of the prosodic loss in Parkinson's disease. *Brain and Language*, v. 34, p. 315-327, 1988.

DARLEY, F. L.; ARONSON, A. E.; BROWN, J. R. Cluster of deviant speech dimensions in the dysarthrias. *Journal of speech and hearing research*. v. 12, p. 462-496, 1969.

DE ANGELIS, E. C. *Efetividade da fonoterapia na doença de Parkinson*: medidas fonatórias, intensidade pré e pós fonoterapia. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) - Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, 1995.

DEACON, W. T. Evolutionary perspectives on language and brain plasticity. *J. Commun. Disord.*, v. 33, p. 273-291, 2000.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita*: perspectivas para o ensino de língua materna. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETTI, D. (Org) 2. ed. *Análise de Textos Oraís*, v. 1, p. 55-79, 1995.

GOLDMAN-EISLER, F. A comparative study of two hesitation phenomena. *Language and Speech*, v. 4, n. 1, p. 19-27, jan/march, 1961.

GOLDMAN-EISLER, F. Speech production and predictability of words in context. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, v. 10, p. 96-106, 1958.

GRAFFMN, J. Conceptualizing functional neuroplasticity. *J. Commun. Disord.*, v. 33, p. 345-356, 2000.

HAMMEN, V. L.; YORKSTON, K. M. Speech and pause characteristics following speech rate reduction in hypokinetic dysarthria. *J. Commun. Disord.*, v. 29, p. 429-445, 1996.

HARTELIUS, L.; SVENSSON, P. Speech and swallowing symptoms associated with Parkinson's disease and Multiple Sclerosis: A Survey. *Folia Phoniatr.*, v. 46, p. 9-17, 1994.

HENDERSON, A.; GOLDMAN-EISLER, F. & SKARBEK, A. Sequential temporal patterns in spontaneous speech. *Language and Speech*, v. 9, n. 4, p. 207-217, sept/dec, 1966.

HIRD, K. & KIRSNER, K. Dysprosody following acquire neurogenic impairment. *Brain and Language*, v. 45, p. 46-60, 1993.

HOWARD, L. A. et al. The contribution of apraxic speech to working memory deficits in Parkinson's disease. *Brain and language*. v. 74, p. 269-288, 2000.

ILLES, J.; METTER, E. J.; HANSON, W. R. & IRITANI, S. Language production in Parkinson's disease: acoustic and linguistic consideration. *Brain and Language*, v. 33, n.1, p. 146-160, january, 1988.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. *Linguística e Comunicação*. 20 ed. São Paulo, 1995, p. 34-62.

JUBRAN, C. C. A. S. Parênteses: propriedades identificadoras. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. v. 5, p. 411-421.

JUBRAN, C. C. A. S.; URBANO, H.; KOCH, I. G. V.; et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do Português falado: níveis de análise linguística*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993. v. 2, p. 359-97.

KAREL, P. M. et al. Executive functions and disease characteristics in Parkinson's disease. *Neuropsychologia*, v. 34, n. 7, p. 617-626, 1996.

KEMPLER, D.; VAN LANCKER, D. Effect of speech task on intelligibility in dysarthria: a case study of Parkinson's disease. *Brain and language*. v. 80, p. 449-464, 2002.

KENT, R. D. & READ, C. *The acoustic analysis of speech*. San Diego, California: McNaughton & Gunn, 1992. cap.1,2,3,4.

KENT, R. D.; WEISMER, G.; KENT, J. F.; et al. Acoustic studies of dysarthric speech: methods, progress, and potential. *J. Commun. Disord.*, v. 32, p. 141-186,1999.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, I. G. V.; JUBRAN, C. C. A. S.; URBANO, H.; et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado: a ordem*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990. v. 1, p. 144-84.

KOCH, I. G. V.; SILVA, M. C. P. S. Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. v. 5, p. 379-410.

LALLGEE, M. G. & COOK, M. An experimental investigation of the function of filled pauses in speech. *Language and Speech*, v. 12, n. 1, p. 24-28, jan/march, 1969.

Le DORZE, G.; BRASSARD, C.; BOULANGER, N. et al. A comparison of the speech of people with Parkinson's disease and Friedreich's ataxia with neurologically normal speakers. *Folia Phoniatr Logop*, v. 50, p. 1-9, 1998.

LEBRUN, Y. Avaliação da afasia. In: *Tratado de Afasia*. São Paulo: Panamed Editorial, 1983. p. 95-105.

LEOPOLD, N. A.; KAGEL, M. C. Pharyngo-Esophageal Dysphagia in Parkinson's Disease. *Disphagia*, v. 12, p. 11-18, 1997.

LIMA, S. S. P.; QUAGLIATO, E. M. CAGLIARI, L. C. et al. Linguagem e isolamento no mal de Parkinson. *Revista Brasileira de Fonoaudiologia*, ano1, n. 2, p. 5-13, 1997.

LIMONGI, J. C. P. (Org.) *Conhecendo melhor a doença de Parkinson: uma abordagem multidisciplinar com orientações práticas para o dia-a-dia*. São Paulo: Plexus, 2001.

LUDLOW, C. L.; CONNOR, N. P. & BASSICH, C. J. Speech timing in Parkinson's and Huntington's disease. *Brain and Language*, v. 32, p. 195-214, 1987.

LURIA, A. R. O cérebro e os processos psíquicos. In: *Curso de psicologia geral: introdução evolucionista à psicologia*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. v. I, cap. 4, p. 85-115.

MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *Gramática do Português Falado: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 1999. v. 7, p. 159-194.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MELARAGNO FILHO, R. Parkinsonismo e demência. *Rev. Ass. Med. Brasil*, v. 33, n. 1/2, jan/fev, p. 29-35, 1987.

METTER, E. J.; HANSON, W. R.; Clinical and acoustical variability in hypokinetic dysarthria. *J. Commun. Disord.*, v. 19, p. 347-366, 1986.

MILLER, J. Q. Involuntary movements in elderly. *Dyskinesia*, v. 79, n. 4, p. 323-330, 1986.

MONRAD-KROHN, G. H. The third element of speech: prosody in the neuro-psychiatric clinic. IN: *Problems of dynamic neurology*. Jerusalem: Hebrew Univ. Press, 1957, p. 101-117.

MORATO, E. M. & FREITAS, M. S. Algumas questões sobre prosódia no contexto neurolingüístico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 25, p. 161-173, jul/dez, 1993.

MORATO, E. M. *Linguagem e Cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus, 1996.

NILSSON, H.; EKBERG, O.; OLSSON, R. et al. Quantitative Assessment of oral and Pharyngeal Function in Parkinson's Disease. *Dysphagia*, v. 11, p. 144-150. 1996.

OLIVEIRA, E. C.; CHACON, L. Aspectos prosódicos da fala de sujeitos parkinsonianos. *Alfa*, v. 43, p. 203-228, 1999.

PELL, M. D. On the receptive prosodic loss in Parkinson's disease. *Cortex*, v. 32, p. 693-704, 1996.

PICKETT, E.R.; KUNIHOLM, E.; PROTOPAPAS, A.; FRIEDMAN, J. & LIEBERMAN, P. Selective speech motor, syntax and cognitive deficits associated with bilateral damage to the putamen and the head of the caudate nucleus: a case study. *Neuropsychologia*, v. 36, n. 2, p. 173-188, 1998.

PITCAIRN, T. K.; CLEIME, S.; GRAY, J. M.; PENTLAND, B. Impressions of parkinsonian patients from their recorded voices. *British Journal of Disorders of Communication*, v. 25, p. 85-92, 1990.

POSSENTI, S. Língua: sistema de sistemas. In: DAMASCENO, B. P.; COUDRY, M. I. H. (Ed.) *Temas em neuropsicologia e neurolingüística*, v. 4, 1995, p. 20-25.

PRESTON, J. M. & GARDNER, R. C. Dimensions of oral and written language fluency. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 6, p. 936-945, 1967.

PRETTI, D. & URBANO, H. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1988.

ROBBINS, J. A.; LOGEMANN, J. A.; KIRSHNER, H. S. Swallowing and Speech Production in Parkinson's Disease. *Ann. Neurol.* v. 19, p. 283-287, 1986.

ROCHESTER, S. R. The significance of pauses in spontaneous speech. *Journal of Psycholinguistics Research*, v. 2, n. 1, p. 51-81, 1973.

RODRIGUES, N. *Neurolingüística dos distúrbios da fala*, 2. ed. São Paulo: Cortez: EDUC, 1992.

SAUSSURE, F. Relações sintagmáticas e relações associativas. In: _____. *Curso de lingüística geral*. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1975, p.142-147.

SCHULZ, G. M.; GRANT, M. K. Effects of speech therapy and pharmacologic and surgical treatments on voice and speech in Parkinson's disease: a review of the literature. *J. Commun. Disord.*, v. 33, p. 59-88, 2000.

SCLIAR-CABRAL, L. & RODRIGUES, B. B. Discrepância entre a pontuação e as pausas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 26, p. 63-77, jan/jun., 1994.

SCOTT, S.; CAIRD, F. L.; & WILLIAMS, B. O. Evidence for an apparent sensory speech disorder in Parkinson's disease. *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*, v. 47, p. 840-843, 1984.

SHULMAN, L. M.; TABACK, R. L.; RABINSTEIN, A. A; et. al. Non-recognition of depression and other non-motor symptoms in Parkinson's disease. *Parkinsonism and Related Disorders*, v. 8, p. 193-7, 2002.

SILVA, L. A. Interação conversacional e assalto ao turno. *Estudos Lingüísticos XXIII Anais de Seminários do GEL*, v. II, p. 1343-1350, 1994.

SILVA, M. C. P. S.; KOCH, I. G. V. A dimensão ilocutória. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado: as abordagens*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993. v. 3, p. 19-29.

SILVA, M. C. P. S.; KOCH, I. G. V. Estratégias de desaceleração do texto falado. In: KATO, M. (Org.) *Gramática do Português falado: convergências*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. v. 5, p. 327-38.

SMOLKA, A. L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. *Educ. Soc.*, v. 21, n. 71, Campinas, July, 2000.

VOLKMANN, J.; HEFTER, H.; LANGE, H. W. & FREUND, H.J. Impairment of temporal organization of speech in basal ganglia diseases. *Brain and language*, v. 43, p. 386-399, 1992.

WATTERS, P. A.; PATEL, M. Competition, inhibition, and semantic judgment errors in Parkinson's disease. *Brain and Language*, v. 80, p. 328-339, 2002.

ZANIBONI, L. F. O funcionamento das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson, 2001. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências, São José do Rio Preto.

ZANIBONI, L. F. O.; CORREA, L. M. Escrita e oralidade na produção escrita de sujeitos parkinsonianos. *XLIX Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos*, Marília, p. 361-362, 2001.

ANEXOS

Sujeito C – Primeira Gravação

Legenda:

C. é o sujeito com lesão neurológica que integra nossa análise;

T. é o interlocutor que está direcionando a entrevista com C.;

Transcrição

T boa tarde seu Célio

C [olá + boa tarde tudo bem?

T tudo bem? ((risos))

C começa você

T não + começa o senhor + nós já começamos então + seu Célio essa aqui é a poltrona que o senhor me falou que o senhor tinha comprado?

C (0.69) não não:: comprei ((trecho curto incompreensível/mal articulado))

T aquela + que é adaptada?

C (1.04) não não tem adaptada nenhuma não + antes era essa era a minha ++ depois

T [a ta]

compramos essa pra + substituir essa aqui + mas essa aqui:: me::: dei bem + e agora ultimamente voltei pra essa que estou me dando melhor um pouquinho + poltrona tem que

T [uhn uhn]

se:: + confortável né?

T tem

C (0.59) (pra ver programa) e tal + e você o que você conta de novo?

T não tem nada de novo né? + mesma correria de sempre né seu Célio?

C é + hoje você não atende lá:: na fono?

T hoje?

C é

T atendo

C todo dia você (atende)?

T todo dia

C (1.13) é barra não?

T todo dia + eu sai era meio dia daí nós almoçamos + depois nós viemos pra cá +

C [ahn]

T porque é duas horas eu tenho que volta né? tem atendimento senhor já foi na

C [ahn]

T fisioterapia hoje seu Célio?

C fui

T não é/ senhor não vai/ não faz mais a tarde?

C não mas ela adiantou:: + um dia + eu estou com uma dorzinha di:: na costela né + (achei

T [ahn] [uhn]

por bem) ela dar uma olhada não sem problema nenhum + a noite toda a dor incomoda mais né + aí eu vou agüentar a mão + estou muito sujeito a + fratura no + (coisa) no tronco

T [uhn uhn]

T mas é porque senhor caiu será seu Célio?

C (foi neu) cáí bati a:: + as costelas + na cadeira + eu fui en entra aqui + atravessar pra ir no

T [unh]

banheiro + não na na cozinha aí eu perdi o:: equilíbrio e bati na na cadeira naquele/nos pau que

T [ahn]

tava na cadeira + não doeu muito não mas essa noite doeu essa noite:: doeu vamos:: vamos

T [uhn::]

ver se piora aí eu vou lá no médico + é:: fratura de: costela não faz mais nada mais nada hoje

T [uhn uhn]

em dia antigamente enfaixava ta::

T é tinha que colocar /deixar /ficar na cama só numa posição né?

C é hoje não tem perigo não tem problema

T ahn ahn + hoje acho que eles nem será que eles enfa?/ acho que nem passa mais + faixa

C [nada]

nada né?

C (0.90) (não mas está me parecendo) que não é + fratura ++ se for a gente da um jeito depois

T [ahn ahn]

T é às vezes é mal jeito né seu Célio dependendo do jeito que o senhor bateu né?

C [é::]

C (0.59) é exatamente onde está minha mão + pega as costelas móveis + tem costela que é

T [uhn] [uhn]

móvel né? + (um ponto só né?)

T [uhn uhn]

T é + mas tem que tomar cuidado esse esse piso ele é liso né seu Célio?

C (2.24) u:: u:: eu uso sapato especial né? com bolinha

T [uhn]

T pra não escorregar né?

C (0.50) é descalço é perigoso

T é

C é

T é perigoso

C (2.98) quer dizer que (essa::) nossa entrevista vai pro States?

T essa entrevista?

C é

T vai

C (0.93) nós somo artista ein?

T precisa de/a gente precisava dum:::/ + dum cachê senhor num acha?

C [cachê né?]

C (0.63) dum cascalho

T vai ficar ouvindo a nossa voz lá né seu Célio? + a gente podia cobrar:: uns deixa eu ver uns

C [a é]

dez mil a hora + estava bom + estava bom né? + pra começar né?

C [a hora né?] [tava bom]

C (1.06) é

T ((risos))

T senhor já foi seu Célio pros Estados Unidos?

C num fui + a Vânia foi + essa que veio aí agora + fico dez dias lá: + em Nova York

T [uhn] [ahn?]
T é né + lá o pessoal vai bastante pra fazer compra num é seu Célio?
C [ehn]
C é: essa camisa é de lá
T bonita né mas o pessoal vai mais mesmo pra comp/ tem bastante loja brasileira lá loja
C [tem bastante
brasileira tem ela foi ao teatro duas vezes também na Broadway + ((incompreensível)) né?
T [ahn]
(ela foi teve) duas peças lá ela assistiu as duas + comprou alguma coisinha ++ também
T [uhn uhn]
comprar a porcaria que tem aqui é besteira né?
T é
C (1.68) uma camisa da Itália é diferente
T seu Célio o que tem hoje bastante onde a gente passa na rua tem é aquelas loja um e noventa e nove né?
C é
T senhor viu quanta loja daquela tem?
C (0.72) não
T tudo é: aqui em Marília tem::
C tudo um e noventa e nove o preço?
T é + aqui em Marília tem cinco lojas seu Célio
C de um e noventa e nove?
T é mas é só porcaria o pessoal que trás aquelas bugiganga do Paraguai né?
C é
T e pro Paraguai senhor já foi?
C fui + fui até/
T [tinha bastante bugiganga lá seu Célio?
C no::ssa + eu fui a:: + a:: como é que chama? a:: + Assunção + fui em Assunção + fui a::
a:: + como era que é o nome da cidade? cidade que a gente vai primeiro ((incompreensível))
é:: +++ é a Argentina + San (Ruan Ran) + não me lembro mais
T San Ruan?
C (1.12) (San Ruan) num é + mas pra lá só tem só tem mato em volta i:: i:: + loja + tem loja
T [nossa]
pra burro viu
T é né + também é muita bugiganga muita porcaria né seu Célio?
C [eh] [porcaria é + muita porcaria
T e essas loja um e noventa e nove é tudo porcaria tudo coisa do Paraguai: + tudo ++ hoje
C [ahn]
em dia cada um se vira como pode né seu Célio? que nem a gente vê
C [é]
T essas barraquinha de camelô de:: vai na rua todo mundo que der pra vender vende né?
C vende
T (mas::)
C (1.02) mas não deixa de ser uma concorrência desleal né? + o cara paga imposto + paga

- T [é]
uma porção de coisa e a loja dele fica + a frente dum camelô + num pode né? é concorrência
- T [é]
desleal né?
- T é verdade em São Paulo que acontece muito isso né?
- C (0.86) a é?
- T tem bastante camelô assim + já deu muita briga tudo né seu Célio? + em São seu Célio em São Paulo senhor já chegou a morar ou não?
- C não + eu:: freqüentava a escola + fiquei cinco anos
- T [a escola lá dá academia?do Barro Branco?
- C [é]
- C Barro Branco + fiz cin + fiz cinco anos + eu era interno + eu era externo na quarta no sábado e no domingo ++ eu era semi interno né? + pra fazer uma faculdade/prá fazer uma:
- T [uhn]
uma escola como essa + só (com um) expediente não dá + tem que te uma convivência
- T [ahn] [é]
- T seu Célio na-na academia do Barro Branco vai tendo assim etapas que nem o senhor entra:./
- C (0.79) a: (ruído gutural) + primeiro tem primeiro e segundo ano do curso preparatório
- T [é::]
- T curso preparatório mas pra que pra que: que função assim qui/?
- C (0.73) ah (ruído gutural) não tem especialização
- T num tem?
- C (0.93) depois do terceiro ano ao quinto é outro curso + é primeiro e segundo + terceiro parece que agora tem o quarto + é seis anos + mas (num) tem faz cavalaria bombeiro educação física + mas não sai especialista em nada né? + primeiro ano aprende direito + (a
- T [uhn]
escola a escola é ajeitadinha) né?
- T é né? quanto tempo senhor estudo seu Célio pra:: chega até comandante?
- C [eu fiz cinco]
- C (0.85) a eu fiz cinco + í:: (quando) eu era capitão + eu devia ser promovido a major mas (pra poder ser)/pra fazer pra ser major eu tinha que:: fazer o curso + um curso assim tipo é:: + como é que chama o curso? +++ (fazer) mestrado + equivale ao mestrado na PM né? depois
- T [ahn]
tem o doutorado que é:: + é::: curso de:: superior e:: po polícia esse equivale assim ao + ao
- T [uhn uhn]
+++ ao doutorado + não faz dois curso faz de mestrado do curso propriamente dito + mestrado e + doutorado + eu não fiz doutorado eu não fiz só fiz (incompreensível)
- T [senhor fez o mestrado?
- C é equivale né?
- T uhn uhn
- C (0.92) pra explicar pras pessoas que: tão de fora a melhor forma é essa
- T ahn ahn
- C (2.20) e você vai fazer o que depois de:: tem idéia?
- T eu não sei eu penso em fazer pós graduação né mestrado tudo mais + mas mais pra frente não já que me formar não + fazer uma especialização primeiro + trabalhar pra escolher a área
- C [é] [é]
- C direitinho né seu Célio? + porque tem várias áreas né que a gente trabalha e eu preciso
- C [(incompreensível)]
escolher uma + trabalhar mais com aquilo né porque hoje em dia não dá pra gente saber tudo né seu Célio?

C (0.61) não não dá
 T é muita coisa né?
 C (0.71) muita coisa na cabeça da gente né?
 T a muita coisa
 C (0.60) não pode isso + exagerar não pode né?
 T não pode ++ se não fica complicado mas depois de é capitão major depois de major que é comandante seu Célio?
 C tenente coronel (aí tem comam/)
 T [ah tenente coronel
 C depois coronel + eu saí tenente coronel mas no posto de coronel + quando saí tinha um
 T [ahn]
 posto a mais ++ achei besteira fazer curso de polícia + porque eu não ia me sujeita sair de
 T [uhn uhn] [ahn]
 casa não o curso é seis meses + é duro né? (mas) dá uma saudade (da academia)
 T [ahn]
 T essa academia Barro Branco é muito conhecida né seu Célio?
 C é + conhecida sim
 T tem uma fama muito boa
 C mas agora parece que são seis anos
 T nossa seis anos é o tempo que leva pra:: + medicina + né? seis anos é tempo ein senhor
 C [ah:] ((ruído de C acendendo o isqueiro))
 sente falta seu Célio?
 C (1.24) não
 T não né
 C (0.50) vida muito dura
 T era muito cansativo eu acho né?
 C (1.07) é + tinha dia que eu não dormia de cansado
 T no::ssa e o senhor que tinha que se responsabilizar por todos os + os soldados ou não
 C no curso?
 T é
 C não no curso não
 T mas assim quando quando o senhor que comandava era o senhor que tinha que
 C é::: eu que tinha um s:: tinha status + chama estado maior + (você assenora/assessora) o:: +
 T [uhn]
 o comandante o comandante então: (intera) a situação vamos supor tem uma festa de peão de boiadeiro + e o comandante passa um uma ordem de serviço por escrito (permito)
 T [uhn uhn]
 providenciar policiamento + tal tal assim assim assim + aí ele reúne o estado maior o
 T [uhn]
 chefe de estado maior + o chefe de estado maior + reúne o pessoal e (decide) e faz um relatório + e:: mais de uma + são duas ou três (quer dizer) varia + daí ele fala a linha que eu
 T [uhn uhn]
 quero é essa + a linha de comando ele acha que é essa a linha + (vocês) podem executar:: teoricamente a: + aprovado perfeito então pode largar o pau + eles fazem o estado maior organizar o policiamento pra ser o: que tinha que fazer + é que nem o negócio de uma cabeça
 T [uhn uhn]
 só + são várias cabeças que:: tomam a decisão né?
 T é e também é muita responsabilidade pra deixar pra uma uma cabeça só né seu Célio?
 C é mas o gozado é o seguinte a pessoa fala + eu quero policiamento nas escola + a escola
 T [uhn]

funciona vinte e quatro horas por dia né? então num é um que ele que ele quer quatro + certo?
+ e tem outros problemas tem viatura + tem armamento tem:: + alimentação que tem que ser

T [é]

arrumada + ir no local dar um comando

T é falam mas num pensam em em tudo que está envolvido né seu Célio?

C é:: envolve muita coisa exatamente

T muita coisa

C (2.98) mas + é gostoso + é bom e fazer o que é bom é:

T [tinha tem alguém na família do senhor
que também é

C meu pai chegou a tenente na revolução + revolução de trinta e dois ++ ele chegou a: + a

T [no::ssa]

tenente (comissionado) + ele num era ele num era de carreira + ele num era oficial de carreira

T [uhn uhn]

era oficial revolucionário +++ ((incompreensível))

T [uhn uhn]

T o pai do senhor faleceu faz tempo seu Célio?

C não foi em:: + sessenta e quatro

T sessenta e quatro?

C é:: + (sessenta e quatro)

T [ele que é:: é marido da da sua mãe aquela que está em Sorocaba seu Célio?

C é +++ é:: (mamãe) mora lá + noventa e cinco anos + tem oitenta e cinco anos + ela vive

T [é né?]

bem sozinha né? não tem problema

T [(vivia né?)] [uhn uhn]

T é isso aí + senhor não assiste ó propaganda eleitoral seu Célio?

C não: de vez em quando eu assisto

T é né + passa três vezes seu Célio + por dia?

C [acho que duas né?

T duas né? sei que passa uma agora na hora do almoço né?

C (0.51) a mais tenha dó né enche o saco po

T po nem me fala

C a tenha dó isso aí tira voto do cara ((incompreensível))

T é né +++ é fogo viu

C (3.93) que que o Lourenço está fazendo?

T não sei deve (estar) sentado + esperando

C ele é professor seu?

T é meu professor + tive aula com ele no primeiro

C (0.70) ele parece ser bom né?

T é bom muito bom no primeiro e no segundo ano eu tive aula com ele + muito competente

C [e a matéria/a matéria que ele dá qual é lingüística?

T lingüística lingüística fonética + ele é muito competente né seu Célio

C [viu minha:: + minha (esforçado)

cunhada que ele falou também é + professora de lingüística + só que ela fez mestrado lá na França + ela está vendo se faz o:: + doutorado dela?

T [é né] [seu Célio do que que morreu o marido

C (1.56) câncer na:: + próstata

T no:: ssa mas ele era novo não era seu Célio?

C sessenta e cinco anos (por aí)

T novo né?

C (3.12) u:: uma figura cheia de:: mania sabe + ele tinha muita mania negócio de dinheiro +

T [ahn]

um tostão pra ele era um milhão + ele vai todo dia ao banco/ele ia todo dia ao banco

T [uhn]

T todo dia?

C todo dia ia ao banco

T o loco

C conferir o dinheiro ++ aquele/aquele (incompreensível) nunca + ele tirava ele tirava + dois

T [(então)] [((risos))]

reais pra viajar de carro + andava com dois reais no bolso

T não acredito que (ficava) com dois reais sério seu Célio?

C dois reais aí se ele precisasse de dinheiro ele ia no banco + (por exemplo) ele precisava de dezessete + reais ele tirava dezessete reais ++ ele era muito +++ sistemático

T [no::ssa] [como pode né seu Célio?

C (0.58) ah não

T a gente tem que controlar o que a gente gasta

C [e pra comprar e pra comprar as outras coisas + uma vez eu passei uma temporada com ele em:: Lindóia + ele:: ficou namorando um sapato + oito dias + ia de

T [ahn] [no::ssa]

manhã e a tarde conversar com o cara a dá pra fazer no cartão + não num dá a dá um jeito (um dia) (ele falo assim pra mim) vamos lá conhecer o meu sapato que eu estou querendo + eu fui

T [uhn]

lá falei pra ele num me meter nunca mais nessas gelada + morri de vergonha

T ((risos)) e o senhor falo pra ele nunca mais levar?

C é

T mas comprou ou num comprou?

C comprou nada

T ischi + o cara é enrolado

C é

T ele é enrolado + ele ele estudava lá na Unicamp também seu Célio?

C ele era professor né?

T ah professor

C (0.59) na Unicamp não + ele era professor na Unesp

T ah na Unesp?

C é

T uhn +++ seu Célio senhor sempre morou aqui em Marília?

C não eu morei em + eu nasci em Jundiaí + depois com onze anos mudei pra Sorocaba + fui oficial lá no batalhão + depois fui para em Itapetininga + fui pra Botucatu + Assis e aqui

T [uhn]

T uhn::: + Campinas o senhor também nunca morou?

C não

T ela ela é irmã da Dona Gessei né seu Célio?

C ela é irmã

T uhn + faz pouco tempo né que morreu o marido dela?

C faz + coitada né? ela está agüentando

T [senhor quer que eu ajudo seu Célio?

C não obrigado + pode deixar

T é fazer o que cada um tem sua + sua cruz pra carregar né seu Célio?

C [(incompreensível)]

C é

T fazer o que né?

C (2.88) ela está se recuperando bem +++ ela tem três filhas

T mas é que idade?

C (1.02) vinte e um +++ dezoito e quinze

T ahn::

C (1.01) a Vânia minha filha + foi com a mais velha deles pra pra pra ((incompreensível)) +

T [ahn]

ela é funcionária de um hotel em Campinas hotel quatro estrelas + e soube desse pacote convidou a Vânia a Vânia topou +++ arrumei uns cascalhos pra ela

T ((risos)) + daí deu certo pra elas viajarem junto então?

C é e ela é boa porque ela fala inglês fluentemente

T uhn? mas daí ela o pai dela tinha morrido já ou morreu depois

C tinha morrido já

T tinha? é duro né?

C é +++ (eu pensei) que você não ia ter aula hoje

T não eu tenho seu Célio + eu tenho sempre tenho + todo dia + a noite

C [criança?

C (0.50) criança?

T é tem criança tem adolescente tem: + adulto tem toda idade

C (1.76) e o: tratamento pras crianças é mesma coisa? + mesmo que adulto?

T é mais ou menos algumas coisas a gente faz igual algumas coisas diferente é que criança seu Célio tem que ter coisa assim mais lúdica né? mais brinquedo mais jogo pra motivar mais a criança né? adulto a gente já entra direto na: terapia mesmo faz + tudo que tem que fazer

C [ahn]

agora criança tem que: + é conquistar um pouco a criança né? pra depois + pra depois poder

C [é]

começar trabalhar + esse menino essa foto que está aqui seu Célio é tudo neto do senhor?

C (0.50) são os três netos

T três ne/os três?

C (0.93) é

T são bonitos né seu Célio?

C saiu ao tio avô

T ((risos)) os avós são tudo convencido mesmo né?

C é são tudo coruja

T ahn tudo coruja

C quem sai aos seus não degenera

T ahn:: + tem bastante foto aqui na casa do senhor né?

C tem no meu escritório tem também bastante

T é né + mas é sossegado aqui né seu Célio?

C é quieto não tem muito barulho não +++ morar em lugar barulhento é fogo viu

T [é quieto é gostoso]

T é né + senhor assistiu ratinho ontem?

C (0.67) assisti

T assistiu?

C assisti

T que que passo lá de interessante?

C não lembro direitinho

T agora ele está colocando uns shows junto com o programa num está seu Célio?

C está + esculhambando o programa

T uhn::: + apesar que pararam de falar um pouco dele né seu Célio?

C é (incompreensível)

T o pessoal esqueceu né?

C (0.63) é

T uma coisa também que pararam de falar mas que já estava enchendo o saco era da filha da Xuxa né seu Célio?

C ahn:: eu não gosto da Xuxa

T senhor não gosta?

C não gosto da Xuxa

T ah eu também não gosto não + ela estava usando a própria filha né pra fazer

C (0.70) promoção

T promoção + e o nome então Sacha

C Sacha

T nome feio né?

C feio

T eu vi no jornal eu estava lendo o jornal outro dia estava vendo + tem uma cidade seu Célio interior de Minas + é: no mesmo dia que a menina nasceu já (tinha) cinco nomes na cidade de criança com esse nome

C (0.63) é?

T é + me parece que esse nome significa + cachorro

C (0.59) o louco

T cachorro cadela não sei

C (0.56) o louco é?

T é uma língua eu não sei que língua que é + mas aí foram pesquisar de qual a origem tudo e o que que significa porque cada nome tem um significado né?

C tem

T e esse nome Sacha o significado é cachorro ((risos))

C (1.98) é fogo não

T aí credo que nome feio né? + mas ela usou mesmo pra fazer promoção né? não

C [ahn]

teve nem:: foi na cara dura né seu Célio?

C na cara dura

T foi na cara dura nossa + é fogo viu + complicado

C e o:: + e o:: professor como é que está? (se quiser ver) se tem uma revista pra ele ler qualquer coisa

T ele deve está (lendo) + a gente já está:: mais um pouco a gente já termina seu Célio + mais uns cinco dez minutos + que a gente tem que ir embora também

C [pra mim não tem problema +

{(incompreensível)}

T {senhor dormiu ontem hora que nós fomos embora seu Célio?

C dormi

T dormiu né? + é bom descansar depois do almoço né seu Célio?

C eu gosto

T de domingo né que eu não tenho nada assim pra fazer a: almoço e já vou descansar dormir um sono + faz bem né? +++ amanhã senhor vai lá né seu Célio?

C (0.90) amanhã vou

T na clínica

C (0.72) as duas né?

T é amanhã senhor encontra com + seu Jura ((risos))

C é + Jurandir é uma figura viu

T vocês estão dando muito trabalho pra Daniela? conversando?
 C conversando pouco ela não é de dar muita folga não
 T ((risos)) é bom assim vocês/
 C ela é baixinha né?
 T ((risos)) senhor invocou com o tamanho dela ein?
 C ela é baixinha né?
 T ela é pequena + é pequeninha + baixinha + a filha dela nossa é desse tamanho seu Célio
 C é?
 T é
 C (1.21) e o pai é alto?
 T o pai é alto
 C (0.86) é
 T é a cara/a filha dela é a cara dela +++ igualzinha ela +++ mas isso aí +++ é bom que ela não conversa muito que daí dá tempo de vocês fazerem bastante exercício
 C (1.64) ela deixa conversar um pouco
 T é né +++ e a Eliana já foi falar com o senhor seu Célio?
 C (0.96) sobre o que?
 T conversar foi lá visitar o senhor já?
 C (0.76) ela foi mas num (falo) num deu tempo
 T é ?
 C (5.29) (incompreensível) é boa?
 T {num sei
 C {acho que não
 T acho que não +++ dona Gessei é bastante ocupada né seu Célio?
 C ela assumi muitas muitas atividades
 T é né?
 C mas ela tem que fazer alguma coisa se não ela fica + chateada tem que estar sempre em atividade
 T ah mais é bom né seu Célio?
 C é bom
 T quanto mais a gente tem coisa pra fazer né + melhor
 C [é]
 T e ela gosta né seu Célio?
 C gosta né (o que é de gosto né?)
 T [é então] [uhn uhn]
 T e a sobrinha do senhor já foi embora seu Célio?
 C (1.01) sobrinha que ia pros Estados Unidos?
 T é que estava aqui
 C (0.60) não tem uma que está fazendo fisioterapia +++ ela está morando em casa aqui até o fim do ano
 T ah ela vai ficar morando aqui com senhor?
 C ela já moro né esteve até agora começo + começo quando começou o curso
 T que ano que ela está seu Célio?
 C está no quarto sai agora
 T ah vai sair já então + daí ela vai ficar aqui em Marília ou vai embora?
 C não sei eu tenho impressão que não em Marília ela não vai ficar não
 T Marília já tem muito campo muita muita gente né seu Célio?
 C é tem
 T tem muita faculdade tudo né? + ela é de onde seu Célio?
 C Assis

T ahn Assis é aqui pertinho né?

C é

T eu nunca fui pra Assis num é Assis a cidade é bem menor do que Marília num é seu Célio?

C (0.77) é bem menor

T bem menor?

C bem menor

T é né + eu fui pra Tupã já uma vez + mas:: + pra:: pra Assis eu nunca fui + é uma cidade muito bonita não né seu Célio?

C não (é uma cidade vagabunda)

T é?

C (0.60) num tem nem prédio lá tem um ou dois prédio

T ahn + então é pequena mesmo a cidade né?

C é pequena

T quanto tempo dá daqui até lá seu Célio?

C cinqüenta minutos

T cinqüenta? mais ou menos uns:: cem quilômetros

C setenta

T setenta quilômetros?

C é

T no::ssa + é perto né?

C (1.27) é perto

T senhor tem parente lá seu Célio?

C tem os parentes dá minha mulher né?

T uhn

C (0.68) tem:: + Gersi o (Jérsio Papu) + Pavãozinho e o (Bigode) cinco

T no::ssa tudo irmão dela seu Célio?

C (é tudo eles) são em oito

T no::ssa + bastante né +++ mas ainda bem que é perto porque dá pra ela ir pra lá né?

C {é

T {e Londrina seu Célio?

C que que tem?

T senhor tem alguém algum parente em Londrina?

C tem o:: meu genro né + casado com a minha filha mais nova

T uhn + seu Célio não é seu Jurandir que tem um filho + uma filha que mora em Londrina?

C (0.50) não sei

T até que uma vez o senhor falou que::

C encontrei com ela (lá)?

T é + que o senhor encontrou com ela

C é a Carmem

T ela mora lá?

C acho que mora

T ahn + seu Jurandir uma vez que falou que tava com muita saudade dela que ela não aparecia + acho que é dela + é ela que é gorda não é seu Célio?

C o marido também é gordo + e dos bons

T é::

C (0.84) tipo cento e quarenta cento e cinqüenta quilos + ele né ela (era) menos um pouco

T [no::ssa]

T nossa ser muito magra é ruim mas ser muito gorda

C [mas ali todo mundo é gordo por que por causa da comida + porque a menina filha deles também é gordu/gorducha

T alimentação errada né seu Célio? +++ hoje em dia o povo come muita porcaria né? (em

C [é]

outro tempo) não tinha tanta porcaria assim

C não tinha não

T hoje em dia + ah eu só o que eu como de porcaria

C (0.93) se não é boa de engorda não

T é ainda bem que: na minha casa todo mundo é magro né senão + senão eu já tinha que entrar na hidroginástica fazer umas caminha:da né seu Célio? é a dona Gessei caminha lá no

C [ahn]

Tangará?

C caminha aqui

T aqui na + aqui por perto?

C ela (incompreensível) (vai lá)

T é né?

C (0.80) (incompreensível) dá uma boa caminhada

T o senhor também podia fazer umas caminhada seu Célio?

C o Parkinson num num num dá opção pra gente

T mas a fisioterapeuta não recomenda + que é bom

C [recomenda mas eu não tenho vontade + fazer uma coisa contra a vontade

T a mas um pouquinho só por dia + num dá?

C num dá + sinceramente não vejo graça nenhuma em fazer::

T é

C (0.70) eu fiz o:: eu + cursei a a a academia (aí) um tempo + (poli) esporte era pertinho de casa + aí depois quando apareceu o Parkinson + não não + tentei algumas vezes ir mas num::

T [ahn]

a::você fica você num toma gosto pela coisa num faz bem feito

T [é né]

T é se o senhor não tem vontade né seu Célio? + fazer o que né? +++ seu Célio quantos

C [uhn]

remédios o senhor toma?

C (1.09) nove

T nove? e é tudo pro Parkinson + não porque tem pro diabetes né?

C diabetes

T é pro Parkinson e pro dia/

C [Parkinson e diabetes + e circulação do sangue

T ahn +++ acaba acostumando né seu Célio?

C acaba

T acaba acostumando +++ é:::

C a caminhada é muito bom mas precisa ter disposição né?

T é +++ de vez em quando quando eu caminho assim minha mão fica toda inchada (nem) + não posso ficar andando muito que a mão incha acho que é na circulação não sei porque +

C [é?] [é::]

às vezes uma posição só né na mão + de vez em quando eu ando bastante a mão fica inchada

C [é]

C (0.76) (o meu) esse pé aqui incha ++ pé esquerdo

T [uhn:::]

T seu Célio aquela ferida que o senhor tinha sarou né? no no pé né? fechou né?

C [secou né?

C secou

T o problema do diabete é esse né seu Célio?
 C é não tem (cicatrização) boa
 T é mas aquela ferida que o senhor estava secou né? seu Jurandir que estava ruim com a perna
 C é né
 T ainda está usando aquelas meias Kendal + grossa + porque a perna dele ficou muito inchada
 ele falou que não conseguia nem andar
 C a é ?
 T uhn uhn + mas o Parkinson é assim né seu Célio um dia está melhor outro dia está pior?
 C um dia está ruim um dia está bom pra dormir outro dia não está
 T senhor está dormindo bem a noite?
 C estou + hoje eu levantei dez e pouco
 T uhn
 C amanhã é quinta né?
 T amanhã é quinta
 C as duas horas eu tenho +++ fono
 T é +++ das duas as três né seu Célio?
 C das duas as três
 T antes o senhor ia na segunda feira e na terça daí agora mudou segunda e quinta né?
 C é
 T pro senhor ficou melhor ou pior?
 C ah é indiferente
 T indiferente +++ é porque teve que mudar o horário de uma professora daí:: + trocou
 C ahn
 T trocou +++ seu Célio senhor lembra aquele senhor que ia lá na clínica + que
 teve câncer de de língua? + seu Salvador? senhor estava sempre conversando com ele lá na
 sala de espera + senhor lembra dele?
 C [ahn]
 C lembro
 T que ele estava fazendo terapia com a Raquel? + lembra que ele cortou um pedaço da
 C [ahn]
 língua? + por que tinha tido câncer
 C [ahn]
 C um cara bem apessoado né?
 T é::
 C bem vestido num é?
 T bem vestido tinha o cabelo bem cortadinho sempre estava de camisa + ele sempre chegava
 cedo lá+ senhor lembra seu Salvador o nome dele?
 C morreu?
 T não voltou o câncer seu Célio
 C ahn:: Jesus +++ voltou o câncer?
 T voltou ontem ele foi lá de novo + pra:: + pra Eliana dar uma olhada né? mas num sei como
 que vai fazer + porque tinha né? daí cortou um pedaço da:: + da língua daí ele foi lá a Raquel
 ensinou de novo né onde coloca a língua como falar com aquele pedaço de língua que sobrou
 C [a língua]
 né só que agora voltou de novo seu Célio
 C puxa vida + (a gente não quer falar mas o fim num é bom não)
 T essa doença é fogo né seu Célio?
 C é fogo viu
 T ele ligou lá pra gente pra avisar que: ele tinha recebido alta seu Célio
 C é né

T porque ele foi lá ele ficou:: + quatro meses mas já foi o suficiente pra ele aprender de novo né comer a fala aquele pedaço de língua que sobrou já dava pra fazer tudo isso né? então deram alta pra ele + só que: ele pegou ligou de novo falando que + voltou a doença

C (que coisa horrível não?)

T o problema é se agora ter que tirar tudo o resto fica sem a língua né daí + é muito complicado seu Célio?

C (+) (aí não resiste não é fácil né vai pro esôfago né?)

T é

C quando (+) esôfago + sai o som

T uhn uhn + é fazer o que cada um tem sua cruz né? seus problema às vezes a gente reclama de tão pouco né seu Célio?

C pois é

T e tem tanta coisa por aí +++ e ele era muito muito boa pessoa

C educado né?

T no:ssa muito educado + e a gente vê cada coisa né seu Célio que

C é

T deixa a gente +++ essa filha do senhor que estava aqui que é a Vânia seu Célio?

C é a Vânia dentista

T uhn +++ ela que é a mais nova?

C mais velha

T mais velha

C a Cláudia tem três filhos

T a outra chama Cláudia?

C chama

T uhn

C tem três filhos

T ela é mais nova o mais velha

C mais nova que a Vânia

T mais nova né? + senhor tem a Vânia e a Cláudia seu Célio?

C só

T só né +++ então está bom +++ deixa eu ver com Lourenço aqui + se já está bom + só um minutinho

Sujeito J –Primeira Gravação

Legenda:

J. é o sujeito com lesão neurológica que integra nossa análise;

T. é o interlocutor que está direcionando a entrevista com J.;

L. é o ajudante de T. para a realização da gravação da conversa espontânea;

Transcrição

T trinta e um de agosto de noventa e oito Jurandir Pavarini +++ agora que vai começar seu Jurandir

J eu vou tomar água

L pode falar seu Jurandir fica a vontade

J [((trecho incompreensível))]

T pode falar

L com licença

J [(incompreensível)]

T como o senhor passou o fim de semana?

J [(incompreensível)]

J eu posso tomar um pouquinho de água?

T o senhor que água?

J (1.64) hoje eu não trouxe a minha

T está aqui

J (1.60) está seca a boca que é uma (coisa)

T está seca a boca?

J no::ssa + é remédio

L que hora o senhor tomou o remédio hoje seu Jurandir?

J (2.96) ((o p. esta engolindo água)) acho que era:: + oito e meia

L oito e meia?

J oito e meia

L é

T como foi o fim de semana onde o senhor for/hoje +++ foi na/no fim de semana?

J (1.65) foi muito bem

T é? o senhor ficou em casa?

J [(tudo)]

J (1.05) fiquei + mesmo porque eu não saio se a Ermínia não estiver junto

T ah é? s::/

J (0.68) to muito suje/ sujeito a +++ tropeçar + o meu caminhar + que não é + perfeito como era né?

T ah mais

J e nem volta a se ((risos))

T mas devagar o senhor vai andando o senhor não foi na casa dos filho + ou os filhos não moram aqui?

J (2.05) n:: não + os casados não mora nem + nenhum aqui

T nenhum mora aqui?

J (0.50) nenhum + tem duas filhas + que esta aqui

T eles moram aonde?

J uma mora no Paraná + ela veio aí ficou só uma noite ++ é muito longe + a:: o outro

T [ahn:::]

mora em Santos + e o outro em São Paulo

T nossa tudo longe né seu Jurandir?

J [tudo longe ++ eu não tenho assim prazer de ir +++ por causa da minha situação né? +++ chega lá eles não podem estar dando uma atenção que eles querem dar porque + todos lá trabalham

T é

J (1.27) então fico em casa + é a melhor opção ((risos))

T a mais e a igreja o senhor não vai?

J na igreja?

T é canta uns salmos lá

J ((risos)) não eu não tenho ido + ultimamente

T não?

J (0.87) não porque: +++ começou esse problema de:: +++ Parkinson + Síndrome de Parkinson diz que é o nome correto +++ e:: desde de então eu não +++ não gosto de sa/sai na rua

T ahn +++ desde então senhor não sai?

J (0.56) na Coronel Galdino u-uma vez +++ era nove horas da manhã fui +++ sempre tinha um amigo lá +++ que falava pra mim ir até lá e eu fui +++ e por pouco não caio um tombo feio viu?+ tropecei +++ não cheguei a cair + a:: então peguei não sa/não tenho saído mais

T [nossa]

T ah mais ainda bem que o senhor não caiu né?

J (0.90) ainda bem mesmo + eu estava/eu trabalhava num +++ fazia um serviço extra +++ na melhoramentos + e uma manhã eu vo/quando ia cá um tombo + coisa feia viu + uma calça novinha ficou toda poída aqui no joelho

T [ahn]

T a é? + no::ssa

J [((risos))]

J (2.93) ((vozeamento gutural)) a:: a:: calçada perigosa viu?

T ali perto da melhoramentos?

J é

T no::ssa seu Jurandir

J então como em casa sempre a gente tem serviço a fazer +++ a fazer +++ me dedico a isso +++ pra matar o tempo +++ mas agora acabou +++ o serviço

T o senhor não está fazendo mais nada né?

J não estou porque::: +++++ principalmente esse ne/ +++ a: fisioterapia +++ eles apertam a gente viu?

T ah é?

J eles não querem que: +++ agora fa/ +++ acharam bom eu inclusive não fazer mais serviço/exercício +++ em casa

T [a (pra) não fazer nenhum exercício?

J é (que eles) +++ (acho que o) serviço lá em casa +++ é:: atrapalhava ++ <é seu

T [ah olha]

Jurandir não é questão de e-e-exigência mas +++ muitas vez(es) você faz o-o exercício lá choca com outro +++ o exercício> +++ quarta-feira eu m/avisei que não ia mais né na quarta-feira +++ e o:: +++ coordenador +++ foi na sala que eu estava e falou Jurandir +++ não concordo em hipótese alguma que você saia + (vai lá) cancela agora +++ você preci/ não pode

+ deixar de vim aqui

T é + não pode né +++ é que o senhor não estava conseguindo andar naquele corredor né?

J (0.97) é lá e aqui ((risos))

T [ahn?

J ((risos)) lá e aqui eu não acerto

T ahn mas aqui eu estou pondo nas salas bem per:/próximas aqui da porta

J (0.61) não mas +++ é que tá difícil mesmo pra mim andar +++ lá e aqui

T é:?

J (1.02) e eu não sei o porque às vezes em casa eu-eu +++ ando bem +++ chego+++ lá ou aqui +++ não ando

T é que em casa o senhor já sabe onde tem que andar:: né?

J é

T tem mais segurança não é?

J ah sim +++ mas no fim tudo dá certo

T a:: tudo da certo + vamos fazer uns exercícios de voz?

J ahnram

T fazer o z contínuo fazer assim ó z:: sem usar o ar de reserva tá seu Jurandir?

J ahnram + é a abelha?

T é a abelha

((paciente realiza o exercício))

T isso de novo

J (0.98) outra vez?

T outra vez

J (0.86) hoje eu vim com uma cinta

T a não vem com a desculpa da cinta não ((risos))

J agora (ta) lembrei na hora que estava pondo a cinta lembrei + em você

T senhor sempre dá a desculpa da cinta né seu Jurandir?

J (1.63) eu engordei muito + e todas as cintas ficaram pe-pequena ((risos))

T a mas aí é melhor engordar do que emagrecer

J (0.58) a não tenha dúvida

T vamos de novo

J [(J boceja)) tá

T vamos?

J ((exercício))

J continua?

J ((exercício))

T mais uma vez só

J (0.72) mais uma? ((paciente parece bocejar)) respirei bem

T/J ((risos))

J ((exercício))

T aí está bom

J (0.72) (quantas) mais uma?

J ((exercício))

T aí esta bom + e na quarta/quarta –feira o senhor foi na fisioterapia ?

J [((sobreposição de turnos não dá para entender o que J começa a dizer))

J (1.85) ((J demora para responder quando T finaliza sua pergunta por isso ela pergunta novamente))

T {ou não?

J {fui fui

T ah o senhor foi

J fui + fui mas com a finalidade de ++ de dar ciência pra eles né?

T ah:: tá

J (0.62) mas eu não pensei que fosse haver + aquela reação

T é mas é importante fazer os exercícios de fisio +++ e de fono né? de fono senhor tava pensando em parar também seu Jurandir?

J (1.35) não

T ah bom + fica sem vim aqui canta um pouco né?

J ((risos)) (0.55) eu gosto de vim aqui

T ah que bom

J gosto mesmo viu + vocês são muito + atenciosas +++ é uma hora que a gente passa aqui que: não percebe

T que bom + seu Jurandir vamos fazer mais um exercício de voz daí a gente continua conversando

J uhn uhn

T agora vai fazer o z:: só que ataque vocal pode usa a mão como apoio tá? o faze z:: z:

J [uhn::]

J tá

((exercício))

T tá bom + tá com fôlego ein?

J (0.77) de gato

T é:: ((risos)) de gato

J [((risos))]

J (1.88) depois que a gente faz alguns +++ melhora né?

T é olha só como a voz do senhor já deu uma melhora

J (2.5) hoje cedinho eu já fiz + exercício

T a:: o senhor/ e as poesias?

J (2.08) a:: de-deixei em cima da minha escrivadinha

T é?

J mas li

T mas senhor leu?

J [li + ah li

T qual poesia senhor gosto mais?

J (2.24) aquela que é:: com a:: + bem antiga

T do passarinho?

J (0.72) é do passarinho

T [ou da estrelinha?

J (0.95) é isso mesmo +++ muito bonita aquela poesia

T eu gosto daquela poesia também

J (0.81) e é bom porque é:: é do (tem)/ é do tempo da gente né?

T eu trouxe uma da baleia

J (0.62) do que? da baleia?

T é + que é bem infantil também é de livro infantil mas é bonitinha também + é do estilo do passarinho

J (1.54) e::ssa da baleia parece que eu não conheço

T não:o? + do passarinho eu já tinha ouvido fala também

J (2.5) mesmo porque:: Daniela + eu tô + tô com a memória muito ruim viu?

T a mas tá melhor que a minha

J não ((risos) não esta (não) ((risos))

T minha memória também ó::ssa

J (0.76) hoje eu tosi muito

T o senhor tossiu?

J tossi

T na ho +++ /quando?

J hoje

T na hora do almoço?

J (0.94) desde manhã

T ué +++ de afogar com a saliva? que que foi?

J (1.47)

T ou com o alimento?

J [eu não s-sei +++ eu não sei o que ocasionou viu?

T ou o senhor acha que tá pegando um resfriado?

J (3.27) poderá ser viu?

T foi de engasgo ou só tosse mesmo (aquela tosse) de resfriado

J [não (num) + não foi engasgo não

T não?

J eu tenho observado bem viu?

T é? + senhor não tem engasgado?

J (1.40) como?

T senhor não tá tendo assim tosse durante a alimentação?

J (1.66) não + é interessante que:: +++ dá a tosse + e aí para + passa um bom período + e torna a dar

T ah:: tá

J (2.32) mas eu vou ++ eu vou consegui ba/ + combater a tosse

T ah é senhor tem + às vezes tomando uma vitamina

J (1.23) é o:: o Edivar + eu tive lá + acho que eu te falei né?

T ahn ahn

J e ele falou que:: falo ô Jura eu vou + arrumar vitamina pra você

T é bom toma vitamina

J [é + e:: tá:: de telefo/ele (precisa agora) telefonar lá em casa quando chegar + o remédio + lançamento + pelo menos o convite é muito bonito + o laboratório que vai vende esse remédio é + (assim) de São Paulo + e fez um convite bonito co-convidando +++ as pessoas ligada à saúde né + pra comparece lá

T ah tá

J (1.37) é eu falei pro: + Edivar + eu falei ah vamos lá você como meu médico e eu como paciente ((risos) + (e) ele disse +++ ele falou ó Jurandir +++ tem uma amostra

T [é ((risos))]

aí + mas não veio a bula né? ele falo eu não sei qual +++ é o efeito colateral + muitas

T [ahn]

vezes pra você não pode

T ah é tinha que ver

J é + ele falou olha eu +++ tão logo chega eu te telefono né? + você vem aqui + to:mara que dê certo viu?

T tomara que dê

J [encaminhando + q/ +++ é:: que eu possa caminhar melhor + já tá bom

T o que tá mais difícil pro senhor é caminhar né seu Jurandir?

J [ahn-ahn olha + só o que eu sinto

do Par/ ++ do Parkinson é isso + é o caminhar

T [é]

T {no::ssa

J {lá eles cada quarenta e cinco dias muda a turma né + e eles perguntam + o que eu mais

desejaria ++ no momento + falei olha em primeiro lugar o caminhar ++ ele falou e a outra ++ (eu) falei acerta na esportiva

T/J ((risos))

T ah essa eu também queria + vamos fazer mais um exercício seu + Jurandir + fazer minimi em escala tonal + fazer miniminimini ((a T. dá o modelo do exercício))

J ((J tenta com dificuldade iniciar o exercício))

T ó miniminimi ((a T. dá o modelo novamente))

J ((J realiza o exercício))

T vamos de novo ó mais faz bem grosso ó

J [vou fazer]

((T demonstra o exercício))

J esse meu grosso é a minha diferença viu ((risos))

T a mas senhor + consegue

J ((J continua o mesmo exercício))

T aí saiu bom

J (2.26) eu dizia + para a Bete + não fica bem pessoa de idade + ter voz fina ((risos))

T [ah ((risos))]

T ah: a Bete falou

J [quer que faça outra vez (hein)?

T oi?

J (0.71) a Bete falou?

T falou falou ah eles vão reclamar de fazer voz fininha viu?

J (0.65) como?

T eles/a Bete falou que o senhor ia reclamar de fazer voz fininha

J (0.56) é: ((risos)) é chato

T [é ((risos))]

T a que nada se é/se é bom pra voz

J é

T e a voz fininha o senhor faz em casa também?

J a voz fina?

T é

J faço

T faz?

J faço

T a então tá bom

J (2.04) eu não +++ eu ã/ã não descuido do + desse assunto porque + afinal o-o-o respon/o + beneficiado sou eu

T é

J não há porque fazer relaxadamente

T tem que fazer sim + tem que fazer sempre que o senhor lembrar + tá fazendo o exercício + hora que o senhor ta:: ta fazendo alguma coisa que dê pro senhor fazer o exercício junto

J [ah ((som gutural))]

J exatamente

T é?

J (0.57) de manhã eu + pego já a prancheta e faço + esses exercícios facial né + e faço +++ desd/principalmente nesse horário a voz parece que é melhor + tô descansado ++

T é

J (1.35) aí eu faço

T [o senhor acha que de manhã é melhor a sua voz?

J (0.83) eu acho

T é?

J (1.71) canto um pouco +++ esses dia eu tava caminhando + (mas)

T [aonde o senhor caminha?

J (1.33) no corredor da minha casa + dá: vinte e cinco + quase trinta metros + e eu

T [nossa é grande]

Coloquei + corrimão

T a que bom

J fiz corrimão porque + pra não correr: perigo né de + quando eu me sinto bem não pego no corrimão + e eu tava fazendo exercício também de bicicleta + acharam que: devia parar um pouco

T ah o senhor tava de/fazendo de bicicleta?

J (0.56) tava

T mas não era + eh + cansava a perna do senhor?

J (1.86) não não cansava

T não?

J (0.82) não cansava não

T foi os/o fisioterapeutas que pediram pro senhor parar?

J (1.35) foi

T que que eles falaram + [(era pior?)

J [experimental + (falaram pra mim) vamos cance: + cancelar todos os exercícios em casa + e: um período aí mais ou menos + de quinze vinte dias + (e) ver se + houve prejuízo nisso ++ a gente faz uma:: + avaliação + mas e-eu acho

T [ah ta]

que não+ não me/ não me incomodava não

T não? e o senhor acho que melhorou piorou depois que parou?

J (1.06) acho que não deu pra (acerta) né Daniela/né: + fazem + oito dias mais ou menos

T ah faz oito dias + pouquinho né?

J [porque eu fazia/]

J [é pouco + entã::o + no mesm/no-dia eu falei olha e::u faço + realmente + bastante + porque-re é uma meia hora (viu) + aí (eles falaram) não + abaixa pra vinte mi:/sete minutos + ficou então eu fiz (esse) não senti absolutamente nada + mas eu tenho que: cumprir a-a-a-a + a ordem deles né?

T é depois da avaliação né eles vêem (isso) se foi melhor ou pior parar

J [é]

T vamos fazer mais um exercício seu Jurandir + fazê assim ó z em escala tonal seria z::: ((T dá o modelo do exercício))

J (0.88) é o corpo de bombeiro?

T é ((risos)) + só que é com o z com o z de abelha ó z::: ((T demonstra o exercício)) + opa + deixa eu respirar também + ((T continua a demonstração do exercício))

J [((risos))

J (1.68) vou tentar

T toma água

J (9.31) ((J esta tomando água)) desculpe viu? ((risos))

T porque não pode toma água toma água é bom

J (1.55) vou ver se tento fazer logo na primeira

T então tá

J ((exercício))

T o tenta fazer o z primeiro ó ((T exemplifica novamente o exercício))

J (1.02) to achando que vai ser difícil

T a:: a semana passada o senhor conseguiu fazer

J pois é
 J ((exercício))
 T isso + faze mais um pouquinho
 J (0.97) é:: + mais?
 T mais um pouquinho
 J ((exercício))
 T tá bom
 J o fôlego tá curto
 T oi?
 J (0.74) o fôlego tá meio curto ((risos))
 T (af) respira um pouco daí o senhor vai de novo
 J (3.28) ((respirando)) eu trouxe a rolha
 T senhor trouxe?
 J (2.92) ((incompreensível)) + deixei em cima da mesa também + caramba + vou tentar fazer melhor
 T tá bom
 J ((exercício))
 T tá melhor já
 J (0.53) tá melhorando?
 T tá melhorando ó + vamos faze primeiro o grosso ó z:::: ((T exemplifica o exercício))
 J (3.32) ((J parece estar bocejando)) (é z) ((exercício)) não tá bom não
 T tá bom + depois a gente faz outros tipos de exercícios
 J {caramba
 T {vamos fazer um outro seu Jurandir? +++ fazer assim ó ((exemplo do exercício)) o joga tudo o ar assim + entre o nariz e a boca
 J [ahn]
 T ((exemplo do exercício))
 J ((exercício))
 J (1.73) errei né?
 T tenta mastigado agora ó ((exemplo do exercício))
 J a mastigado?
 T é
 J ((exercício))
 T aí melhorou né foi melhor do que o sem ser mastigado + vamos fazer de novo?
 J (2.89) u esse o a mesmo né? + as vogais
 J ((exercício))
 T aí + saiu melhor né com o m mastigado?
 J saiu + sinto que podia se um pouco mais alto né?
 T é que faze de novo? vamos fazer de novo
 J ((exercício))
 T ó + saiu bem melhor do que a primeira vez que o senhor fez
 J saiu melhor né?
 T saiu
 J (0.60) eu acho que to precisando tomar umas gemadas
 T/J ((risos))
 T é gemada faz bem pra saúde
 J só que na terceira ou quarta enjoa
 T a::ssa enjoa mesmo
 J i + ontem a minha filha f-fez exercício lá em casa
 T a é ?

J ela é essa do Paraná + ela tá fazendo Fono lá
 T ah ela tá fazendo lá?
 J tá
 T em que faculdade lá?
 J (2.32) ela +++ ele é:: + trabalha na Tevê Bandeirantes
 T a::h
 J (1.38) e tão os dois fazendo
 T olha só
 J (0.98) estão ficando bons viu?
 T é:? + e ela deu exercício pro senhor fazer?
 J (0.83) na hora do almoço apareceu o papel lá + que nós (ta) fazendo
 T é: + qual o tipo de exercício que ela deu pro senhor fazer?
 J (1.26) o minimini + o spa + aquele das: + dos nomes
 T [a/]
 T dos nomes? eu já fiz pro senhor?
 J [é]
 J é?
 T esse daí eu já fiz com o senhor? porque o spa e o minimini eu já fiz
 J [não num fez] [não fez]
 T {qual que é esse do nome?
 J {aquele que põe a rolha + aquele que põe a rolha na + aqui nos lábios
 T ah: tá
 J (2.07) aquele lá é bom pra fazer +++ e tem mais um + ((J faz o exercício)) + ah não + ((J demonstra outro exercício))
 T faze o a fi/prolongado?
 J é
 T hum:
 J (0.66) além desse tem mais um parece +++ tem mais +++ só que preciso tá com a relação na mão porque senão
 T ah mas são exercícios que a gente faz aqui né?
 J (0.89) ah sim
 T S:PA + Né + SEM SPA ++ SPA
 J [spa ((volume reduzido))] [é]
 J (0.86) eu tô bem + esses de movimentação de lábios né? + também eu faço todo dia + limpar + varredura
 T isso
 J (0.95) a:: língua tr::: ((J faz o exercício)) demoro pra fazer viu?
 T ah esse é difícil
 J no::ssa + mas é um dos melhores ein?
 T é o senhor consegue fazer?
 J [(que os lábios)]
 J (0.80) a: consigo
 T então faz pra mim ver
 J (2.74) o da língua?
 T é
 J (2.44) nu:m foi fácil no começo
 T eu não consigo vibrar a língua + pra falar a verdade
 J (1.62) ((tomando água)) não é? + ah é que vocês são muito modest(o)s
 T eu não consigo mesmo ((risos))
 J [(((risos))]

J ((J faz o exercício de vibrar a língua))
 J o começo sempre é bem mais difícil
 J ((J continua tentando fazer o exercício))
 J a se vê como desmoraliza a gente + falei que sabia e depois ((risos))
 J ((tenta o exercício novamente))
 J vou fazer dos lábios primeiro
 J ((exercício))
 J muito pouco
 J ((exercício))
 J tá saindo muito pouco
 J ((exercício))
 T a mas tá bom + eu eu do lábio eu consigo mas da língua não
 J (0.66) não?
 T não
 J (0.72) eu consigo bem ++ agora::
 T a mas tenta
 J ((risos)) ((exercício))
 T [aí seu Jurandir
 J ((J continua fazendo o exercício)) ((risos))
 J isso é a idade
 T imagina ((risos))
 J ((risos)) ((exercício))
 T aí esse saiu bem
 J (1.37) saiu mas eu queria que saísse um pouco melhor ((risos))
 T ah então vamos fazer de novo
 J ((exercício))
 J aí acho que eu vou ficar devendo
 T a mais saiu bem aquela hora
 J [[[incompreensível]]]
 J é já tinha melhorado ((incompreensível)) +++ tem outro que eu faço +++ aquele da:: +
 cardeais
 T a sei
 J (0.70) aquele primeiro que eu fiz + eu:: fui muito bem + a Lis falou ai eu não consigo fazer
 seu Jurandir senhor fez prime/ o primeiro + (falei a) não sei porque viu
 T a sua filha é casada?
 J (1.34) essa que mora no Paraná é casada
 T é ? e ela e o marido tão fazendo fono?
 J (0.56) os dois
 T no::ssa que interessante
 J e a outra faz aqui
 T ahn:::
 J (0.54) lá na ++ Unimar
 T a ela faz fono também?
 J faz
 T então senhor tem duas filhas que faz fono?
 J (1.37) duas filhas
 T olha duas filhas e um cunhado + e o senhor tá bem ein seu Jurandir?
 J [[[risos]]]
 J (1.64) até que não to muito mal não viu ((risos))
 T é:::

J ((risos)) é de filhos + to bem sim+ todos filho mui/
T [tem fono pra todo lado ein?
J todos filhos muito bons viu
T que beleza seu Jurandir
J (3.69) o caçula veio aqui:: + em quinze dias ele veio duas vezes
T é ele faz o que?
J (0.73) ele é:: delegado
T {a é delegado?
J {em São/ São Paulo
T nossa São Paulo deve ser difícil não?
J (1.35) ma me aborreceu tanto + porque São Paulo é um lugar muito difícil pra trabalhar né + eu trouxe ele pra cá e a noiva mando levar ele pra lá
T a:: + ele foi atrás da noiva?
J (0.95) foi
T e a noiva não gosta daqui de Marília?
J (1.64) ela gosta pra vim aqui ela gosta +++ mas pra morar eu acho que não porque ela tem um emprego muito bom
T ahn ela faz o que?
J (2.83) é:: + programação
T de computação computador?
J [de computação é
T uhn
J ganha só o dobro dele
T no::ssa
J (1.36) o apartamento o pai deu pra eles morarem +++ ele entrou muito novo entrou com vinte e três anos
T é?
J (1.40) me preocupo demais
T a:: mas agora tá bem né?
J (1.96) é agora esta
T é o que importa né + que esteja gostando se ele não gostasse ele ia volta né seu Jurandir
J (0.77) a sim
T vamos tentar falar com a espátula seu Jurandir? + ó é essa aqui que é a nova a baleia
J [ahn:::]
T {ó bem fininha + tá essa
J {é a altura da::
T é a altura da rolha
J (1.33) da rolha/a rolha é um pouco mais alta
T é?
J bom mas não tem importância você que tá
T senhor quer que eu que eu ponha mais uma? + que aquele dia tava com bastante
J [tá bom]
T acho que assim dá né?
J [tá bom]
T ó + quer por o senhor? + pode segurar com a com a mão se o senhor quiser
J [pode?
T pode
J (1.04) vou ler aí? + Daniela
T vai ler + senhor quer que eu erga?
J (2.00) pode por um pouquinho mais longe + tá ótimo

J ((exercício de leitura))

J (ta bom?)

T tá jóia + mas do passarinho é mais bonita né seu Jurandir?

J [é]

T {aquele o passarinho canto na roseira do jardim

J {é mais bonita

J você sabe de cor ela?

T a só a primeira parte eu também não tenho boa memória não + é mais bonita que essa né eu

J [[[risos]]] [é]

acho + mas essa aqui + depois se o senhor quiser eu trago a semana que vem + esqueci hoje de novo de fazer duas

J (0.75) ah eu vou a você tem co/ o original daquela que:: + você me arrumou?

T [qual?]

T {tenho

J {do passarinho

T senhor queria o autor?

J (2.02) não

T não?

J (1.62) aquela outra uma que eu ti era daqui também era o Drumond de Andrade né?

T qual?

J ((som de alguém batendo na porta)) (1.71) o nome + não to lembrado +++ ta terminando?

T tá tá terminando + vamos fazer mais um exercício daí o senhor lê de novo pra gente: +

T finaliza + tá bom?

J (0.67) então ta::

L olá?

T olá + dexe eu só fazer + fale esse aí

J {(pera aí) ((trecho incompreensível))}

L {tá bom

J (0.97) a:: leitura desse aqui Dani?

T é mas vamos fazer o z contínuo ó ((exemplo do exercício))

J ((exercício))

T bom tá bom

J ((risos))

T então vamos ler esse daqui

J (2.90) o doutor Edivar mandou eu + que vá lá no oculista

T é: tá difícil do senhor ler?

J (3.13) é:: + o Parkinson ele já/já a-atinge a v/ ++ vista + a visão

L [a visão?

L é?

J (1.32) é uma pena porque eu não queria mais + me/mê + mexer com óculos ((risos))

J ((exercício de leitura))

T isso

J (0.80) é pena que ela não ouve essa homenagem né?

L não ela não ouve e não entende

J/L ((risos))

T tá bom

J (2.85) foi muito bom

T então tá bom

L senhor gostou senhor Jurandir?

J gostei

L é? + se sentiu incomodado aí com o microfone ou não?

J [((trecho incompreensível))]

J (0.55) não

L não?

T até esqueceu né seu Jurandir ((risos))

L [é

J ah ignorei hoje o microfone aqui

J/L/T ((risos))

L então tá bom

J (0.61) agora espero vocês+ depois da manhã em casa

L tá certo + então a gente vai:: às dez e meia

J às dez e meia?

L isso + então a gente é:: a gente faz o seguinte + senhor arruma um lugar que é confortável pro senhor sentar e que a gente pode por o microfone perto

J {é tá bom

T {não tenha barulho de rua né?

L é assim que não tenha barulho de rua

J (1.41) a: mas lá em casa o barulho é:: + mas nossa + porque a Pedro de Toledo é muito

L [ahn]

movimento + com essa mudança de mão aí ainda + mas eu tenho uma sala lá que não faz

L [ahn] [uhn]

barulho não

L tá bom

J (1.05) i:: vão o quanto precisar

L a gente vai mesmo o senhor não sabe o que o senhor tá falando

L/J ((risos))

J estamos lá as ordens viu

L ah obrigado seu Jurandir

Sujeito C – Segunda Gravação

Legenda:

- C. é o sujeito com lesão neurológica que integra nossa análise;
- L. é o interlocutor que está direcionando a entrevista com C.;
- G. é a esposa de C. que participa da gravação da conversa espontânea;
- A. é o ajudante de L. para a realização da gravação da conversa espontânea;
- J. é a neta de C. que participa da gravação da conversa espontânea;
- V. é o neto de C. que participa da gravação da conversa espontânea;
- F. é a filha de C. que participa da gravação da conversa espontânea.

Transcrição

- C. eu fui::: pra reserva como coronel ++ eu sou coronel ++ da reserva
- L. da reserva?
- C. da reserva ((vozeamento gutural)) + depois eu resolvi ++ passar pra reserva com um + um posto a mais ++ eu saí coronel ++ o o: problema meu + problema grave é::: é Parkinson ++
- L. [ah:: tá]
- tive Parkinson há::: ++ dez anos + é muito difícil + tem que está com a cabeça boa + se não eu não agüenta não
- L. não?
- C. não ((vozeamento gutural)) se não estiver bem:: ++ bem:: orientado ++ o Parkinson é uma doença doença:: ++ implacável ++ não deixa ((disfluência)) não deixa a gente pensar + incrível
- L. não deixa?
- C. não deixa + a gente pensar ((só fica pensando na doença))
- L. o senhor lê bastante sobre Parkinson num lê?
- C. leio eu eu sou:: sócio do:: Brasil Parkinson ++ me mandam::: muito boa: ++ ah:: ah:: são boletins ++ muito bem explicativos dá pra gente ter uma idéia ++ saber que o Parkinson foi detectado + por um médico né?
- L. por um médico? (...)
- C. por um médico + ele ((disfluência)) testou a doença nele mesmo
- L. como ele chama?
- C. Parkinson
- L. a pessoa que descobriu? o próprio médico? (...)
- C. [o próprio médico +
- L. da onde ele é?
- C. (0.94) eh:: acho que é da Inglaterra se eu num me engano
- L. o senhor já o senhor já conseguiu ver nesses boletins quanto tempo faz que descobriram a + a doença?
- C. ah: foi em mil oitocentos e pouco +
- L. quantas revistas o senhor já leu?

C. (1.33) sobre o assunto?

L. é

C. (0.83) ah várias + (assunto a base de) parkisoniano ++ tem parkisoniano qui::: se aprofunda:: (na:: na) no assunto né

L. dizem que é a melhor maneira de:: + de lidar com a doença é estudar sobre ela

C. (0.85) ((vozeamento gutural)) conhecer:: a:: + eu sei eu tenho uma idéia muito bem:: + bem formada ++ porque:: ++ num é tão difícil num é complicado num é ++ difícil:: a informação é:: simples ++ é uma enzima + que faz falta no cérebro + e::: essa enzima:: dizem

L. [isso]

que:: trema né? + num sei eu estou tomando um remédio muito bom ++ num tenho tremido muito

L. o senhor toma algum medicamento?

C. tomo:: seis medicamento + (parkinso) (...)

L. [seis medicamento?

C. (0.67) misturado com a diabete ++ tenho diabete também pra acompanhar

L. nossa + mas faz o regime certinho?

C. faz ++ tem que fazer né? ++ há uns anos atrás (essa mão tremia que) num podia parar + de jeito nenhum ++ mas:: vamos tocando devagar (...)

L. depois do medicamento que parou + o tremor?

C. (1.57) é + (um determinado medicamento) + tem o médico que me acompanhar ++ de vez em quando vai lá ele faz a verificação do remédio ++ ele é muito bom (o tratamento do

L. [ah tá]

médico)

L. qual o nome do médico?

C. (0.77) Melgis

L. ah o doutor Melgis? ((ruído de cadeira arrastando)) ele é muito::+ ele foi meu professor

C. foi seu professor?

L. foi + enquanto professor ele era muito bom + agora médico + atuação clínica eu num:: num pude conhecer

C. é bom ++ é bom ((distorção)) trata com amizade + médico tem que ser amigo do:: ++ cliente +++ (...)

L. e hoje em dia é (...)

C. [paciente

L. hoje em dia é difícil

C. (0.72) difícil mas tem que ser assim ++ a gente pegou amizade ++ (domingo almoçando no Hardiuim) ++ ele estava do outro lado da rua falou <oh seu Nabuco como é que está aquela força que num sei o que> ++ (distorção) + bom dia ++ Fernanda +(a neta de C. chega na sala onde está sendo feita a gravação))

L. Fernanda ela é? ((voltando-se para a neta de C.))

C. você é Fernanda não? ((voltando-se para L.))

L. não eu sou Lilian

C. preciso falar umas duas três vezes pra lembrar

L. Li-lian

C. (1.69) (vocês::) mora aqui em Marília?

L. não ô seu Célio eu moro em São José do Rio Preto + lembra que eu falei pro senhor? + eu

C. [ah:] [ah:]

moro em São José do Rio Preto (...)

C. [eu tenho uma memória horrível viu?

L. tem?

- C. (1.20) pra certas coisas eu sou bom agora outras coisa ++ passado da família isso aí eu sou bom ++ (mas as coisa recente) num dá certo não
- L. não?
- C. não
- L. lembra eu sou de São José do Rio Preto e estudei aqui em Marília ++ mas eu voltei pra lá o senhor conhece lá ou não?
- C. conheço
- L. conhece?
- C. conheço
- L. que que o senhor foi fazer por lá?
- C. (1.33) nós estamos falando de que cidade mesmo?
- L. São José do Rio Preto
- C. eu f: eu fui jogar uma vez lá jogar vôlei
- L. o senhor jogava volei?
- C. jogava vôlei basquete ++ nadava ++ era:: seleção da academia
- L. da academia militar?
- C. academi::a Barro Branco ++ Gerseí ++ (aqui) ++
- L. [ah:]
- ((C. faz pausa para ascender o cigarro))
- C. São José do Rio Preto é uma cidade boa hein?
- L. quente
- C. quente ((murmúrio))
- L. bem mais quente que Marília
- C. bem mais quente que Marília?
- L. mais quente ++ lá em Rio Preto a gente saiu + tava: tava mormaço cerca de vinte e oito trinta graus + aqui em Marília deve tá: com quanto?
- C. num sei num tenho idéia
- L. não? + quanto tempo faz que o senhor num num faz uma atividade física um esporte?
- C. (0.72) ah faz uns dez anos +
- L. num quis fazer mais?
- C. ah num tive condições né +
- L. por quê?
- C. (1.60) por causa do Parkinson
- L. mas aí que o senhor deveria fazer
- C. (mas aí é) outro tipo (de:: de esporte da pessoa é) recomendado
- L. ah: tá + o senhor faz fisioterapia?
- C. [faço fisioterapia faço fono aqui em casa]
- L. a fono vem aqui?
- C. vem aqui
- L. quem que é a fono do senhor agora?
- C. a fono é:: Gisele
- L. ah é a Gisele + ela trabalha em Rio Preto também
- C. trabalha?
- L. ela dá aula na faculdade de fono lá em Rio Preto
- C. (2.12) eh::: esqueci o lugar aqui ++ pertence a uma + (coligação chamada PAS) + IAPAS
- L. ah: o IAPAS
- C. [((murmúrio))]
- ((filha de C. passa pela sala))
- C. minha filha + mais nova
- F. pai o senhor num apagou o cigarro

- C. (1.14) chegou a polícia já +++
 L. [((risos))] + por que polícia?
 C. (1.07) fica:: (policiando o passo) da gente
 L. não ela só orientô o senhor
 C. (1.36) ela está com a neném no hospital
 L. ah: é filhinha dela?
 C. filhinha dela ++
 L. como que ela chama essa filha do senhor?
 C. (1.02) a filha Cláudia
 L. Cláudia?
 C. Cláudia
 L. e a netinha?
 C. a netinha:: chama:: Estela
 L. como?
 C. Estela
 L. Estela?
 C. e essa que tava rondando aqui que eu chamei ++ é:: Júlia
 L. Júlia? e o menino?
 C. (0.78) o menino é:: ++ Vitor
 L. Vitor? ++ qual que é o mais arteiro?
 C. o mais arteiro acho que é a:: Júlia
 L. é a Júlia? é a mais nova?
 C. mais nova não é a do meio
 L. a do meio? + então é o Vitor + é o mais velho?
 C. é o mais velho
 L. a Júlia (...)
 C. [Júlia + e a Estela
 L. [e a Estela] + eles já vão na escolinha?
 C. já vão
 L. já?
 C. já
 L. o senhor ajuda eles fazerem a lição de casa?
 C. eu num ajudo nada
 L. por quê?
 C. (0.87) porque eu num tenho jeito pra coisa ++
 L. e que que é tê jeito pra coisa?
 C. (0.52) pra mim num complicar ++ primeiro lugar né
 L. não complicar?
 C. você gosta né? ((voltando-se para A.))
 L. ((risos)) ++ não é uma boa resposta do senhor
 C. ((vozeamento gutural))
 L. ô seu Célio além da revista de Parkinson que o senhor lê + o senhor gosta de ler alguma outra coisa?
 C. eu tenho problema de:: visão dupla + por causa dos problema ++ eu tenho visão dupla ++ o lado de cá está perfeito mas quando eu vou assistir televisão ++ pega esse lado aqui + dá:: visão dupla ++ a visão dupla pelo que eu fiquei sabendo num é num faz parte do Parkinson
 L. [ah tá]
 ++ mas é desagradável a visão dupla
 L. é por causa da diabete num é?
 C. da diabete acho

((a neta de C. passa correndo e gargalhando))

L. dizem que é::: que é por causa da diabete que acontece essa alteração ++ na visão mas eu também sou leiga eu num ++ num sei dizer ++ pode vim aqui Vitor ++ chama o Vitor pra vim aqui

C. Vitor

F. Vi

C. vem com o vovô aqui

F. num está filmando ainda filho ((riso))

C. {Vitor + a moça quer:: saber + (de você na escola) ++ vem aqui com o vovô + ele é muito tímido +

L. ele é tímido?

C. tímido

L. ele tem cara que é arteiro

C. a:: (1.17) arteiro pode ser tímido né

L. pode?

C. pode

L. faz a arte debaixo de um quieto

C. isso é isso mesmo

L. e o senhor quando criança? o senhor se lembra das coisas que o senhor fazia ou não?

J. [o vô o Vi já foi trocar de roupa já]

C. (1.31) ((vozeamento gutural)) eu morei ++ eu morei eu morei na:: ++ numa casa ++ que era em frente um clube esportivo em Jundiaí ++ isso::: provocou + minha aptidão para o

L. [em Jundiaí?]

ginásio de esporte não que eu seja craque + eu era estrela um pouco estrela + e essa casa era de frente um clube a gente passava o dia inteiro de calção ++ nadando jogando basquete jogando vôlei ++ e::: me dei bem em alguns esportes né? + depois fui para escola mi: militar ++ e::: me dei bem no esporte ++

L. e quando o senhor decidiu entrar pra academia?

C. (1.96) ah::: eu tive um amigo ++ coronel (Foot) era capitão (Foot) ++ meu pai um dia foi fazer um serviço na casa dele ele falou pô você está fazendo o que? ++ estou no ginásio ++ num quer entrar pra academia da força pública? era força pública ++ vou pensar em casa meu pai + quer que seja militar mas militar profissional + porque eles pagam a:: por mês + tem vencimento + todo o o:: material ++ uniforme tudo ganha tudo de graça + eu prestei a

L. [ãhã]

primeira vez fui reprovado+ na segunda vez eu falei agora eu vou pra entrar + de noite de dia

L. [ah::]

++ o sistema era bem rigoroso (...)

L. até hoje né?

C. + eh::: (0.88) muito procurado né + e fui lá e faturei

L. [ãhã]

L. olha só

C. (1.78) lá:: em Sorocaba ++ três eh::: foi + aprovado ++ e aí eu comecei carreira

L. e gostou da carreira que o senhor escolheu?

C. ah: eu podia escolher melhor ++ eu queria coisa melhor +++ minha voz tá melhorando

L. está? + o senhor quer fazer algum exercício pra melhorar a voz ou não?

C. não agora não

L. não?

C. não não não

L. a pequinhinha está aí atrás ó

C. (1.06) a Júlia? + Júlia vem cá conversar com o vovô + essa aqui é a menina

- J. [[[risos]]]
 mais arteira do Brasil porque eu num conheço outros países ++ ela chegou aqui um dia que uma médica veio me visitar e eu estava com a médica na outra sala ++ aí ela::: chegou e falou + você é médica? + médico? você é médico? ela falou sou sou médico do seu seu avô + quantos anos você tem? aí ela olhou pra mim eu falei vai lá falou quarenta ++ aí ela olhou
- F. [pronto Vitor pode ir ((sobreposição de vozes))]
 falou quarenta e quatro ano pu:::xa ++ mas é arteira demais viu? imagina a situação ++ você imagina a situação da médica ãh
- L. deve ter ficado constrangida
- C. ah:: (1.16) não pode mentir quarenta e quatro
- F. pronto agora ele diz que já lavou o rosto
- L. então fala um bom dia pra todo mundo pro seu avô
- V. [bom dia]
- C. {bom dia ++ ele é amigão do vovô
- A. {bom dia
- L. amigão do vô? + você cuida bem dele? ((voltando-se para V.))
- C. ontem quase que derrubou vovô hein?
- F. voceis quase caíram né
- G. {vem cá Ju
- C. (1.49) ontem ele chegou toda vez que chega ele pega na mão né? + pega no braço + eu
- L. [ãh]
 estava na copa ele pegou na minha mão puxou eu caí + logo tava a:: Júlia ++ e por trás veio a mãe né? ++ foi assim Vitor? a mamãe veio por trás né +
- V. [ãhã]
 ((toca o telefone))
- L. mas o senhor machucou?
- C. não mas quase caí (encostei a:::)
- L. ah quase caiu
- C. também eu eu um um ou ou dois tombo por semana
- L. minha nossa
- C. (1.24) ((vozeamento gutural)) num tem jeito
- L. mas o senhor tropeça?
- C. (0.74) perde o perde o:: sentido perde o::: prumo ++ dá um desequilíbrio (...)
- L. [ah::] [ah tá + mais tem
 que + vai sempre segurando na parede num é melhor?
- C. é:: e no quarto tudo tem tubo ((vozeamento gutural)) aqui onde nós estamos ++ eu ando aqui em último caso a:::qui num tem ++ pegador + (num sei o:: /distorção/ num sei o que que
- L. [ãhã]
 eu faço)
- L. se o senhor usasse uma bengala alguma coisa assim
- C. eu tenho:: andador
- J. [ele tem uma bengala]
- L. tem?
- C. (1.93) eu tenho uma bengala mas bengala eu num gosto
- G. {vamos saí com a vovó
- L. não?
- C. de:: andador ++ ((olha em direção à esposa))
- G. abomina
- L./J. ((risos))
- C. {((sobreposição de vozes))

- G. {deixa eu só falar uma coisa pra você a voz dele quando ele canta + parece outra pessoa
 L. jura? + que música o senhor gosta de cantar seu Célio?
 C. música:: ++ música:: ++ que música que eu gosto? ((voltando-se para a esposa))
 ((enquanto G., L. e F. continuam conversando, C. faz uma pausa longa, sem atenção ao que está sendo dialogado, como que buscando recordar alguma música para cantar))
 G. é ele ele gosta de música popular algumas músicas antigas e ele canta hino de igreja
 L. ah:: que legal
 C. (0.75) ah:: (...)
 G. [e a hora que ele canta sabe igual gago que a pessoa gaga quando está cantando num gagueja nada ? + e a voz dele fica super forte
 L. o senhor num quer cantar alguma coisa pra gente ouvi?
 C. acho que não
 L. por quê?
 G. acho que não ((risos)) + depois você canta mais tarde num é melhor eu sai com as crianças?
 L. não fica a vontade num precisa + se preocupar
 G. canta o pendão real ++ canta
 L. nem que for um trecho
 G. é importante pra eles ++ vem aqui Vitor
 ((toca o telefone))
 L. vai que o senhor fica famoso tá sendo filmado e tudo ++ já pensou?
 C. [ah:]
 ((som de criança tossindo))
 C. (3.49) vamos lá vai
 L. então vai eu num sei como é que é a música
 C. ah você num vai saber ((C. pigarria antes de cantar)) ++ “um pendão real ((distorção)) retornou ao rei a vós soldados te::us + corajoso foi em tudo defender marchando para o cé ++ epa + o valor sem temor conquista o pão ((distorção)) + bem alto erguei o seu pendão firme sempre até morrer” fim
 L. que bonito ++ e o senhor treina sempre a cantar ou não?
 C. ah:: (1.02) quando:: fazia: fono: ((vozeamento gutural)) (...)
 ((J. mexe no microfone da gravação))
 L. viu só depois que o senhor que o senhor cantô a voz ficô mais limpa
 G. ele tirou muito alto né mas canta otimamente [((sobreposição de vozes)) tanto é que eu dei
 J. [já cantô]
 esse aparelhinho pra ele de Natal /vem pra cá Ju/ eu dei esse aparelho de na eh:::de natal de
 L. [NÃO num faz isso] ((voltando-se para J. que mexia nos equipamentos de gravação))
 presente pra ele pra ele ouvi + e cantar junto mas ele tem cantado pouco quer que eu tire as
 L. [que bacana]
 crianças daqui?
 L. não deixa eles aqui deixa a vontade num precisa se preocupar
 G. vamos a vovó vai sair vamos com a vovó dar uma volta? + vamos? + vamos sim pega a
 J. [você também + mãe o Vitor num quer ir mãe vai (a pé) então ((J. fala gritando))
 bolsa da vovó
 G. então vamos nós dois nós duas vamos?
 C. (vocês tiveram uma mostra da) porcaria que eu faço
 L. como?
 C. cantado mal cantado é uma grande porcaria

- L. por quê?
- C. ah porque:: tem a:: questão da::: afinação tem:: + a questão da:: do volume
- L. não mas está bonito ficou bonito o senhor cantando
- C. (0.82) acha?
- L. eu achei
- C. vê se:: arruma uma: uma um:: contrato pra mim
- L. ((risos)) só se eu for a empresária se não não
- C. (1.14) ela parece a Maitê Proença né? (...)
- L. acha que eu sou bonita daquele jeito?
- C. (0.95) bonita
- L. nã::o:: (...)
- C. você sabe que eh::: o pai dela matou a mãe na faca?
- L. que horror
- C. (1.36) eh::: faz muito tempo isso ele era promotor + estou estou:: meio cansado (...)
- L. o senhor quer parar? se o senhor quiser parar a gente para
- C. [não não não não]
- C. (2.02) eh::: o pai era promotor e matou a:: ela era menina + o pai matou a faca +
- L. [que horror]
- L. a troco de que?
- C. em Campinas ++ dizem que foi crime:: ++ como é que é? é::: romântico né?
- L. passional?
- C. passional + exatamente
- L. acha que paixão é essa?
- C. ((sobreposição de vozes))
- L. {paixão que ++ paixão que mata num é paixão é?
- C. de jeito nenhum (não é sadio)
- L. ex: exatamente (sai do juízo) ++ que horror
- C. mas você parece com ela ++ num parece? ((voltando-se a A))
- L. a Maitê Proença? (...)
- C. num parece? ((voltando-se para A.))
- A. oi ? parece com quem?
- L. com a Maitê Proença
- C. {com a Maitê Proença
- A. é por causa do cabelo que ela cortou
- L. eu cortei o cabelo igual o dela
- C. ah é?
- L. meu cabelo era maior que o da Gisele ++ aí eu cortei ++ igual o da Maitê Proença + quer ver? ((L. solta o cabelo))
- C. [ah:] ((C. faz pausa esperando L. soltar o cabelo)) + está igualzinho
- L. ((risos)) + a Maitê Proença é uma das mulheres mais bonitas do Brasil
- C. e daí?
- L. imagina que eu chego aos ++ num passo nem perto
- C. (1.58) num acho isso não +
- L. num acha não? ((risos))
- C. (0.71) eu acho você muito bonita
- L. obrigada seu Célio ++ escuta o senhor já está cansado + o senhor quer parar?
- C. absolutamente
- L. o senhor quer lembrar uma outra música e cantar? +++ pode ser uma:: ++ uma música popular ++ então algum hino da igreja mesmo ++ é igreja que diz?
- C. igreja + congregação

L. congregação

C. (4.08)

L. nenhuma mais?

C. não (já já dei) vexame já

L. que vexame nada ++ isso quem vai ver sou eu + o Lourenço + provavelmente a Juliana + mais + ninguém ++ então:: o senhor fica a vontade + o Lourenço o senhor conhece num conhece?

C. conheço bem

L. a Juliana é lá da clínica + é aluna da faculdade ++ o senhor conhece?

C. conheço

L. eu o senhor está conhecendo agora + então:: + canta mais uma

C. (1.51) “only you::” ((só pode ser compreendido “only you”)) ô ô only you::

L. [quero ver agora] [bravo]

(and make) e você:: atrapalhou

L. ((palmas))]

L. ((risos)) essa o senhor me passou o tapete

C. (você:: bateu palma então::) + me atrapalhou

L. ((risos)) desculpa é que eu fiquei emocionada

C. (1.11) ah:: brio-brincadeira tem limite hein?

L. não eu num imaginei que o senhor fosse cantar essa música ++ é uma das músicas que eu mais gosto + te juro + estou:: to arrepiada ++ muito bonita

C. [a é?]

C. (os Platers)

L. ãh?

C. (os Platers os cantores é os Platers) (...)

L. [não fiquei fiquei emocionada foi isso ++ desculpa

C. ãh:

L. escuta + conta pra mim o senhor é amigo do seu Jurandir?

C. demais

L. é?

C. (0.85) ((vozeamento gutural)) quero ele muito bem

L. ele vem sempre aqui ou não?

C. (1.39) e::o:: vem vem pouco aqui ++ ele tem:: dificuldade também de locomoção né

L. como?

C. ele tem dificuldade de locomoção também

L. ah tá

C. (0.85) ele veio aqui um dia pegou no no andador ficou andando na casa inteira

L. [(((risos)))]

+ (gozado) viu + eu num suporto:: aquele andador

L. por que não?

C. (1.83) ah:: é chato eu eu num tenho (paciência) pra ++ pra andar com ele

L. pra comer o senhor está sentindo alguma dificuldade ou não? (...)

C. [não nada

L. eu conheci um senhor com Parkinson + que num consegue + segurar o garfo ou a colher

C. manejar o garfo

L. isso + ele ele segura com as duas mãos + pra poder comer + o senhor é:: o senhor num tem esse tipo de dificuldade?

C. não num tenho

L. o tremor foi controlado todinho com o remédio?

C. foi controlado (olha aqui o::) ((C. estica os braços mostrando o tremor à L.))

- L. qual remédio que é?
- C. eu tomo (Tegretol) ((C. permanece com os braços esticados))
- L. + mas é muito pouco + o senhor lembra o:: os nome dos remédio ou não?
- C. [(tremo um pouquinho)]
- C. (1.23) ah::: a:gora num vou lembrar (Tegretol Frontal + Tegretol Frontal ah::) sou ruim de lembrar
- L. o Sinemet o senhor toma?
- C. não ++ (distorção) que mais + se eu num olhar escrito) é difícil de gravar sabe
- L. ué então não tem problema eu perguntei porque cada um toma um tipo de remédio né então
- C. [eh::]
- era:: mais pra eu saber
- C. (ah:: carbohitro) + e pra dormir (neurohil)
- L. hoje de manhã o senhor tomou qual?
- C. (1.76) tomei::: num vou lembrar porque a minha mulher é que (me dá) cedo
- L. ah tá depois eu fa + pergunto pra ela aí anoto fica mais fácil
- C. eu tenho eu tenho a relação eu dou pra você
- L. tá bom ++ pode ser também ++ escuta a gente já tem vinte e cinco minutos de gravação + pra mim é o suficiente + o senhor prefere parar e a gente escreve alguma coisa + ou o senhor quer continuar conversando?
- C. (0.97) continuar conversando
- L. quer continuar conversando? + escrever o senhor num quer escrever nada hoje?
- C. não eu::: sou ruim de escrever viu +
- L. por que o senhor diz?
- J. [o vó:: ((sobreposição de vozes))]
- C. (1.21) eu num gosto muito de escrever + às vezes uma carta um bilhete ++ às vezes: às
- L. [por que?]
- vezes eu escrevo muito pouco
- L. mas então o senhor pode escrever isso mesmo até uma carta + ou um bilhete pro Lourenço pra eu entregar pra ele + porque ele foi buscar a Juliana e a Larissa + que é:: que é professora
- C. [ah]
- na faculdade + e aí o senhor escreve um bilhete pra ele
- C. (1.98) escrevo pro: pro Jurandir?
- L. pro Lourenço
- C. pro Lourenço
- L. isso se o senhor quiser escrever pro seu Jurandir o Lourenço entrega pra ele
- C. (1.55) é:: (pro Jurandir e) está resolvido
- L. está resolvido? ++ o senhor conhece seu Jurandir da onde?
- C. (0.50) é:: da:: fono
- L. da fono?
- C. é
- L. o Lourenço disse que ele vai a igreja também num vai?
- C. (ele e a família) +++ Júlia vem cá ++ vem cá fica perto do vô ++ (gostoso isso né)
- L. [vem aqui]
- L. deve ser a coisa mais abençoada
- C. (distorção)
- J. estou aqui atrás i:
- L. (o senhor da::) (...)
- C. e isso aí é gravadora?
- L. é filmadora
- C. filmadora

L. o gravador é esse aqui

C. (2.77) agora está certinho né? + você conhece essa moça aqui? ((voltando-se para J.))

J. [ó::uó:: ai vô bati a cabeça]

G. xi::u Júlia vem cá + Júlia

C. é uma gracinha

L. [ela é linda ++ tem uma pele linda parece um rosto de maçã + corada

C. [ah:]

G. [vem aqui]

C. + (2.05) saiu ao avô

L. oi?

C. saiu ao avô

L. só o senhor de avô?

C. saiu ao AVÔ

L. ah:: saiu ao avô o que + ((barulho forte de fundo)) ai que susto + saiu igual ao avô o senhor tá muito convencido

C. não isso é brincadeira

L. ((risos)) também estou brincando com o senhor ++ escuta vamos escrever um pouquinho?

C. (0.95) vamos

L. um bilhete que seja +

C. (1.42)

L. tudo bem?

C. tudo bem

L. então está bom

Sujeito J – Segunda Gravação

Legenda:

- J. é o sujeito com lesão neurológica que integra nossa análise;
 L. é o interlocutor que está direcionando a entrevista com J.;
 E. é a esposa de J. que participa da gravação da conversa espontânea;
 A. é o ajudante de L. para a realização da gravação da conversa espontânea;
 T. é a terapeuta de J.;
 F. é a filha de J. que participa da gravação da conversa espontânea.

Transcrição

- L. seu (Jurandir) o senhor vai querer passar perfume?
 E. ((risos))
 J. (3.53)
 L. vai?
 J. (ainda tenho de pedir pra ela)
 L. ah:: tem de pedir ((risos))
 E. então passa bem porque depois quando elas forem ver o filme + vão sentir + o cheiro e vai ter saudade de você ((risos))
 J. (0.65) mas é isso que eu quero
 E./L./T./ J. ((risos))
 L. [a::cha
 L. o senhor conheceu bastante fono lá na clínica seu Jurandir?
 J. (1.94) se eu faço?
 T. se o senhor conheceu bastante fono lá
 J. (0.64) no::ssa demais ++
 L. seu Jurandir está dando problema aqui aperta stop lá Ju fazendo favor ((parada para ajuste da filmadora))
 L. eu não sabia o pior é que eu não sei mexer nesse negócio não ++ por quê que o senhor está quieto?
 J. (2.08)
 L. está olhando pra Juliana por quê?
 J. (1.62)
 E. pode conversar bem ((risos))
 J. (1.21) pode conversar?
 L. está emocionado
 J. (0.59) demais
 L. por quê?
 J. (2.74) com vocês qualquer um se emociona
 L. ah::: que declaração
 J. a bondade é muito grande
 L. bondade?
 J. bondade atenção ++ incentivo (...)

- L. [o senhor não me viu brava
L. incentivo?
J. e acho que nem vou ver brava
L. por quê?
J. ah?
L. por que não?
J. (1.16) porque todos dali não são bravos
L. não?
J. não
L. a Juliana é
J. {não é não
E. {com essa carinha
T. deixa o senhor não fazer as coisa direito que o senhor ver seu Jurandir vou ficar brava
J. (2.97) ((vozeamento gutural)) e::u vou esperar isso pra ver ((risos))
T. o senhor vai vai deixar de fazer os exercícios pra me ver brava é?
J. (2.00) não deixar eu não deixo ++ não totalmente como deveria se f-fazer ++ mas eu procuro aproximar
T. então o senhor não vai me ver brava mesmo
J. ((risos))
L. a Juliana + se ela pudesse assim + andar com + com uma nuvem num pé e uma nuvem no outro + de tão calma assim
E. [ê beleza]
L. ela anda na mansidão + o senhor (...)
J. [(puxa vida) + é bem próprio do estado dela né? + (...)
L. da onde o senhor é?
J. [de Minas] mineira
L. a Juliana é mineira e o senhor?
J. sou de Colina
L. Colina?
J. São Paulo +
L. fica perto da onde?
J. (1.63) m:: mais perto de Barretos ++ Bebedouro
L. ah:: a terra da laranja
J. terra da + da CUTRALE
L. é verdade e o senhor trabalhava no que lá seu Jurandir?
J. + (0.61) eu vim de lá com cinco anos de idade + fazem setenta e um que estou aqui
L. [ah:::]
L. e já e de lá o senhor veio direto pra cá?
J. direto
L. e o senhor estudou fez alguma:::?
J. (1.51) eu sou semi-analfabeto ++ de pai e mãe ((risos))
L. de pai e mãe ((risos))
J. não foi tudo aqui + né Erminda só + fiz o primeiro grau
L. só? o senhor é um privilegiado
J. (0.95) porque? será?
L. são poucos os que tem condição de fazer pelo menos o primeiro grau
J. (1.60) se-será?
L. + com toda certeza sabe porque? + tem alguns outros que:: que eu + conversei
J. [äh]

pra fazer entrevista + só o seu Célio + que pode estudar um pouquinho mais + e agora o senhor os outros não

J. ((riso)) (3.48) ((vozeamento gutural)) isso me dificultou muito a:: exercer o cargo que eu: ex-exerci +

L. exercer:?

J. o cargo que eu exerci

L. qual que é o cargo?

J. eu fui agente do IBGE ++ todo o tempo + praticamente aqui em Marília ++

L. [ah::]

trabalhei só um pouquinho em Pompéia + e Quintana + e aqui foi quase quanto? vinte e cinco anos né Erminda?

L. e o que que o senhor fazia lá? o que que é isso?

J. (1.06) IBGE:: + é o que se fala sinônimo de mentira + a::: estatística

T./E. [((risos))]

L. cuidado que está gravando hein

T./E. ((risos))

J. [está? então limpa aí ((risos))]

T. [nã::o agora vai deixar ((risos))]

J. ((risos)) (2.02) eh::: estatística::: estatística porque o pessoal + o informante na hora que ele quer os dados (disfluência) + ele quer como que ele quer e não como é e na hora de fornecer ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu ++ serviço muito ++ massante

L. toda vida o senhor trabalhou lá?

J. toda vida único emprego

L. no:ssa

J. (4.29) aí:: ih::: ((distorção)) a aposentadoria:: né + não tenho saudade

L. não?

J. não nem um pouco

L. o que que o senhor faria se fosse hoje? se o senhor tivesse condição o que que o senhor faria?

J. (1.39) eu ia montar uma firma de marceneiro

T. o senhor gosta seu Jurandir?

J. demais + eu tenho uma officininha aí no fundo ++

L. [ah::]

L. e o senhor chegou fazer alguma coisa assim ou não? + na oficina do senhor?

J. (1.26) conserto de:: principalmente de casa eu faço tudo ++ conserto um pouco de: eletricidade + um pouco de encanamento

L. [ah:]

L. mas e de marcenaria mesmo?

J. (1.90) (serv-serviço) assim o corriqueiro né +++

L. como o corriqueiro?

J. (0.80) como o corriqueiro? + conserto um guarda-roupa + faço:: alguma peça que tem vontade de fazer

L. o senhor que fez esse banquinho aqui?

J. (0.98) não esse aí não + coloquei essas dobrinhas aqui + tem algumas peça lá no fundo ++ vou fazer uma gaveta embaixo disso + estou com a esperança de

L. [o senhor que]

fazer né +

L. aonde?

J. aí aí embaixo da cama ++ quando ficar pronto eu vou te chamar pra ver

L. oh::: que eu venho
 J. vem sim ((risos))
 L. o senhor sabe de onde eu sou?
 J. (1.13) onde?
 L. da onde eu sou
 J. não sei
 L. o Lourenço não disse?
 J. (0.98) de onde?
 L. + o Lourenço? + não disse pro senhor de que cidade que eu que eu vim?
 J. num falou
 L. só pra conhecer o senhor
 J.+ (1.01) verdade? ++ e você eu já conhecia
 E./T./L./ ((risos))
 L. conhece e não sabe (conhecer) ((risos))
 J. de onde você é?
 L. de São José do Rio Preto
 J. num diga
 L. o senhor conhece lá?
 J. conheço + (...)
 L. quente ou frio?
 J. namorei lá
 T. já morou lá?
 J. namorei
 L. namorou?
 J. namorei ((risos))
 L. por isso que ele olhou pros lados
 J. foi ((risos))
 T. ãh:: ((risos))
 J. é você é de lá então é?
 L. eu sou
 J. boa cidade viu + maior que Marília
 L. [lá é]
 L. i::xi lá é grande + Marília não cresceu muito
 J. [[[vozeamento gutural]]]
 J. (2.10)
 T. a dona Erminda é de lá seu Jurandir?
 J. é de São Paulo
 T. de São Paulo?
 J. (0.97) nasceu e criou + cri:: + só saiu pra casar + + (...) e mui e muito bem
 T. [como que +
 T. como que f:: ((risos)) ah::: modéstia à parte muito bem (...)
 J. [modéstia à parte ((risos))]
 L. é::: como que o senhor conheceu + a esposa do senhor?
 J. (1.91) num congresso de:: ++ ah não o irmão dela morava aqui ++ ele era pastor ++ por
 L. [ah:::]
 sinal ele ele: ele era muito ligado à faculdade de vocês + e ele foi o autor da criação + da
 faculdade + ele e o prefeito da época (foram em reunião) várias vezes (tentar a) criação
 naquele tempo era o Juca do Alves o presidente + ele tinha muitas pessoas envolvidas + ele
 conseguiu a criação + (distorção) fotografia + nos anais aí deve deve deve está o nome dele +
 Álvaro Simões

- L. [hum-hum]
- L. como?
- J. Álvaro Simões
- L. Álvaro Simões
- J. (1.09) e depois a gente começou querer namorar (lá) em São Paulo + nós tivemos um congresso:: lá no Mackenzi + e a portuguesa conseguiu conquistar ele ((risos)) ++
- L. [hum]
- L./T. ((risos)) +
- L. é portuguesa?
- J. (1.33) ((vozeamento gutural)) portuguesa ((risos))
- L. o meu é português
- J. (2.54) num vou falar mais nada não + viu + que que o Nabuco:: não não foi o Nabuco
- L. [((risos))]
- não + falou foi o doutor ++ delegado ((murmúrio)) que:: <português é inteligente mesmo> ((risos)) agora eu num vou falar nada porque o pai dela o pai dela é por :: o pai?
- L. meu marido
- J. (1.12) ah eu ((murmúrio)) vi a aliança mas + pensei que fosse noiva
- L. não noiva é nessa mão
- J. (0.69) ah está certo
- L. eu sou recém-casada (...)
- J. [ele é portuguesinho + mas você é descendente de português mas eu não sou não]
- L. não?
- J. gostaria até de ser viu ++ ((risos))
- T./L. ((risos))
- L. o senhor é brincalhão né?
- J. (2.68) eh::: deveria ser como antes
- L. [que]
- L. como assim?
- J. (1.01) ah o Parkinson tira muito a:: a alegria da gente
- L. ih::: [imagina que tira]
- T. [imagina]
- L. não estou vendo nada de desalegria aqui não
- J. (0.76) ih mas olha + ((vozeamento gutural)) (...)
- L. o senhor era mais (...) do que isso?
- J. [((sobreposição de vozes))]
- J. no:ssa era mais (...)
- L. [então o senhor era triste?
- T./E. ((risos))
- J. como?
- L. o senhor era triste de tão alegre o senhor era TRISTE TERRÍVEL (...)
- J. [demais demais me ajudou muito né a vencer isso]
- L. que bom + o senhor sabe alguma piada de português?
- E. ((risos))
- J. (3.14) eu já ouvi muitas mas num (guardo)
- L. não? eu também num sei contar piada + eu até sei a reposta mas eu num sei contar a piada ((risos))
- T. eu menos ainda
- J. eu tenho um primo que pra contar piada de (da de:) português eu nunca vi coisa igual + uma das que eu gostei muito que marcou mais que fala ++ <um português ++ passou numa

(disfluência) padaria e perguntou onde é que ficava tal lugar + o português explicou olha o senhor vai quinhentos metro pra cá e volta mil e oitocentos cá> ((risos)) valha-me Deus ((risos)) a gente morre de rir viu porque ele

T./L./J. [[[risos]]]

imita o português muito bem + <então o senhor desce quinhentos metro aqui e volta mil e oitocentos> ((risos)) ele olhou pro (e falou) não entendi nada vou embora ((risos))

L. a senhora é descendente mesmo de de português?

E. [eu? os meus pais eram

L. da onde eles eram?

E. o:: papai era parece que (Vilarinhos) + né e a mamãe era de Coimbra

L. [ãh]

((J. continua conversando com T., mas a sobreposição de vozes torna o trecho incompreensível))

L. de Coimbra? minha sogra é de:: da Ilha da Madeira

E. a mamãe veio com dois anos pra cá né então ela pode ser considerada como brasileira né + aí papai veio com vinte e seis anos com vinte e sete casou com a portuguesinha ((risos))

L. [ãhã]

L. ah tá

T. quer mais ? ((voltando-se para J.))

L. e o senhor? é descendente do que?

J. (1.40) meus avós eram italianos ++

L. [ah::]

E. por parte de pai

J. por parte de pai de mãe:: ++ baiano + mas minha mãe diz que não tinha culpa disso ((risos))

E. ((risos))

L. ele era o que que eu não entendi?

J. [(né)] ((voltando-se para E.))

E. descendente de baiano mas a mãe dele dizia que não tinha culpa disso ((risos))

T. e o seu pai era descendente do que seu Jurandir?

J. italiano

L. Jesus amado ((risos))

J. ((risos))

E. é a (língua) das nações aqui em casa ((risos))

L. acha que pode?

E./T./J. ((risos))

L. muita maldade isso ((risos))

J. ((risos))

E. o pai dela era português + mas o:: o pai filho de português o pai dela + e a:: o lado da mãe eram:: italianos

L. e e o nome dos pais do senhor? qual era?

J. (1.23) Antônio Pavarini

L. e da mãe?

J. (0.83) Ema (distorção) Pavarini

L. Pavarin?

J. PavariNI

L. NI?

J. NI + gente boa viu ++

T. o senhor é modesto hein seu Jurandir

E. ((risos))

- J. por parte da minha mãe agora por parte do meu pai + ((risos))
- L. ele olha assim de rabo de olho pra ela + e conta outra coisa como era o trabalho do senhor lá lá no IBGE? o senhor disse que era cansativo tudo mas o que que o senhor fazia lá?
- J. (0.76) coleta de dados
- L. na rua?
- J. (1.58) é: junto ao informante
- E. licenciamento
- J. (2.24) fala + fazia de toda a toda a:: área de educação é:: agricultura + comércio + indústria ++ o que mais? ((volta-se para E.))
- E. licenciamento
- J. (0.65) licenciamento era mais pra adiante ++ muito cansativo viu ++ ge geralmente quase todo funcionário de lá aposentava pirado ((som da campanha))
- L. e o senhor?
- J. eu saí semi pirado ((risos))
- E. ((risos))
- T. semi? ((risos))
- L. o senhor nunca fez outro tipo de atividade assim? porque o seu Célio disse que fazia::: como é que fala? + fazia esporte + nadava + o senhor num fazia nada disso?
- J. nunca +
- L. nunca nunca?
- J. (1.21) nunca porque na na ++ bom na infância eu morei na na lavoura né até os:: dez anos nós chegamos aqui no aniversário ++ num estado muito difícil + foi em sessenta e nove mais
- L. [((espirro))]
- E. [saúde]
- L. [que assim seja]
- ou menos ((distorção)) dia quatro foi quando nós chegamos aqui em Marília ++ eu tinha s::eis anos de idade + com isso eu falei minha idade pra vocês
- T. ((risos))
- L. mas isso é segredo de estado num sai daqui
- J. não sai?
- L. não
- J. obrigado ((risos))
- L. não há de que ((risos))
- J. (2.84) ih:: nós ficamos na lavoura até::: mil novecentos e quarenta +++ fiz o curso primário ne-ne-ne nesse distrito + Avencas (...)
- L. ah::: em Avencas
- J. lugar bonito
- L. + eu nunca fui mas dizem que é muito bonito mesmo + principalmente quando é lua cheia
- J. que?
- L. dizem que é muito bonito + principalmente quando é lua cheia
- J. (1.37) ((risos)) porque?
- L. não sei já me falaram isso que lá é muito bonito
- J. [acho::: é o::: (panorama) que tem nela + você você
- E. [é né]
- não gostou aquele dia? ((voltando-se para a esposa))
- E. eu gostei
- J. (2.29) ((vozeamento gutural)) mas lá é:::
- L. {vocês foram lá
- E. ãh? fomos passear esses dias lá

L. ah::

J. (0.85) lá tem o panorama muito bonito viu ++ e::: o distrito naquela época era super populoso

L. qual que é a diferença de populoso e povoado?

J. (3.43) populoso é:: su: + super povoado ++ naquela tempo naquele tempo era

L. [o senhor trabalhou no]

considerado:: é:: populoso ((sobreposição de vozes))

L. [te peguei de calça curta agora ó:: o senhor trabalhou tudo esse tempo lá no IBGE e não aprendeu?

J. (1.19) vou vou aprender agora

L. num vai porque eu também num sei explicar ((risos))

E./T. ((risos))

J. ((risos)) você fala

L. eu ((risos)) (...)

T. eu acho que é populoso quando é::: o número de habitantes total e povoado é o número de habitantes por quilômetro quadrado

L. tá vendo que primor de menina

E. [falou e disse

J. é porque agora pode pode ser considerado povoado lá ++ o êxodo rural foi muito grande ++ e é uma curiosidade lá a::: maior população + não a maior mas acredito que quase que noventa por cento eram japoneses + aprendemos muito com japonês viu

L. o senhor aprendeu a falar japonês?

J. (1.05) esqueci +

T. ((risos))

J. logo aquele povo de lá

E. ((risos))

T. mas aprendeu?

J. (1.28) eu convivia muito com japonês ++

L. o que que o senhor fazia lá na lavoura?

J. (1.76) enganava

L. gente do céu ele não conversa sério

J. ((risos)) [meu pai que falava que eu era muito preguiçoso

T. ((risos))

L. ((risos)) o senhor não conversa sério

J. ((risos))

L. o senhor plantava + que tipo de plantação que era lá?

J. bom a principal cultura na época era + algodão ++ Marília foi a cidade que mais produziu algodão ++

L. verdade?

J. verdade

L. porque agora tudo o que o senhor fala eu tenho que confirmar porque::

J. (0.66) ah::: (eu) conf-confirmo + eu tenho uma monografia aí eu vou te mostrar + fui eu que fiz + caprichado

T. [ah é?] [quero ver seu Jurandir]

L. uma mo mono-monografia?

J. é ++ de Marília

L. Marília? que que o senhor conta na monografia?

J. (1.53) bom + primeiramente a verdade né? ++ ((risos))

L. ai eu desisto desse jeito ((risos))

J. ((risos)) porque diz que es-estatística + a gente falava que era sinônimo de mentira + agora eu não menti + uma uma parte da da estatística + porque + o meu

L. [ãh]

maior sofrimento no no IBGE foi + não mentir ++ isso me esgotou muito + então:: lutava contra o informante + (tem::) na hora do licenciamento o pessoal ficava brigando <por que Bauru deu mais + maior população que Marília? ++ por que Rio Preto é maior que Marília?> falava <por que? + vai lá contar + eu não sou obrigado a saber porque foi feito o licenciamento + com o maior rigor + deu maior população + agora + porque que é maior?> então era uma guerra viu + a gente tinha atrito aí + principalmente com autoridade + na câmara municipal + porque na época os vereadores não eram remunerados + eles vinham:: + me procurava + para atestar maior população + <eu não vou fazer isso não> + então a gente tinha muito atrito + entende (disfluência) o que eu falo? + a estatística só é boa pra eles quando favorece + na hora de fornecer os dados + ((vozeamento gutural)) corretos eles não não fornece + (depois de muita briga) estranhava o acordo porque:: quem mente no fim sempre aparece né ++ chegavam lá <ah eu queria o número de veículos de Marília? + ah tem sessenta mil + ah o senhor está louco tem mais de cento e vinte mil + mas como assim? ah quem é que não vê? + mas isso não serve de base + qual foi o levantamento que vocês fizeram? + Marília tem quarenta e cinco mil prédio + como é que pode ter mais de cento e cinquenta mil veículos? é::> ++ mas era era cho-chocante viu ++ma::s eu eu cheguei lá + hoje eu não tenho nenhuma vontade de(ir naquela parte) + não vou mesmo

L. [era desgastante]

L. o que que o senhor mais gosta de fazer hoje?

J. (0.81) hoje? + mexer com ferramenta

L. eu ia falar assim fala verdade

J. (0.74) verdade

L. isso é verdade? + eu pensei que que o senhor fosse falar assim <ah eu gosto de ir lá na clínica que:: gosto de (...)

T. [eu também achei ((risos)) eu estava aqui ah::

J. não mas como:: + como primeira ocupação é mesmo + você vê que eu quase não falto né Juliana

E. não falta

L. o senhor falta mais da fono ou na fisioterapia?

J. (0.89) dos dois + gosto mesmo viu

E. [é mesmo]

L. não qual o senhor mais FALTA?

J. (4.49) (acho que em quantidades iguais)

E. [em nenhum dos dois]

L. a fisioterapia o senhor faz aonde?

J. (0.90) agora eu estou fazendo aí no asilo

L. ah:: tá

J. eu vou contar uma da da Percila

L. quem que é a Priscila?

T. Percila

L. Percila?

J. Percila + a primeira vez que ela me atendeu a segunda +

T. mas conta pra ela quem que é a Percila que ela não conhece não seu Jurandir

L. num sei quem é estou chegando hoje

J. (1.15) verdade? eu já lhe vi aqui

T. mas ela saiu e retornou só depois seu Jurandir

L. [eu estou (...)]

J. [ah foi?

L. eu estou VOLTANDO hoje

J. na verdade você esta voltando? + de férias?

L. [é] não de férias + eu me formei + fui embora pra Rio Preto + e agora eu estou voltando pra poder estudar mas eu não vô ficar morando aqui + eu tenho que trabalhar

J. [ai que pena]

L. que pena ((risos))

T. ela vem te visitar seu Jurandir

J. verdade?

L. mais ou menos uma vez por mês eu devo passar por aqui

J. (1.49) eu vou esperar ++ uma vez por mês né?

E. (((risos)))

L. + provavelmente só se o Lourenço estiver assim muito atarefado mas eu acho que uma vez por mês

J. (1.68) eu tenho uma sobrinha que está::: que vai estar fazendo estágio lá

L. lá onde?

J. em Rio Preto

L. estágio em que?

J. (2.10) em::: terapia

L. terapia?

J. é formou esse ano

L. fisioterapia?

J. fisioterapia ++

L. [ah:::] ela se formou onde?

J. aqui

L. na UNIMAR?

J. é +está contente lá viu

L. onde que é? no hospital?

J. (0.68) no hospital ++ é num é Erminda?

E. eu não sei direito + ela foi pra trabalhar numa numa clínica eh:: chegou lá já começou arrumar outros: trabalhos né outros:: + é ela tá muito contente lá viu

L. [ai que bom]

L. que bom mas é + e como é que chama? Percila? quem é essa?

J. (1.05) é aluna + ela ela assumiu a independência esse mês né + esse ano parece + naquele tempo ela foi me atende + ela falou <seu Jurandir onde o senhor está fazendo fisioterapia?> + falei que tava fazendo na UNIMAR + seis anos né Erminda? + seis anos + depois a Dona Virgínia que é a supervisora aqui

E. [é]

T. como é que ela chama a supervisora?

J. a supervisora

T. como que ela chama?

J. Virgínia ++ muito boa como vocês

T. [Virgínia]

T. ((risos)) imagina

L. estou começando a ficar encabulada

J. ((risos))

T. eu falei pra ele que ele me deixa com vergonha

L. eu estou começando a acreditar já

J. mmas é pra acreditar mesmo + ela me convidou:: + eu e a Erminda pra vim pra cá + aí eu falei que estava aí no asilo + a Percila olhou <nossa mas o senhor é muito novo pra ficar no asilo> ((risos)) ela pensou que eu tava internado no asilo + mas foi

T./L./E. [((risos))]

(desejável/ formidável) com ela viu né Erminda? <ai desculpa seu Jurandir> ((risos)) não que eu estou velho eu sei disso

T. mas que nada ela disse que o senhor estava novo seu Jurandir e está mesmo

J. aí depois ela falou que eu estava + eu quase acreditei

L. a velhice a velhice não está na idade está aqui está aqui ó + né tem tanta gente aí nova e já com uma cabeça de:: ultrapassada + acho que o senhor ainda é muito jovem tem muita juventude ainda pra viver + tem muito baile pra ir ainda

J. será?

L. ah tem eu estou sabendo que o senhor vai de vez em quando nos baile lá no asilo

J. ((risos)) (1.79) n-nós tivemos lá ((distorção)) + eu conheci (distorção)

L. a notícia corre

T. eu já dedei

J. ãh?

L. a notícia corre

T. [eu já dedei já]

L. gente ela trouxe o doce mesmo

T. {eu que contei

((filha de J. traz um pedaço de torta))

L. deixa pra depois a gente comer + ou o senhor quer comer agora? a gente pára

T. [é depois a gente come]

E. [não é pra elas (voltando-se para J. que queria o pedaço de torta)]

F. [eu não trouxe nem pra ele eu trouxe pra vocês]

J. [eu acho que eu:

L. [já aproveita e traz um pedaço pra ele]

F. ah é?

L. é ele come aqui com a gente pode ser?

J. (1.11) pode

F. pra você ver a mastigação dele?

L. é já aproveita e já vê tudo num é?

T. [é]

J. vê tudo ((risos))

L. ah já que está aqui

E. é:: isso mesmo

T. {é mesmo

J. {ma:s:: você falou que vinha pra almoçar ou jantar

T. eu volto depois seu Jurandir não tem problema pode comer agora que eu volto

E. [pode?]

de novo depois

J. será que acabou o sorvete Erminda?

E. ãh?

L./T. ((risos))

T. seu Jurandir desse jeito o senhor vai engordar a gente

J. sorvete não é comum

E. que bem?

J. o sorvete será que acabou?

E. a Norma vai buscar + mas ((sobreposição de vozes))

L. não mas só o bolo não precisava
 J. não mas só a opinião + depois
 E. [é que ela faz torta pra fora e ela tava fazendo um pra casa e outro pra fora
 L. [ah] [nossa]
 J. [eu prometi + eu prometi
 pra Juliana que eu ia dar um bombom pra ela hoje ++
 T. ah é? eu não tava lembrada não seu Jurandir
 L. [dá o que?
 J. (2.03) um bombom
 L. um bombom?
 T. o senhor está com a memória ó melhor que a minha
 J. ((risos))
 F. [posso por lá?
 L. pode
 E. ele é bomboleiro ambulante né ele::: (...)
 T. eu já ganhei bombom bala
 E. {é quando ele vai ele leva bombom tanto na fono quanto na fisio
 L. ai meu Deus
 T. que paciente bom olha só
 E. ((risos))
 L. o senhor não quer morar lá em Rio Preto? eu vou atende o senhor
 E. fala que <de Marília ele não sai>
 F. ele vai fazer um sacrifício agora que vocês vão ver + porque ele não gosta de bolo viu
 L. não?
 F. não + não gosta de doce
 T. {ai que pena
 L. {não gosta seu Jurandir?
 F. {não gosta pouco ((risos))
 J. {((sobreposição de vozes)) pareço formigão
 E. sorvete então minha filha
 L. o senhor gosta mais de que de bolo ou de sorvete?
 J. (1.12) ah: os dois
 E. os dois ((risos))
 L. se puder comer os dois o senhor come?
 J. (até já contornei controlei que eu tomava muito sorvete) + agora eu vou tomar água a
 Juliana vai falar um pouco
 T. está gelada?
 J. (0.80) num está
 T. não?
 F. vocês querem água?
 T. não obrigada
 E. depois do bolo elas tomam ((risos))
 L. pode bebê
 J. {vocês querem tomar?
 T. não obrigada
 J. esse aqui minha:: minha filha trouxe + dos Estados Unidos no mês:: de outubro + (o que
 era mais prático ((distorção)) pra mim era isso)
 T. prático
 J. é
 L. o senhor é chique hein garrafinha importada

E. ((risos))

J. pois é

L. o senhor é um luxo

J. (1.45) não ofereço porque é anti-higiênico né

T. ((risos))

((J. pára para beber água))

J. de primeiro eu levava lá na fono esse de ((distorção)) + esse aí

L. qual?

E. aquele vidrinho pequenininho

L. aquele ali?

E. é

J. ((distorção)) + acho que foi a Ana + não não foi não + foi a Élis + eu já falei dela pra você

T. acho que não

L. como é que é nome? acho que eu::

J. (0.58) você conheceu + Élis

L. a Élis?

J. é

L. uma bem morena?

J. (0.62) e bonita

L. bonita?

J. muito bonita

L. + ah então eu conheci o senhor sim eu era de uma turma antes

J. num diga + conheceu eu estou falando que você lá ((disfluência))

L. quem foi a primeira fono do senhor? o senhor lembra?

J. foi a primeira

L. a Élis?

J. é

L. + ah:: então não porque quando a Élis começou a atender eu saí da clínica ++ foi em noventa e cinco que o senhor ((sobreposição de vozes))

T. [((sobreposição de vozes))]

J. quem estava na mesma época + era oh:: Heraldo

L. ah o Heraldo é da minha turma

J. (1.01) seu primo?

L. da nossa TURMA ele se formou comigo

J. [ah da sua turma

T. o Heraldo foi terapeuta dele

E. é

L. ah não acredito

J. (0.62) é + ele esteve aqui em casa

E. [foi]

L. o Heraldo?

J. o Heraldo + fiz amizade com ele

L. ai gente eu não posso tá tão ruim assim

E. porque?

L. de eu não lembrar eu guardo todos os pacientes eu guardo eu lembro de até + o senhor lembra do seu Antônio?

J. + (1.71) ((murmúrio))

E. {que tinha Parkinson?

L. que tinha Parkinson do olho azul

E. é aquele seu Antônio

J. ah sim sim

L. então eu atendi ele

J. (1.68) não diga (...)

E. [então e nós íamos] [ah lá na fono você atendia né?

L. é lá na clínica

E. não nós o conhecemos na fisio não foi ?

J. {(ah eu conheci)

J. ã?

E. foi na fisio que nós conhecemos seu Antônio não foi?

J. na UNIMAR

E. na UNIMAR

J. [não mas eu já conhecia seu Antônio há muitíssimo + por sinal eu fiquei muito

E. [bom eu sei + mas na época]

chateado quando eu vi ele lá na + na UNIMAR ele tava me reconhecendo e eu não tava reconhecendo ele + foi desagradável viu

L. é igual o senhor está me reconhecendo e ((risos))

T./E./J. ((risos))

L. me perdoa

J. (3.14) mas aí um:: dia ele falou pra mim você eu estava fazendo fono + eu falei que não ele falou <você não quer ir lá na:: na UNESP?> + ele já estava de cadeira de rodas naquela época <óó:: seu Antônio não não pensei nisso> eh:: ele falou <eu vou falar lá se surgir alguma vaga pra você> + daí dois dias ele nos encontramos lá novamente e ele falou <eu falei mandaram você aguardar uma telefonema> e me telefonaram foi um grande dia pra mim + fiquei conhecendo figuras lá que: fabulosa + dignas + dignas de serem (imitadas)

E./T. [(((risos)))]

L. [figura ((risos))]

L. escuta vamos parar a gente come + pode ser?

J. pode comer

T. o senhor também